

CONTECENDO
ACOMODAS

CANTANDO. E SPALHAREI. POR TODA A PARTE.

HISTORIA
CIENTIFICA

ARTES
LITTERAS

REVISTA MIGUELENSE

Proprietario, director e edictor—AYRES JACOME CORRÊA

Redação e administração

RUA DO COLLEJO N.º 13

PONTE DELGADA S. MIGUEL AGORES

Os direitos de propriedade são todos da Revista salvo para os artigos que trouxerem menção especial

Composição e impressão

Officina de Artes Gráficas

RUA JOÃO CHAGAS PONTA DELGADA

Cópia e tradução interdittos

Preço annuo: 1 Esd.

ANO I

S. MIGUEL, NOVEMBRO DE 1918

N.º 3

CHRONICA AGRARIA

III

A produção de gado e seu apuramento—Diminuição da população bovina—Adu-
lbos chimicos e sua influencia nas lavouras—A arte de tratar
d'um pomar e de melhorar as culturas

Atli por princípios do anno de 1889, chegou a esta Ilha um reproductor das Caudelarias nacionaes enviado pelo Ministerio de Agricultura.

Como o Senhor José Maria mostrou á Junta o desejo de lhe entregar o cavallo, o Veterinario Districtal, Senior José Pedro de Jesus Cardoso, entrou em trabalhos para a estabulagem do animal e fixou-se n'um repartimento do Matadouro Municipal da Nordella que a Camara Municipal estava construindo e que cedeu á Junta de bom grado; ficou assim estabelecido o Posto e a Commissão Executiva da Junta Geral de 1889 n'um orçamento supplementar inclue uma verba de receita do Posto de 100 mil reis. Não iria longe essa receita porque o cap. 3 art. 3 que exigiu no Regulamento elaborado depois a remuneração dos serviços prestados pelos animais foi supprimido em presença da reluctancia que os lavradores mostraram para o pagamento dos serviços do reproductor.

Em 1890 chegou o outro cavallo que a conselho do Senhor Veterinario a Junta requisitor do Ministerio de Agricultura e de de Abril (22) a 11 d'outubro o Cavallo Mephistopheles e o Cavallo Eclipse de 7 de Maio a 23 de out. prestaram serviços. Este ultimo foi conservado sempre com grande empenho para a reprodução dos hybridos.

Um puro sangue inglês Dant foi empregado no apuramento das raças desde 1898.

Em 1901 o Senhor José Maria Raposo mostra desejo de fornecer á Junta o cavallo do Governo Hankey Achilles e entregava-o em Janeiro de 912 a seguir ao qual veio o Felton em Abril de 904, e Rigolito e ultimamente o Uterus todos sangue inglês e luso arabe.

A obra do Senhor Cardoso pode-se dizer que é desde que se deixaram de fazer as feiras annuaes para as quaes a Junta Geral e os Municipios deram premios pecuniaros, o unico eslorço de caracter administrativo que existiu durante 15 annos a auxiliar os creadores de gado no apuramento das raças.

Este lacuno-o quadro prepara o leitor a apreciar qualquer trabalho estatístico sobre o assumpto.

Animaes de raças cavallar, muar e asinino's no Districto de Ponta Delgada

Anno:	Cavallos	Valor mil reis	Mulas	Valor mil reis	Asnos	Valor mil reis
1852	597		1213		7814	
1862	835		1500		7258	
1870	852	30.000	1771	54.200	7167	76.400
1906	1946	49.400	2815	67.500	8558	95.000

O Senhor José Pedro de Jesus Cardoso constatando os benefícios, porque elles cresciam de mez para mez, pensou logo em estender a acção ás raças productoras de consumo.

Desde 42 a 89 a Sociedade d'Agricultura trabalhára bem pelo apuramento d'essas raças e os resultados a obter com as introduções de reproductores de raça hollandeza e normanda para o gado bovino.

O Senhor José Camavarró de Faria e Maia então o agronomo do Districto juntou-se ao Director dos Serviços Pecuários e abriram ambos a cruzada. Quer o leitor saber em que estado estava a raça bovina do Districto de Ponta Delgada? Basta citar os seguintes factos: Em 1852 o numero d'animas bovinas no Districto era de 20341, em 1905 apenas excedia os 29 mil, e o peso medio do animal de consumo diminuiu de 2 kilos e algu. mas grammas; e o consumo que era em 48 de dois mil animas em 1905 era de 3552.

Chamo a attenção do leitor para os quadros que se seguem.

Abatimento de Animas no Concelho de Ponta Delgada

Anos	Bovinos	Porcinos
1848 1. ^o semestre	938	483
1852 todo o anno	2410	1307
1893 idem	2106	732
1895 idem	3552	1613
1910 idem	2700	868
1916 idem	2522	1249

Media por semana nos annos de 1848 1905 e 1916 39,74 e 52 animas de raça bovina.

Consumo de carnes dos talões

Annos	Bovinos	Porcinos
	kg.	kg.
1842	266,250	99,953
1862	212,731	94,412
1910	393,350	89,729
1916	378,135	117,952

Peso medio de cada animal no anno de 1842

Bovino: $\frac{266,250}{150}$ = 1,775
no anno de 1916, $\frac{378,135}{270}$ = 1,399

Porcino: $\frac{99,953}{100}$ = 0,999
no anno de 1916, $\frac{117,952}{100}$ = 1,179

Temos portanto um acrescimo de consumo de carne de vacca em presença d'uma diminuição de população animal (1). Se a matança mensal era em 1848 de 150 cabeças de gado bovino em 1893 era de 183 e em 1916 era de 212, e o numero d'esses animas em todo o districto era de 20341 em 1852, e em 1916 de 18.559 apenas, ou seja uma diminuição de 45,9%. Temos portanto que enquanto a diminuição d'animas bovinas se dava n'uma percentagem de quasi 45,9% o augmento do consumo da carne d'esses animas foi n'uma percentagem de 39,8%.

O senhor Cardoso no seu relatório do anno de 1904 mostrou a necessidade de a Junta velar pelos gados do Districto e para apoiar as suas considerações cita os seus valores que eram de 391.239.629 rs. A industria leiteira no Concelho de Ponta Delgada comprehendia 1698 vacas no valor de 59.439.099 reis, sendo a produção do leite de 1.222.569 litros no valor de 48.992.499 reis, dá 24 litros por cabeça.

O Senhor Cardoso mostrava que muito se podia fazer em beneficio da raça augmentando o peso do animal que era de 250 kilos para os bons especimenes e a produção de leite que era de 1825 litros annuaes. Era de toda a conveniencia que a Junta continuasse com os bons trabalhos da Sociedade d'Agricultura no apuramento de raças por meio de cruzamentos. Para isso o Senhor Cardoso pedia á Junta o estabelecimento d'um posto zootecnico no campo d'experiencias junto ao mercado de gado de S. Gonçalo, e a compra de dois touros normandos reproductores.

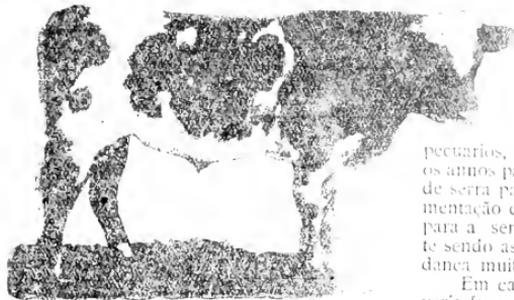
A cultura dos pastos artificiaes com sementes importadas tambem era alytrada á Junta para que desse auxilio ao E-vrader no custeio da sementeira e na obtenção das sementes.

Alguns lavradores do Concelho de Ponta Delgada tinham com grandes resultados feito varios ensaios já. Consultado o Agronomo Districtal este indicou uma mistura de sementes do peso de 4.190 kilos para um alqueire de terra composta das seguintes forragens:

Dactylis Glomerata.....	1.619 kilos	Panasco
Pheum pratense.....	9325	—
Agrostis dispar.....	0.320	—
Solum perenne.....	1.285	Azevem
Trifolium repens.....	0.260	Trevo da Bretanha ou branco
Lotus Villorus.....	0.065	—
Trifolium pratense.....	0.260	Trevo dos prados
Plantago Lanceolata.....	0.065	Tanchagem
	4.190	

(1) Não tenho estatísticas de consumo dos outros Concelhos da ilha mas creio bem que o consumo deve ter augmentado em todos os Concelhos.

Os fornecimentos das pastagens artificiaes eram feitos com 2/3 de desconto do preço da compra das sementes. Para isso a Junta abriu uma inscripção aos lavradores que declararam o numero de alqueires de terreno que queriam plantar de pastos artificiaes. As



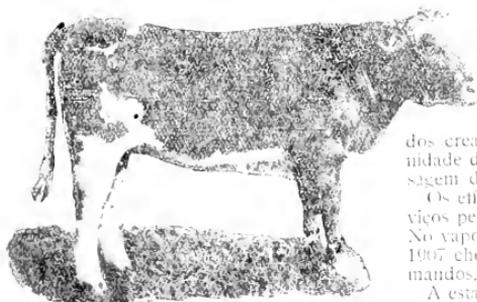
Bezerro Normando

terno preço de 17.284 reis, sendo empregada uma tonelada d'escoorias de desphosphoração para adubo, contendo cal, cujo preço foi de 27.000 reis.

Estavam estabelecidos os principios que formariam mais tarde a base de toda a politica agraria da Junta Geral do Districto e em prol do melhoramento das raças dos animaes cujas creações servem d'alimento ás populações. Já então findára a sua missão a Sociedade d'Avicultura cujo fim tinha sido esse mesmo melhoramento de raças d'aves, e a propagação de creações.

Logo no primeiro mez de 1905 foram compradas as sementes. O Senhor José Canavarro de Faria e Maia que ia representar o Districto no Congresso de Lisboa dos lacticínios expoz todos os projectos em execução da Junta Geral de Ponta Delgada e tratou na Capital da obtenção de dois touros normandos e de dois carneiros de raça ingleza do Hampshiredown. Fazendo immediatamente para si a acquisição de dois mernos hespanhoes, o Senhor Canavarro ofereceu-os á Junta com uma dedicação pelos interesses collectivos do Districto que elle sempre mostrou no desempenho das suas funcções no decorrer da sua brilhante carreira e infelizmente tão curta.

Em 1906 foram distribuidas as primeiras sementes para 30 alqueires de terra divididas pelos diferentes Concelhos nos seguintes lotes de terrenos: Ponta Delgada—7 alqueires, Lagôa—13 alqueires, Villa Franca—5 alqueires, Ribeira grande—3 alqueires, Povoação—2 alqueires.



Bezerro Normando das creações do Senhor Eugenio da Canavara

se iam estabeulando os animaes. O Senhor Manuel Cordeiro á Grothina dos Arrifes e o Senhor José Moniz Feijó ao Livramento ficaram com os touros, os Srs. Dr. Diniz Moreira da Motta no Termo da Lagôa e Antonio José Canavarro de Vascellos á Carreira da Fajá de Cima tomaram os carneiros.

hervas vinham do estrangeiro porque tinha sido verdadeiramente a importação d'hervas de fóra da ilha a razão da criação dos serviços do provimento das sementes e adubos com o desconto.

A pequena variedade de pastagens obrigava os lavradores a mandarem os animaes a voltas, o que lhes custava, segundo diz o Sr. Director dos serviços pecuarios, a 2500 reis por cabeça. Parece que todos os annos para cima de 4000 animaes vão dos serrados de serra para os pastos da beira d'agua mudar d'alimentação e muitos gados da beira mar veem tambem para a serra. O gosto das duas hervas é bem diferente sendo as da beira mar salgadas e portanto a mudança muito apreciada dos animaes.

Em cada Concelho fóra o de Ponta Delgada se deveria fazer o cultivo d'estas hervas para prado permanente em dois alqueires de terra, e para isso a quantidade de sementes foi de 41.000 kilogrammas de peso

Na Ilha o Senhor José Feiro de Jesus Cardoso continuava na sua campanha em favor dos creadores e lavradores mostrando á Junta a oportunidade de negociar com as carreiras de navegação a passagem de gado para Lisboa por 3 mil reis por cabeça.

Os effeitos da actividade dos dois directores dos serviços pecuarios e agricolas não se fizeram esperar muito. No vapor Funchal da Empresa Insulana de julho de 1907 chegaram os carneiros inglezes e os touros normandos.

A estabelagem dos animaes ia ser feita pela forma ambulante como organisara a Sociedade d'Agricultura para os seus reproductores; conforme as requisições que fossem apresentadas á Junta Geral pelos lavradores assim

Os lavradores estavam trabalhando e d'ahi a bôa actividade dos dois Directores dos serviços administrativos; e pelo quadro que se segue o leitor avaliará do augmento que teve no Concelho de Ponta Delgada a exportação para Lisboa de gado bovino e os valores que essa exportação representa.

Exportação d'animaes para Lisboa

Annos	Bovino — Cabeças	Valor medio por cabeça em
1864—65	50	1864—65 —40 mil reis
1908	110	1908 —64 mil reis
1910	105	
1911	125	
1912	144	
1913	386	
1916	527	1916 —80 mil reis

Por isso o Senhor José Canavarro pedia á Junta em 1910 que se estendessem os reproductores a todos os Concelhos; já em novembro de 1907 o Senhor Canavarro pedia que os agricultores beneficiassem dos adubos chimicos já que beneficiavam nas sementes para pastos artificiaes.

Rapido foi em todos os sentidos o incremento que tomaram os serviços prestados á agricultura e á pecuaria. Os lavradores reconheceram a utilidade d'elles e aproveitaram-se d'elles.

A sementeira em 1910 foi para 450 alqueires. Em 1913, 21 lavradores beneficiavam dos prados artificiaes em que empregaram 333.500 reis de semente e 280 mil \$15 reis de adubo chimico; e no anno de 1914 a sementeira era de 696 alqueires custando 1.660.000 reis e comprehendendo uma tonelada e meia de semente. Os prados estavam então a serem obtidos com a luzerna da Provença, a Sulla ou sanfeno d'Hispanha, e com opunzia (ficus indica); todas hervas d'importação estrangeira. Os resultados manifestaram-se sobretudo nas quatro enterites de caracter vertiginoso que atacavam os gados e que o Snr. Intendente de Pecuaria attribuia ao abuso do tremçoço, esplendida forragem mas que deve ser alternada na comida dos gados porque a sua natureza stringente que forma a sua constituição é lhes prejudicial. Além da variedade de comida que vinham offerecer aos animaes, as forragens d'importação levaram muitos lavradores a desbravar os terrenos dos mattos.

Era a novidade; e a utilidade ligada a ella enthusiasinou muito agricultor.

Os novos prados se não produziam abundantes hervas como o tremçoço (com excepção para a luzerna) despertavam nos animaes mais appetite e elles comiam com mais vontade. Não é facil avaliar o peso dos animaes em media pelas estatísticas fornecidas á imprensa pela direcção do matadouro municipal porque ás vezes nem toda a carne é fornecida aos talhos e pode não haver especialisação d'ella nos boletins. E depois, tambem nunca são muito regulares as estatísticas dos consumos quando se vae a procurar a media dos pesos dos animaes. Assim no Matadouro Municipal de Lisboa a media do peso dos animaes bovinos mortos (media extrahida dos adultos) foi de 264 em 1905, foi em 1911 de 260,6, kilos, em 1916 foi de 249,3 kilos e em 1909 foi de 258,7 kilos. Nas estatísticas do matadouro municipal não se descreve o animal adulto do animal adolescente e a media é muito mais baixa. Vamos citar 4 annos de media dos pesos dos animaes abatidos na Nordela para o leitor poder apreciar a sensivel differença que se tem dado no peso medio do nosso gado michaelense.

Annos	Animaes	Peso	Media
1909	1334	196.847 kilos	147,505
1912	2731	397,166 »	175,428
1913	2417	342,080 »	141,488
1916	2522	378,135 »	147,562

Mas voltando á historia dos prados artificiaes e aos animaes reproductores vindos do estrangeiro para os cruzamentos com as raças illhoas; os seus resultados em presença das opiniões dos lavradores

determinaram o Governo em 1914 a crear um posto zootechnico como já fizera para certos districtos dotando-os com 1.500,000 reis annuaes destinados á sua manutenção e desenvolvimento.

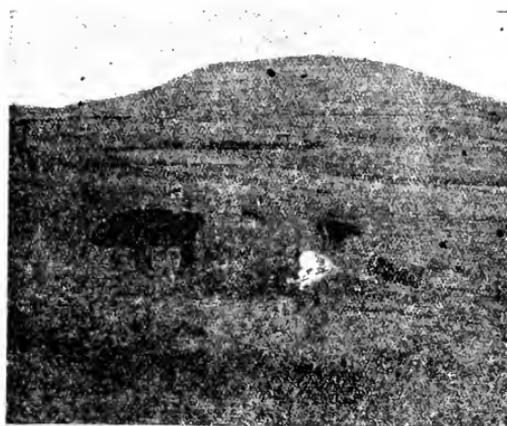
O decreto que creou o posto data de 29 de junho do anno e intimava a constituição d'uma direcção para determinar o funcionamento d'elle. O Senhor Intendente de Pecuaria dirigiu-se a duas pessoas competéssimas, um é o actual Regente Agricola o Senhor Luiz Borges Bicudo tão conhecedor do meio agricola e tão proficiente nos processos da sua arte; o outro é o Senhor Eugenio da Camara, hoje o mais notavel cultivador pelos seus trabalhos d'arroteamento da Achada das Furnas.

Para completar a obra do Snr. Eugenio da Camara a Junta Geral do Districto devia pôr em execução o que em 1849 os procuradores d'essa epocha trataram pôr em pratica. A proposta que foi do Senhor José de Bettencourt Rebello Borges depois de approvada na generalidade foi entregue a uma comissão da qual faziam parte os Senhores André Manuel Alvares Cabral, João Silverio Vaz Pacheco de Castro, o Doutor Augusto Machado de Faria e Maia e o auctor. Depois de discutida na reunião de 28 de novembro foi resolvido incluir na Consulta ao Governo como era costume dirigir no fim da epocha da sessão. O plano d'essa proposta era conceder regalias de contribuições e impostos por muitos annos aos individuos que se estabelecessem na Achada e construissem alli casas de residencia. Da formação d'uma aldeia dependia o arroteamento dos matos que seriam arrendados aos habitantes por preços convidativos.

O Senhor Eugenio da Camara tem largos tractos arroteados e continua no trabalho. Possuidor d'uma boa manada, e fabricante de manteiga, ninguém melhor do que elle conhece a lavoura da sua terra.

O Senhor José Pedro de Jesus Cardoso não podia recorrer a pessoas de mais competencia para dirigir o posto zootechnico e assegurar-lhe o melhor futuro. O posto zootechnico está destinado a ter influencias definitivas no apuramento da pecuaria districtal.

O posto hippico que o Senhor Intendente da Pecuaria tem como o grande factor do melhoramento das raças mular e cavallar no Districto é bem o exemplo que não admitté duvida a que do tão preconisado Posto Zootechnico pelo activo veterinario se obterá muito brevemente resultados mais positivos d'aquelles que se obtiveram até hoje com os animaes reproductores estabelecidos em lavoi-



Serrado na Lavoura dos Frades de Vera Cruz do Senhor Francisco do Couto Bettencourt

ras particulares beneficiando parcialmente os gados.

No quadro que transcrevemos nota-se uma sensível progressão no consumo; no peso, as alternativas dos diferentes annos não marcam augmentos. A razão é a mesma talvez, em parte, a que já citamos quando fizemos referencia ao gado bovino, mas ha tambem a attender que a engorda dos porcos da genuina raça michaelense muito pretos, de sedas hirsutas e mal semeadas, orelhas pendentes, lombo arqueado, de formas excessivamente agigantadas, no typo do vello porco normando, que davam grandes pesos tem sido posta de parte e substituida pelas do cruzamento com os porcos inglezes de pequenas dimensões que segundo a opinião corrente são animaes que engordam mais depressa e produzem mais banhas.

O gado lanigero, quanto a sua população e consumo, tem soffrido as seguintes modificações atravez os tempos.

População no Districto

Annos	Lan.
Em 1815—	18,000 (lan. e cap. reunidos)
Em 1852—	20,320
Em 1862—	14,203
Em 1870—	17,775 seu valor 10,010,103 reis
Em 1900—	20,855 seu valor 18,096,335 reis

Consumo no Concelho de Ponta Delgada

Annos	Animaes	Carne limpa
1862	525	7619
1910	372	12,122
1916	802	10,197

O Gado Caprino aprecia-se no quadro abaixo.

População no Districto desde 1815

Annos	Numero d'animaes	Valor (valores servidos e reuaidos)
1815	18,700	(cabras e carneiros reunidos)
1852	14,927	6,300,000 reis
1862	8,768	5,000,000 reis
1879	13,277	12,000,000 reis
1906	12,931	18,000,000 reis

Consumo de carne de porco no Concelho de Ponta Delgada

Annos	Numero d'animaes	Carne limpa	Media do peso
1910	868	82,256	94,76
1911	606	80,283	98,22
1912	10,956	97,186	92
1913	814	89,455	98,84
1916	1,249	117,952	94,43

Quanto ao consumo de gado caprino foi sempre escasso e não figura nas estatísticas; só em 1913 o Director dos Serviços Pecuários incluiu 5 cabeças com o peso de 70 kilos.

População porcina do Districto desde 1815

Annos	Animaes	Valores
1815	59,000	100,000,000 reis
1852	25,383	65,000,000 reis
1862	31,234	160,310,000 reis
1879	20,526	160,193,219 reis
1911	27,830	126,000,000 reis

Os trabalhos d'apuramento de raças mereceram ao Senhor José Pedro Jesus Cardoso a melhor parte da sua attenção e actividade. A acção da Sociedade d'Agricultura manifesta-se bem no sensível augmento que se verifica no gado bovino no Districto desde 1893 para cá. Os creadores e lavradores não foram indiferentes aos trabalhos da Sociedade. Se o peso medio do animal não augmentou progressivamente augmentou de facto como já o mostrou no quadro estatístico atraz. O uso dos sillos segundo o Senhor Cardoso devia completar o uso das voltas e dos pastos artificiaes. Sem os sillos que no inverno e no verão enchem as mangedeiras dos animaes de boa e forte herva que durante os mezes da abundancia vão sendo acmulados em reservatórios adequados acompanhados de camadas de sal e conservados assim mais frescos do que a folla de gavella empilhada a secco nos cañões; sem os sillos não se pode realizar uma vasta enxada. O Senhor Cardoso não confia apenas nas nossas forragens alimentares de reconhecida qualidade, porém, como são o tremoco, o trevo, a ortiga (a ortiga é fermentada em meia cozedura), o pastel, a fentilha e herva do matto, etc.

É possível tambem que o preço do creador, treceios que se verificam na falta absoluta de industrias que tratam exclusivamente d'essa industria quasi todos exercendo-a conjunctamente com a lavoiira, venham das grandes despesas que a industria impõe as quaes não são recompensadas como deveriam pelo preço que obtem os animaes nos mercados.

Actualmente o preço medio entre o gado adulto e o adolescente é de oitenta mil reis a cabeça segundo a declaração do senhor Intendente da Pecuaria Districtal, e se encarmos a exportação que é um grande factor da riqueza para a industria nós vemos que o frete para cada animal é de 36,250 reis e que as latas de manteiga pagam 19 mil reis o metro cubico.

Compensação a elevação dos preços nos mercados de Lisboa por 1,000 reis o kilo o preço da carne e 1,500 o kilo da manteiga.

Todos os michaelenses se devem empenhar que ás industrias das criações de gado da lavoiira e dos laticínios esta ligada a riqueza publica, e a Junta Geral do Districto mais que toda a gente, já pelo que tem trabalhado já pelos varios serviços que lhe estão abertos, avalia os trabalhos n'esse sentido que pode auxiliar com o desenvolvimento da politica agraria.

A Junta Geral deve subsidiar o actual posto zootechnico creado pelo decreto de 29 de junho de 1914 para o qual o Governo dá um subsidio de 1,500,000 reis.

É com esse subsidio que se poderá prestar homenagem a lavoiira da Ilha de S. Miguel. Desde que os cubos chimicos vieram promovidos pelo commercio e fiscalizados pelos delegados agricolas nos Districtos, aompostos sob bases scientificas, supplantar os adubos vegetaes e animaes, as lavoiiras ficaram na segun-

da plana das necessidades da agricultura. Como no Districto nunca foi organizada uma empresa de preparação de adubos e guanos para o aprovisionamento dos agricultores, estes foram lançar mão dos adubos chimicos já preparados nas fabricas do Continente e que eram vendidos em saccas pelas casas commerciaes da Ilha.

O adubo chimico é um producto d'origem allemã o qual, apesar das discussões a que deu lugar sobre a utilidade do seu uso em França e por todos os outros países onde as tradições aconselhavam o emprego dos velhos adubos vegetaes e animaes generalizou-se por todo o mundo. Várias circumstancias concorreram para essa generalisação.

Em 1843 e 1844 nos Estados Unidos da America e pelo Canadá appareceram nos batataes uma doença que no verão de 45 invadiu as culturas do Centro e Norte da Europa com a mesma intensidade e gravidade. A Irlanda, cuja riqueza agraria provinha da cultura d'aveia e de batata soffreu tal vez de dez annos depois o recenseamento da população de 8 milhões d'habitantes apenas accusou 6 milhões, a emigração proveniente da pobreza, a mortandade provocada pela fome e pelo mal estar da vida, tinham levado à desolação constantemente crescente uma ilha prospera e fecunda. As folhas da planta da batata começavam a amarellecer e a emmoedarem-se de manchas pretas que a breve trecho passavam para a haste. A alimentação da planta deixava de ser regular e o tuberculo cobria-se tambem de manchas pretas e essas manchas, sobre a epiderme alastravam a corrupção à massa no interior em forma de espigão e depois ao resto da batata que ficava seca e inutilizada.

Durante muitos annos a doença que na America fôra conhecida por *casagui* e na Europa por *gangrena escura ou humida*, alastrou por toda a parte, ameaçando de ruina os cultivadores, assustando as populações e preoccupando os homens de sciencia. Todos trabalhavam por tentativas e por experiencia para darem cabo da molestia. Durante vinte annos se combateu a doença, cuja origem foi determinada na creação d'um cogumelo microscopico designado pelo nome de *betrytis infestans*. Este cogumelo logo que a temperatura baixava mais começava a apparecer dando lugar ao desenvolvimento de certos tecidos que ao mesmo tempo que cresciam acompanhavam o parasita na sugação da polpa das batatas.

Estava então o sabio Barão Justus de Liebig a estudar os processos praticos de restituir à terra os elementos que as diferentes culturas lhe tiravam, sem recorrer à lavoura ou aos adubos vegetaes ou animaes ou guanos. Liebig reconhecendo e tendo mesmo por principio basico que o adubo era a vida da agricultura collocou toda a ideia de produção na rectificação dos terrenos.

As leguminosas que absorviam muita cal, era preciso dar-lhes cal, aos cereaes que requeriam azote para o seu crescimento era necessario fornecer-lhes azote. A velha sança agricola dos adubos aceite por todos como indispensavel era explicada pelos agronomos, pelos cultivadores e pelos chimicos por formas diferentes mas uma grande maioria adoptava o sistema de applicação Liebig. Assim o Dr. Ferreira Lapa que em Portugal se notabilizava pelos estudos de chimica agricola tinha a forma seguinte para base dos resultados das experiencias: é preciso materia a transformar para se produzir. Os seus estudos de laboratorio foram utilissimos para a agricultura.

Uma das experiencias que ajudou a propaganda e o triumpho dos adubos chimicos foi a exercida na doença da batata por Ville em França.

O adubo que vulgarmente secco (analyse Boussingault, da epocha), continha 65,80 partes de carbone, hydrogenio e oxigenio, 2 d'azote e 32, 20 de cinzas mineraes, soffria na sua confextura vulgar, insignificantes modificações; porem com a applicação dos elementos separados e fornecidos conforme a natureza das plantas, os resultados obtidos foram semelhantes aos que exerce o opio ou a morphina na imaginação das pessoas; prodigrosos. Não se constando effeitos prejudiciaes nas plantas como infundem nos individuos estes narcoticos, a generalisação do seu uso foi rapida, havendo a facultade de se dosar as quantidades do elemento necessario para a pessoa que o fornecia à terra que se achava plantada ou semeada.



o sangue normando n'um curral ao ar livre da granja do Lamieiro

Ville fez ensaios nos batataes e constatou o que Liebig publicára nas leis naturaes da agricultura sobre a cultura que o seu elemento essencial era a potassa. Tratando as terras com potassa não só os resultados obtidos eram excellentes mas o crescimento das plantas e dos tuberculos dando-se naturalmente sem esforço, provocou o robustecimento dos batataes e conjuntamente o desapparecimento da gangrena. Estavam salvos os batataes; e com a saúde dos batataes estava lançado o padrão de reclame pelo mundo fóra da applicação dos adubos artificiaes ou chimicos. E se acerescentarmos que não tardava muito que se descobrissem as celebres minas de potassa de Stassfurt proximo de Magdeburgo na Prússia, teremos creio que completado o rol das materias que concorreram para o combate da doença dos batataes e para uma das grandes revoluções que soffreu a agricultura na sua historia.

A experiencia de Liebig feita no jardim botânico de Munich consistiu em plantar a mesma quantidade de batatas com o mesmo peso na mesma quantidade de terra em trez caixas sómente com terras preparadas differentemente: uma era de turfa pura; a 2.^a de turfa com 863 grammas de phosphato de ammoniaco, 383 de sulfato de ammoniaco e 378 de carbonato de ammoniaco; a 3.^a tinha na turfa 600 grammas de phosphato de soda, 250 de phosphato de potassa, 700 de carbonato de potassa e 500 de gesso. A quantidade de terra era de 720 litros pesando 238 kilogrammas para cada caixa que media 150 centimetros de comprimento por 50 de largo e 45 de profundidade.

Os resultados da cultura para a produção da batata foram os seguintes:

	Turfa pura	Turfa e ammoniaco	Turfa e potassa
Grammas	2,520	3,062	7,201
Relação	100	121	285
Peso da semente	7,6	9,7	21,7

A colheita por hectare seria de 14,000, 17,011 e 49,006 kilos.

Logo na experiencia foi constatado pelo Barão de Liebig que as batatas da terceira caixa da cultura com potassa foram as unicas que escaparam á gangrena.

Em 1808 o problema em estudo pelos amigos da Agricultura e pelos chimicos já não era o da demonstração pratica da efficacia do emprego dos elementos productores na agricultura mas sim o da busca e composição d'esses elementos para o seu emprego.

Em Portugal Ferreira Lapa e C. S. Luz preconisavam a obtenção da potassa pelas salinas como fazia o industrial Balard em França, que obtinha esses saes e magnesia das aguas mães das salinas. Os velhos processos d'obtenção de potassa pelas cinzas dos vegetaes não podiam servir para a potassa a empregar na agricultura porque tornariam os trabalhos excessivamente caros. As minas de Stassfurt baratearam a venda da potassa mas os transportes a grande distancia para paizes estrangeiros ainda oneravam os saes; d'ahi as tentativas de Balard e a propagação de Lapa e de Luz em Portugal.

A forma preconisada era simples. As aguas ao deixarem depositadas nos taboleiros das salinas o sal, ao retirarem-se, o que era feito quando o areometro marcava 28 g.^m, deslocavam para outro taboleiro igual ao primeiro ficando expostos á evaporação até atingirem um grau de concentração correspondente a 32" do areometro; os saes ali depositados teriam a composição do chloreto de sodio e sulfato de magnesia com os quaes se poderiam fabricar o sulfato de sodio, passando a agua para um terceiro taboleiro e soffrendo a concentração igual a 36" do areometro ficava ali depositado outro sal que é o sulfato dobrado de potassa e magnesia e cuja composição é igual a 45 por cento de sulfato de potassa puro ou 29 por cento de potassa; a agua d'esse taboleiro dava duas doses de saes, a questão era depois da primeira extracção conservar ainda a agua para outro deposito. Os saes de potassa das salinas tinham a vantagem para a agricultura de serem, devido á percentagem da magnesia, os mais apreciados para o crescimento das plantas e sobre-



Monumento a Ferreira Lapa erecto no adito da Tapada d'Ainda por ocasião da inauguração do Edificio do Instituto Superior d'Agricultura em 18 de Novembro de 1917

serem, devido á percentagem da magnesia,

tado dos cereaes, a sua percentagem de potassa que era como a de vinhos de 20 por cento no sal das salinas, nos saes das minas de Stasfurt era apenas de 10 por cento. O resultado dos trabalhos de Liebig foram que, em menos de trinta annos, estava a Europa semeada de fabricas de adubos chimicos que se tinham tornado os grandes auxiliares da agricultura; eram os phosphatos, os nitratos, os calcareos, os ammoniacos, as potassas etc: a industria estavam ligados os operarios, os materias e o pessoal de condução, os servicos de transportes, e os capitães destinados á compra de machinas que rodavam por milhares de contos de reis em Portugal. O consumo succedeu-se com rapidez ao fabrico e o contra-tempo que soffreu na sua marcha foi apenas a falsificação que os Governos, as Camaras Legislativas, as corporações districtaes e municipaes tentaram combater garantindo o cultivador e estabelecendo o controlo por meio das analyses elaboradas nos laboratorios e facultadas ás delegações agricolas.

A necessidade das lavouras diminuiu porque muitos servicos agricolas antes executados com o auxilio de animais passaram a ser feitos por machinas, e as criações de gado que eram os resultados das lavouras, muitas vezes, tambem se tornaram uma industria secundaria na vida rural. A agricultura, com a industria dos adubos chimicos, em vez de ser a auxiliar das criações dos gados, dos quaes por sua vez, se tornaria dependente a riqueza agricola, foi inutilizada por elle. E contudo não só os bons principios de economia agraria aconselham as lavouras na industria agricola como a propria sciencia agricola discute a superioridade dos efeitos da produção entre os adubos naturais e os adubos chimicos. O velho uso do emprego dos adubos em nada podia soffrer, quanto á sua positiva efficacia, e as novas praticas do adubo chimico vieram chamar explicações e argumentos para provar que centenas de seculos de experiencia não se podiam alterar em meia duzia d'annos como demonstrações que apenas provavam que os novos processos d'enriquecimento do solo não eram mais do que variantes e melhoramentos do emprego dos estercos. Novas theorias o provaram; a recente sobre o desenvolvimento da *bacteria*, base de todo o calcareo e ammoniaco fornecido e desenvolvido no terreno, era certamente a mais interessante. O chimico e agronomo Bathoniley em Inglaterra tornou-se o pioneiro d'esses estudos para a demonstração da utilidade do adubo animal ou vegetal nos terrenos.

Historicamente está demonstrado que as boas produções antigas do principio do seculo XIX ou mesmo as do seculo XVI obtidas por experimentados agricultores não são offuscadas pelas produções do mais sciensista dos modernos agronomos; emquanto que os lucros das presentes populações agrarias ficam certamente áquem dos que auferiam as dos meados do seculo passado que levantaram nas aldeias as igrejas e outros monumentos, que alargaram os seus modos de vida pacos, e tornaram as suas casas muito mais confortaveis apezar da constante progressão da carestia da vida.

É no entanto a actividade das aldeias foi uma pallida civilisação comparada com a actividade das grandes cidades no que respeitava os seus interesses ruraes. Basta dizer que no decorrer de seculos os instrumentos agrarios não offerecem a menor alteração para com elles obter mais trabalho ou mais rendimento. A preocupação no tempo nunca teve a menor influencia no espirito de economia e de moral das populações, e as mesmas produções, o mesmo esforço, as mesmas horas continuaram a ser empregadas para resultados absolutamente identicos aos anteriores, sem que qualquer alteração se impuzesse aos olhos d'ellas.

O progresso agricola que deu-se ter dado no decorrer do ultimo meio seculo n'uma progressão geometrica, apenas augmentou n'uma progressão arithmetica e esse progresso agricola não só comprehende propriamente a agricultura dos cereaes e dos generos de consumo diario que servem a alimentação publica, como a pomicultura, toda a horticultura e a arboricultura em geral.

Na pomicultura que preocupa muito e com razão a Imprensa de Ponta Delgada pois que d'ella já retirou a população do Districto um enorme proveito do seu grande trabalho, actividade e intelligencia promovendo e sustentando durante meio seculo uma intensa exportação de laranja para os principaes mercados da Europa, e que hoje se acha completamente supprimida, tendo-se abandonado a arte do cultivo intensivo, os mercados e os meios de transporte para esses mercados.

Não é com simples tratamento de limpeza d'arvores e pulverisação com insecticidas e fungicidas que se recolle uma boa produção de fructos todos os annos.

A receita executa-se regularmente quando o pomicultor tem o seu pomar tratado e plantado d'arvores escolhidas. E para se tornar um pomar saudavel e cheio de bellas especies é necessario proceder a uma infinidade de trabalhos que as fumigações e as limpezas e podas nas arvores nunca podem dar.

Fic-se portanto a questão principal da maneira seguinte. Como obter bons especimenes fructiferos? De envolta d'ella é que se procederá a todos os trabalhos que traão a riqueza ao pomar ou á quinta, o resto é um simples trabalho d'inspecção pondo em execução de quando em quando, algum tratamento, e no momento da apanha da fructa ter as reservas necessarias com ella para não se dar o que é muito caracteristico dar-se com as neperas, cujos fructos indiscutivelmente soberbos, ás vezes em tamanho e maturação, mas que chegam aos mercados todos maculados por serem mal apaniados na arvore e ainda

peor transportados das quintas para os lugares de venda em ceirões ou cestos acogulados vindo os frutos comprimidos uns contra os outros magoando-se e apparecendo todos cobertos de nodos pretas.

Evidentemente que a fructa deve ser apanhada com foices bem afiadas ou fessuras especíes, presas no cimo d'um pau que abrem e fecham com a pressão d'uma corda e d'baixo das quaes a meio metro se colloca um cesto com palha ou farello para receber a fructa que cae. Além d'isso todos os cestos que deverão receber a fructa até ao estabelecimento devem estar mais ou menos preparados com palha ou farello.

O vendedor naturalmente que se dedica á apresentação da fructa no estabelecimento fará as seleções necessarias para que as melhores especies sejam separadas das piores, os bons fructos não se misturem com os mais pequenos ou imperfeitos.

Mas estes pequenos cuidados com os fructos fazem parte d'um outro mister que nós não pretendemos criticar; nós queremos simplesmente referir-nos á parte pomicultura que é uma tão complexa arte e sobre a qual se tem escripto tantos tratados e se tem executado milhares d'experiencias, e se tem obtido novidades sem conto.

Procedamos por ordem:

Em primeiro lugar *temos as sementeiras*: A sementeira deve ser feita com sementes de productos sãos e escolhidos como forma, tamanho, e como qualidade e ellas mesmo escolhidas da mesma forma como foram seleccionados os fructos.

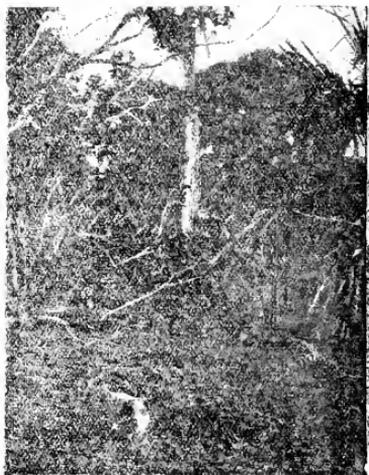
Temos depois os enxertos que devem ser feitos em cavallos da mesma especie e se possível fór do mesmo typo ou da mesma arvore d'onde provem o enxerto. Ha uma theoria sobre os enxertos que toma o cavallo como simplesmente transmissor da seiva vivificadora á planta sem ter n'ella a menor influencia sobre as qualidades que a caracterizam e distinguem. O cavallo é forte, o enxerto vingará e a futura arvore será uma arvore vigorosa. Quando a gumose entrou nos laranjaes da Ilha no decorrer de todo o seculo passado os proprietários de quintas e os quinteiros lançaram mão para os enxertos, dos cavallos de laranja azeda ou bigarada, muito usada pelos italianos e pelos francezes, que no dizer dos pomicultores eram cavallos fortes, e o uso generalisou-se. O resultado foi nunca a gumose desaparecer e a laranjeira ficar reduzida a um typo de laranja infadada, acida e descorada na maioria.

O que se diz para os cavallos pode-se dizer para as creanças. Para ellas serem robustas é dar-lhes uma boa ama, saudavel, forte e com leite. Mas se quando a creança não precisa mais ser alimentada pelo leite da ama ou da mãe se ninguém que tiver a instrução e a educação exigidas para ensinar não tomar de futuro a ascendencia á creança como é que ella formará o seu espirito recto, elevado e esclarecido junto da pobre e boa mulher que lê por uma forma atribulada e que mal sabe discorrer sobre os seus deveres de servical?

Não; o cavallo não é tudo para o exito como a ama não completa só por si a educação d'um infante.

As podas que veem em terceiro lugar devem obedecer ao principio da fructificação regular attendendo á qualidade da fructa. Deixar muita fructa absorverem muitos ramos a seiva é tornar a arvore muito productora mas em prejuizo da sua saude e da terra que a alimenta. A arvore deve ser podada reduzindo-se a copa a uma pequena altura (é mesmo conveniente isso para a abrigar dos ventos sujeitando-a á acção dos abrigos) e os ramos desbastados para ao mesmo tempo que se deixa penetrar o sol e circular o ar, agrupar com poucas ramificações os fructos que nascem e desenvolvem-se absorvendo forte e saudavel alimento porque a seiva muito vigorosa terá poucos ramos a alimentar.

A cultura é simples nas nossas terras soltas e ricas d'humus onde o azote abunda. A's vezes a cal é necessaria para a rectificação do terreno e sobretudo para as desinfecções das raizes quando a arvore é atacada por insectos que se alimentam n'elles. Muita gente mesmo quando o inverno chega cavam em roda das arvores de fructo e arream-lhes as raizes dando-lhes n'essa occasião alguma cal para



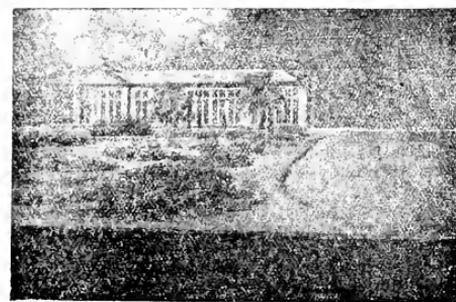
Batuta doce se nosa ta por entre quintas. No Jardim Jacome Correia

ellas absorverem juntamente com a terra nova que lhe deita. No verão também quando o calor chega ha quem cunra a terra ao redor do tronco quasi a meia distancia da linha da extremidade dos ramos da copa de palha de feijão ou milho ou milho com o intuito de quebrar a acção do sol e conservar a terra fraca e humida. Parece-me desnecessario (indisso) logo que a terra esteja forte; quando a terra leva uma cultura de tremço ou de batata doce (o tremço) para lhe dar azote e a batata doce para refrescar a terra; então talvez seja necessario lançar-lhe uns bons cestos d'adubos de curral, ou de terra nova de resto não nos parece necessario tocar na terra.

A *plantação* deve ser submetida a uma orientação criteriosa. O cultivador intelligente e em grande escala não pretende só obter uma produção d'uma casta de fructa.

Elle deve collectear as castas, mas deve também fazer a experiencia constante e tentar obter pelo cruzamento a casta nova. Portanto o pomicultor de fructa deve reservar quartéis para certas castas e quartéis para castas misturadas. Assim como uma boa administração deve empregar capitães em propriedade rustica e em propriedade arbana, títulos de renda segura, e especulações arriscadas, para dividir assim a sua fortuna por diversas fontes e não a tornar susceptível de sofrer um revez como acontece a um individuo que possui todos os seus rendimentos d'uma só origem, assim com bons pomicultores preserva uma casta de fructa d'onde colhe boa produção; mas não cessa de pensar em obter melhor do que tem, approximando as arvores de fructa grada das arvores de fructa miuda, as arvores de fructa menos doce das arvores de fructa mais doce, as plantas cujas fructas são defeituosas das plantas cujas fructas são perfectas, tendo em vista sempre pela approximação submetida a um plano para facilitar a fecundação e portanto a melhoria da especie.

Mas a recudação pode ser provocada *pela hybridação artificial* e neste trabalho que o pomicultor tem o seu intuito pela forma mais positiva se se recudar a elle com toda a paciencia e desvelo. De facto



Estufa no jardim Canto

se pelo enxerto se obtém uma fixação d'uma casta de fructa; se pela approximação das plantas se provoca a fecundação natural e pelas sementes dos fructos fecundados um novo producto que a experiencia e as longas tentativas podem trazer uma qualidade nova; pela *hybridação artificial* o pomicultor não só pode conscientemente e prevendo approximadamente e que lhe surgirá d'uma sementeira, como leva as suas experiencias a calcular a especie de fructa nova que lhe pode trazer uma sementeira. Com numerosas tentativas e reflexionados ensaios o Senhor Busbank na America, o atamado horticultor, tem obtido especies de fructas novas estravagantes por meio de cobrimen-

tos.

Evidentemente que estas hybridações são lentas e quasi sempre infructuosas.

Mas a *hybridação* dentro da mesma especie de planta e sobretudo dentro da mesma casta essa é natural e traz com regularidade e segurança bons resultados. E' preciso porem ter todo o cuidado na execucao do trabalho. Hybridar não é corrente, apezar de no mercado se encontrar os aparelhos que servem a pratica do mistur como são as thesouras pequenas e de laminas agudas pinceisinhas. Para se hybridar com resultado deve-se com todo o cuidado colher nos estames d'uma planta o pollen fecundante que se levará ás carpellas da outra cortando-lhes os estames em volta para que o pollen não vá fecundar por outra vez (quando a flor é unisexual) as carpellas e annullar os efeitos da hybridação artificial.

O pomicultor deve viver no pomar, de resto o pomicultor que vive no refoço d'uma villa ou cidade de provincia já não é pomicultor. O verdadeiro pomicultor é o individuo que vive no meio dos seus livros de registo e por entre as arvores da sua quinta, examinando o curso da vida das arvores, tratando dos seus males, plantando, podando, adubando; e trazendo para os seus livros de notas as observações diarias sobre o que se dá de anormal nas suas arvores de fructa, o que nota da meteorologia do dia, os enxertos que mandou fazer, as novas especies de que enriqueceu a quinta etc. E' sobre as annotações judiciosas e explicativas que elle orientará sempre a sua acção da ciencia pomicola.

Todas as plantas transplantadas melhoram ou peoram segundo as condições dos climas lhes são favoráveis ou desfavoráveis. Os portugueses tiveram occasião, melhor do que nenhum povo, de constatar os efeitos das transplantações mas, como praticamente todos os cultivadores d'um paiz o observam, co-

mo nas regiões dos diferentes paizes e de diferentes Continentes, viajantes, exploradores, e colonisadores, os seculos XV, XVI e XVII foram proficuos n'esses estudos de adaptações. A flora da India foi transplantada para Portugal, Illias e America e o mesmo aconteceu com a flora africana e brasileira. O jardim botânico e collecções que existiam nos fins do seculo XVIII na Ajuda e que foram mutiladas pelas invasões francezas eram uma prova demonstrativa e instructiva dessa acção interessante dos portuguezes, aos quaes se ajuntam os trabalhos n'essa epocha de Brotero e de Accursio das Neves e José Corrêa da Serra moldados nos classicos do tempo Couto e Barros, Gaspar Corrêa, Azurara e Gabriel Soares.

A utilidade da experiencia impõe-se a qualquer cultivador. A importação da semente, depois a constatação dos efeitos da germinação no local, a escolha d'esse local, forçar a cultura, vendo se os efeitos do clima novo permitem á semente germinar e desenvolver a planta n'uma terra inferior, á sombra, sem cuidados etc., nas mesmas condições em que ella se criava no clima primitivo.

Todas estas pequenas experiencias é que fazem d'um cultivador um homem scientifico.

Na Suecia o trigo só se mantinha sem definhamento quando era importado do norte da Russia da localidade situada mais proximo do polo do que a localidade sueca, só portanto uma pequena extensão de territorio russo fornecia a sementeira áquelle paiz, todo o outro trigo definhava. Foi fundado um instituto com o concurso do Estado e heje depois de aturadas experiencias por culturas estudadas em que a selecção da semente e a escolha das castas formam a base dos estudos, os suecos conseguiram produzir dentro da Suecia trigo para fazer sem definhamento as culturas annuaes.

Já tratamos da selecção das sementes atraz e agóra fallaremos das produções seleccionadas por meio da introdução das sementes.

Os Srs. José do Canto e José Jacome Corrêa e Antonio Borges que fizeram d'essa introdução um vasto estudo que hoje qualquer botânico constati deixaram uma enorme collecção das suas tentativas nos Jardins de Ponta Delgada.

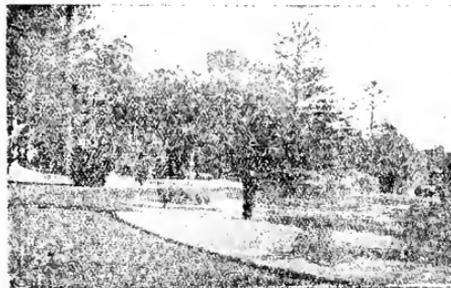
Uma das boas collecções que existe são os Yuccas da America Central que aqui apresentam um lindo aspecto segundo o professor Trelease Director do Jardim de Missouri que se fez uma especialidade d'esses estudos e que os viu na America Central. A multiplicidade dos factores climatologicos que compoem o ambiente insular são de tal maneira variados, a composição geologica é tão fecunda que grande numero de especies se acclimatam. Desde o muguet da serra dos paizes frios á palmeira tropical quasi todas as plantas de estufa fria de qualquer paiz da Europa Central germinam e desenvolvem-se ao ar livre nos Açores. A terra da composição do solo é solta (azotada portanto) ferruginosa e essencialmente aluminada; quanto ao ambiente é humido e quente com um regular periodo chuvoso muito variavel em duração e epocha. Uma grande variedade de sementes encontra portanto no clima e na terra condições favoraveis á germinação, a questão é estudar os efeitos que ellas soffrem lançadas á terra na Ilha. Observou-se em França que o vinho dos vinhedos das regiões situadas para o norte melhoravam com a subida do vinho para uma região situada ainda mais ao norte, enquanto que os vinhos fabricados com as uvas dos vinhedos do sul melhoravam quando adégados em terras mais para o sul, ora com as sementes dá-se a mesma coisa, certas sementes vindo ou de este ou do oeste da America produzem melhor aqui, e outras vindo do norte ou do sul da Europa encontram mais favoraveis condições de germinação; com enxertos, alporques ou estacas dá-se o mesmo phenomeno de adaptação, mesmo que a mudança do clima comeece por fazer soffrer a planta. Um habil cultivador ou horticultor não pode ignorar estes principios de produção agricola e tem que mantel-os constantemente em exercicio. Estas bases positivas de produção a que se juntam principios immutaveis de economia agraria, são qual varinha magica da riqueza agricola. As bases economicas d'esses principios fundam-se na multiplicação do trabalho e na produção dos factores auxiliares do ramo d'exploração principal emprendidos, com vantagem para o custo de cada um d'elles e garantia e beneficio para a collectividade, consumidora e



Um trecho do jardim Canto

productora concretizando-se no seguinte axioma: pôr a produção a satisfazer necessidades crescentes da população em proveito dos seus interesses economicos e politicos.

Se a população do Districto de Ponta Delgada não tivesse em serviço da commodidade, abdicado de todo o trabalho necessario á fundação de fabricos d'adubos annexos ou separados de lavouras, ou ao emprego dos animais rectificadores dos terrenos, sem ter recurso á compra do adubo chimico importado; os resultados certamente muito superiores aos obtidos com esses adubos chimicos empregar-se-hiam com os obtidos na economia e na rotação financeira do Districto; e hoje as lavouras estavam florescentes e com ellas as industrias dos lacticinios.



Um trecho do jardim Jacome Corria



PREGÕES

— ÊT-CÓ-US!

Tradução livre (de engaos) -

— Merca o musgo!

Nota Pevia do Editor

El-Rei D. Affonso VI no Castello d'Angra

Manuscripto inédito de Menaldo Loman da Silva

Da bellissima collecção bibliographica, Canto, vamos dar á publicidade um interessante relato acompanhado de notas sobre a vida de D. Affonso VI enquanto residiu no Castello d'Angra, desde a chegada da caravella que trouxe o Rei e a sua comitiva ao porto em 1609 até que o Governo de D. Pedro II o mandou para Cintra em 1674 para lugar mais isolado e mais sob as vistas das auctoridades de Lisboa.

Este manuscripto é considerado pelos raros eruditos que tiveram occasião de o folhear uma preciosa historia que completa os escriptos celebres sobre a historia da epocha taes como 'A Catastrophe', 'A Anti-catastrophe', 'As Monstruosidades do tempo e da fortuna', D. Affonso VI, manuscripto publicado por Camillo Castello Branco, porque foi escripto pelo Padre Manoel Luiz Maldonado que por occasião da deportação de D. Affonso VI se achava Capellão do Castello de S. João Baptista nomeado annos antes pelo proprio soberano, e no exercicio de funcções alli, enquanto durou o doloroso captivo. O Padre Luiz Maldonado era natural da Villa da Praia, filho de lavradores apertados com gente nobre d'aquella Villa e de Angra dos Maldonados e Antonas.

Todos os seus estudos tinham sido feitos no collegio dos jesuítas aonde a familia o mettera em creança, gozando da melhor estima e uma especial predilecção, que lhe mereciam a sua intelligencia, a sua applicação e a sua bondade, do Padre Lourenço Rebello, e d'essa educação religioso-litteraria resultou um escriptor.

Dois manuscriptos importantes são conhecidos com o titulo de Phenix Angrense que estão na collecção bibliographica da casa Praia da Victoria: uma parte historica, d'onde foi extractada a historia de D. Affonso prisioneiro do Castello de S. João Baptista e a geneologia das familias nobres da Ilha Terceira de que existe copia na bibliotheca de Ponta Delgada, obras que estiveram primeiro na posse d'um professor de primeiras letras da Villa da Praia, Manuel Ferreira que foi sobrinho do Padre e herdeiro d'elle. Estavam nas mãos de José Francisco do Canto de Castro Pacheco comprando-os por sua morte por 40 mil reis na liquidação do casal do filho d'este Francisco do Canto (notas do Tabellião João Felix Ramos de 1 de Março de 1757). O Conde da Praia, Morgado Theotonio d'Ornellas Bruges Avila Paim quando em cinquenta e tantos andava Bernardino José de Senna Freitas nos Açores, na missão d'investigar por conta do Governo os bens religiosos, avalia-os e arrola-os a fim de se dar execução ás leis do Governo de D. Maria II, permitira-lhe copiar e dar publicidade a esta parte da Phenix Angrense que comprehendia um assumpto historico muito notavel para a Historia de D. Affonso VI, que Senna Freitas annou com o interesse que sempre poz ao serviço d'estes estudos historicos que lhe deram a celebridade de que goza no mundo das letras, valorizando assim superiormente o trabalho; Senna Freitas, depois em S. Miguel em proseguimento á sua missão official encontrou-se com o Senhor José do Canto bibliophilo e erudito colleccionador de manuscriptos a quem o vendeu com as suas annotações.

O manuscripto lança clara luz sobre a psychologia d'essa curiosa creatura—que foi D. Affonso VI porque ao que se conhecia d'elle como creança, como principe herdeiro d'am throno na expectativa de assumir as responsabilidades do Governo, e depois em plena governação, na convivencia dos homens d'Estado, nos actos publicos e na politica interna e externa do Reino, como Rei, tem-se D. Affonso VI na intimidade sem outras preocupações que não fossem as de resgatar por qualquer forma os elos oppressores que o tinham acorrentado ao tragico isolamento prisioneiro em que se achava no Castello de S. João Baptista.

E' opinião historica corrente que D. Affonso VI enquanto residia na Ilha Terceira não descuroou ao preparar e organizar uma acção pessoal a fim de reapposar-se dos seus direitos de soberano e retomar a direcção do Governo do Paiz como lhe competia na qualidade de filho mais velho de D. João IV e de D. Luiza de Gusmão depois do fallecimento em 1653 de D. Theodosio e foi essa a razão porque em 1674 de lá sahí para Cintra descobrindo-se n'essa occasião uma conspiração á frente da qual se achava Francisco de Mendonça dizendo-se que o Ministro de França Conde de Hermanes não era extranho ao caso. O plano consistia em sahír Francisco de Mendonça de Castella para a Ilha Terceira a bordo d'um navio e lá fazer assassinar o Sargento Mór Manuel Neves Leitão trazendo D. Affonso VI para Hespanha aonde o Soberano realisaria o seu consorcio com a Rainha viuva de Philippe IV e viria depois com ella assumir o Governo de Portugal.

D. Pedro que teve n'essa conspiração a sua vida ameaçada com a vida da Rainha e do Infante man-

dou a Pedro Jacques de Magalhães depois Conde de Fonte d'Arcada valoroso militar que estivera nos Açores por occasião de voltar de Cartagena aonde as auctoridades o tinham retido com o Conde de Castello Melhor depois da Restauração, buscal-o n'uma armada.

Foi em Paço d'Arcos que a 17 de Setembro de 1674 se dirigiu a buscal-o a bordo o Duque de Cadaval encontrando-o possesso, não querendo sahir da nau por razão nenhuma. D. Afonso VI era dado a uns accessos que lhe vinham da sua infancia desle que um ataque de paralyzia que lhe tomou a vista e o ouvido viera dominar por completo toda a educação e o desenvolvimento physico e moral.

Debil e susceptível não reformou o individuo concentrado e com as reservas que exigiam para um Rei. D. Theodosio absorveu as maiores atenções da Córte por ser o primogénito da familia e depois dos dez annos já era tarde para que a creança doente se restabelecesse por uma educação racional harmonizada com o seu grau de vontade e com os seus recursos physicos, apesar dos maiores desvelos e cuidados lhe terem sido dispensados por D. Luiza de Gusmão.

A principio, rapazes de maus costumes, de baixa estirpe, e sem instrução, gente da rua, atrahiam-no e elle jogava a pedra e divertia-se na sua companhia. Alguns deram mesmo entrada no Palacio como aconteceu com os italianos Antonio e João Conti filhos d'um commerciante genovez que armavam as suas tendas no pateo da Capella Real; depois foram os folguedos, de noite, á luz d'archotes, em que as rixas eram frequentes, e dos quaes D. Afonso voltava aggradido; mais tarde, depois de casado, foi a má orientação para o Governo do reino, deixando constantemente abrir o conflicto entre os seus Ministros, a Rainha e seu irmão D. Pedro provando uma manifesta incompetencia para as funcções que exercia.

Os defeitos de caracter tornaram-se incompatíveis com a sua alta posição e influindo na marcha dos negocios publicos pesadamente em desfavor da córte e da familia, foi violentamente subtrahido á sociedade e recluso por ordem do Infante que assumiu a corôa.

Eis em poucos traços quem foi D. Afonso VI cuja intellectualidade ainda é um problema como foi Luiz XI de França e Ricardo II d'Inglaterra. Para os escriptores do seculo XX que investigam na vida social para analysar a vida moral achar-lhe-hão attenuantes ás fraquezas de caracter, buscando-se as circumstancias do meio em que viveu.

Seja como fór; os factos que muito por alto citamos dominaram toda a sua curta existencia e tiveram a influencia nas suas desgraças.

A geração d'aquelle tempo atravessou a maior crise por que passou a sociedade portugueza, sentindo os effeitos da inepecia d'uma administração que centralisava a orientação em Madrid, soffrendo os sustos e os receios de uma revolução em preparativo, lutando contra a longa crise que acompanhava a guerra e finalmente tendo que arrastar as consequências do acabruamento que deu lugar ao casamento da infanta D. Catharina com Carlos II d'Inglaterra que levou um pesado dote que comprehendia Tanger e Bombaim e os tratados com a Inglaterra que tiveram uma nefasta repercussão na industria nacional e na agricultura, permitindo aos inglezes a entrada das suas fazendas e augmentando a exportação do vinho para aquelle paiz em prejuizo da cultura dos cereaes de panificação. Porém o relato que ali vae transcripto apresenta distinctamente a personalidade, bem insignificante, que foi a do Rei que tão brilhante cognome de Victorioso teve na Historia de Portugal, por ser o seu reinado cheio de victorias contra as armas de Castella, justificada tambem na vida de costumes, intima, passada em Angra e de que o Padre Manoel Luiz Maldonado nos deixou descripção no manuscrito da Phenix Angrense.

Da chegada d'El-Eei D. Afonso VI à Ilha Terceira

Pacificos em sua patria, no logro do melhor socêgo, alheios do mais extraordinario susto, se consideravam os angrenses; quando de repente, sem antecedencias de preferença alguma, supportaram inquietos a confusa vinda d'um monarcha, que, lá da maior esphêra, se vinha incluir no breve espaço d'um tão pequeno e limitado territorio.

Sendo, pois, aos 17 de junho do anno de 1669 chegou á vista do porto d'Angra D. Francisco de Souza, marquez das Minas, conde do Prado, governador das armas da provincia do Minho, do conselho d'estado, e do da guerra, e embaixador extraordinário á santidade do Papa Clemente IX, com tres fragatas d'armada e uma caravela; e como ammirante Luiz Velho (I).

No dia seguinte, 18 do mez, lançou a capitania ferro, em cujo tempo sahio do porto batel; e por hora se não disse mais do que—era armada que sahira a correr a costa; e a pouco tempo desembarcou em terra o doutor Antonio Velez Caldeira, secretario da embaixada, e juntamente o commissario geral da cavallaria, João Cardoso Pisarro.

Este logo que sahio a terra caminhou ao castello, com aviso do marquez, ao governador, Sebastião Corrêa de Lousella.

Ficou na Alfândega, em o provedor da Fazenda, Agostinho Borges, o desenbargador secretario

e como em semelhantes casos mais se inclina a diligencia dos curiosos, sollicitos todos, attendendo ao fim da novidade, a breve espaço se veiu a divulgar em como n'aquella aratada estava embarcada a pessoa d'el-rei D. Afonso VI que vinha aposentarse na ilha.

Em cujos termos perplexos, assustados e inquietos todos, considerando a melhuira de tanto pessão limitado districto, temerosos e mais suspensos lhes confirmava o receio, o vago d'uma voz, que da gente da armada sabira, de como Inglaterra tentára os empenhos da custodia do mesmo rei.

Não obstante o acrio d'este dizer, ta que os angrenses não deram nenhum credito) não se fazendo de tudo o menor caso, nem sombras de repugnancia houve.

Occupavam n'este tempo os cargos de capitão-mór d'Angra, João de Bettencourt de Vasconcellos, moço fidalgo, cavalleiro da ordem de Christo, e commendador de Santa Maria de Tondella; do corregedor Bento Casado Jacome; do provedor das armadas Antonio do Canto e Castro, moço fidalgo, e cavalleiro da ordem de Christo, pensionario da commenda de Santa Maria de Proença; provedor da Fazenda, Agostinho Borges de Souza, fidalgo e cavalleiro da Ordem de Christo.

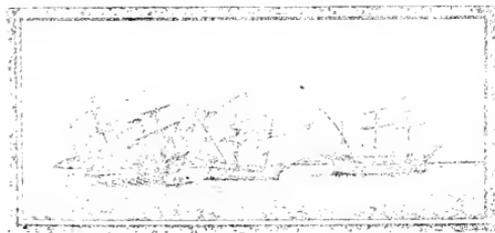
Serviam os lugares da Republica, de juizes ordinarios, Ignacio Tolledo de Souza; João de Teve de Vasconcellos, fidalgo cavalleiro, de vereadores, Pedro de Castro do Canto, moço fidalgo; Manoel da Silva Moniz, moço fidalgo; e procurador do concelho Bernardo Cordeiro Espinosa.

Fez aviso, por carta, o marquez embaixador, ao senado da camara, insinuando-lhes ser necessario irem a bordo d'aquella sua nau, para effeito de se tratar d'um importantissimo particular de serviço de Sua Alteza: Em cumprimento do qual se embarcaram incorporadamente os referidos: E accetos do marquez, com o mimo e urbanidade de favor, com que costumava tratar a todos cuja heroica virtude n' elle foi braço; e tanto que com esta realçou n'aquelles maiores acertos, com que se utilizou suas obras entre os heros de maior nome.

E assim usando este excellent general da natural affabilidade e prudencia, lustrou entre todos manifestando-lhes de como Sua Alteza fora servido, que a pessoa d'el-rei, seu irmão, estivesse retirado ao Castello de S. João Baptista da ilha Terceira, por assim convir á quietação do reino, e ser vontade do proprio rei para o que fez presente ao Senado a carta seguinte.

Carta de Sua Alteza, o Infante regente, aos officiaes da Camara da cidade d'Angra

Juizes, Vereadores, e Procurador da Camara da Cidade d'Angra: Eu o Príncipe vos envio muito saudar, sendo-me presentes os muitos achiques, que sempre padecere, e agora padece a pessoa de meu irmão, e conhecer que pelo horror e escandalo, com que se acham os povos d'este reino, na lembrança do seu governo, não se achando d'esta parte lugar adonde, com algum allivio, pode se segurar dignamente a sua pessoa: a cujo risco, seria preciso que o expozesse a violencia, indignação, e a grave desordem com que vive, desejando achar meio com que podesse, dispensar na recusa, que se lhe julgou pelos Tres Estados do reino juntos em cõrtes: Por todas estas razões, como pelas muitas que concorrem da larga, e grande experiencia que tenho da fé e zelo dos moradores dessa ilha, mi servido dispõr, que fosse meu irmão a viver n'ella, e que se aposentasse nas casas da fortaleza dessa cidade, assim por serem as mais capazes, como por concorrer no sitio todas as circumstancias que se requerem para a sua saúde, e para a auctoridade; tendo de mais destas qualidades o divertimento da caça, a que é inclinado, que não poderia lograr n'este reino: pelas razões referidas; e como tenha tido largo provado zelo, e grande fidelidade, com que sempre procedeu a nobreza e povo dessa ilha, espero se obrigarão, e estimarão, e



Chegada da fragata em que veio D. Afonso VI para Angra

(esta é a primeira impressão de gravura do reinado de Afonso VI de Portugal.)

no devem, o fazer d'elles tido larga confiança, mostrando com que acudiram e acodem sempre á conservacão d'este e desejo de os honrar e favorecer no geral e no particular,

—Ao Conde de Prado, dos meus conselhos d'estado e d'Entre Douro e Minho, e meu embaixador extraordinario a Sua Santidade, entreguei a pessoa de meu irmão, para o levar e comboyar a essa ilha, e aposentarlo n'esta occasião o mesmo amor e exemplo, de como me acho com toda satisfacção, como experimentareis em todas as occasiões, guerra, governador das armas da provincia

de Entre Douro e Minho, e meu embaixador extraordinario a Sua Santidade, entreguei a pessoa de meu irmão, para o levar e comboyar a essa ilha, e aposentarlo n'esta occasião o mesmo amor e exemplo, de como me acho com toda satisfacção, como experimentareis em todas as occasiões, guerra, governador das armas da provincia

pareceu conveniente. Pelas que vos ordeno e mando, que emquanto eu não me detiver d'essa banda, o obedeaças em tudo o que vos ordenar da minha parte, cumprindo e guardando as suas ordens de palavra ou por escripto, tão pontualmente como se fossem dadas por mim.

E por que em sua ausencia Manuel Nunes Leitão, sargento-mór de batalha, que tenho nomeado governador do Castello de São João Baptista d'essa ilha hi-de ficar governando a casa e pessoa de meu irmão, lhe assistireis em tudo e por tudo o que vos representar, dando inteira fé e crédito a quanto vos disser da minha parte. Escripta em Lisboa a 25 de maio de 1609—Príncipe—Para a Câmara da cidade d'Angra (2).

Além d'esta carta, t'ho cheia dos particulares favores, que n'ella se contem, apresentou o conde a seguinte:

Carta de Sua Alteza para o Conde Embaixador, D. Francisco de Souza

«Conde amigo: Eu o príncipe vos envio muito saudar como aquelle que amo.

Pelas causas e razões, que vos forão e são presentes, me foi preciso entregar-vos a pessoa de meu irmão, para o levardes à ilha Terceira, na esquadra em que hora passaes à Italia, a aposentar-se no castello d'ella, com sua casa e creados, e sem embargo de que mandei fazer regimento para a observancia, com que ha de ser assistido e servido n'aquelle lugar, fio tanto de vosso zelo e grande cuidado, que deixo à vossa disposição, para que se previna com o acerto que convem, e eu desejo tudo o que pertencer ao summo e grande respeito, regalo e commodidade da pessoa de meu irmão, emquanto durar a viagem, para que lhe seja suave, e livre de todo o perigo e incommodo do mar: E pela opinião e experiencia, que tenho da vossa prudencia, do amor e acerto com que me servis, e do zelo, com que procuraes o que convem à conservação d'este reino, me pareceu fiar de vós em tudo o mais a melhor direcção d'este negocio, sugitando a elle o que d'aqui vai declarado, para o que disponhaes como vos parecer melhor; para cujo fim por esta carta sómente ordeno e mando a todos os criados, que mandei acompanharem a meu irmão, ao governador do castello da ilha Terceira, a Câmara d'ella, e a todos os ministros e officiaes de guerra, justiça fazenda cumpram, e guardem as vossas ordens de bocca e por escripto, sem replica, nem duvida alguma, com a mesma observancia e em o que deviam fazer se por mim lhes fossem dadas, por que assim convem a meu serviço. E esta carta quero que valha e amo patente, alvará e provisão, sem embargo de qualquer estilo ou ordenação em contrario. Escripta em Lisboa a 25 de maio de 1609—Príncipe—Para o Conde do Prado (3).

Em recompensa de tão particular honra se offereceram todos os do sentido em nome dos moradores e nobreza da terra, e por suas pessoas, a guardarem a inviolavel fé e lealdade, que deviam como bons vassallos, totalmente esquecidos assim das honras e faenções, que n'esta occasião poderam pedir e requerer, em ordem a seus augmentos, e creditos da sua patria, como também depondo o susto, a que ficavam obrigados.

Fineza foi esta tão excessiva, que raros foram os politico, da corte que til imaginassem; mas que muito, se a lealdade angrense em semelhantes excessos se extrema, cuja acção, por generosa, depondo os interesses se estribou só na satisfação e cumprimento da ordem de Sua Alteza, por e em de quem corria o premio merecido a tanta fé, zelo e lealdade, que de outra sorte seria o dizer-se, que a vista d'um preço compraram animos, ou que o interesse lucrão vontades, ou que foram as consciencias proprias a que occasionaram as finezas.

Aos 21 do mez, sendo pelas quatro horas da tarde, disparou a capitania uma peça, signal, que o marquez, tinha dado, para partirem os bates da terra, a effeito de desembarcar a pessoa real: E estando já prestes, os fez expedir a toda a diligencia o prover das armadas, Antonio do Couto de Castro; e logo que chegaram sahiu de bordo o bergantim, com a pessoa d'el-rei, acompanhado do marquez embaixador, em cujo sequito vinha o escaleo do conde de Mesquitella, e D. Pedro de Souza, filho do marquez, que na jornada de Roma o acompanhava.

Entanto que o bergantim se poz frente da Ponta-de-Santo-António (4), se começaram a disparar as artilherias de todas aquellas plataformas e baluartes, cujo numero excede a cincoenta peças, com excepção da fortaleza e castello de S. Sebastião (5), em que se dispararam as quinze que o guarnecem.

Portou o bergantim, e outras embarcações e os bates, que o acompanhavam, em uma praia arenosa, que se diz o Porto Novo (6), e n'ella desembarcou a pessoa d'el-rei, e encostado aos braços do marquez veio a pé, com mostras da lesão do seu achaque de estupor, que lhe provinha dos annos da infancia, por cuja causa, como tropego, chegou a um plano onde o esperava uma liteira, na qual se metteu com o marquez, e em outra o conde de Mesquitella, e D. Pedro de Souza; e guiando ao castello, na entrada d'elle os recebeu o governador, Sebastião Corrêa, com as chaves, na forma das ceremonias militares, e se fez salva de vinte e uma peças.

Aposentou-se a pessoa d'el-rei nas casas e galeria onde o governador habitava, em um quarto di-

vidado, que consta de uma galeria de quarenta covados de comprido e nove de largo, e uma camara quadrada, e duas casas mais, uma que servia de guardaroupa, e outra de mesa. Nos quartos inferiores se armozentaram os capitães da guarda, e alguns dos criados de maior fóro (7).

O marquez, seu fillio, e o conde vieram pousar nas casas d'aliandega, em que vivia morador Azeiteiro Borges de Souza, provedor da Real fazenda; o que foi por todo o tempo que na ilha estiveram.

Aos vinte e seis foi o marquez á camara, para effeito de se averiguar, se convinha ficasse de guarda no castello uma companhia de cem homiẽs, que para tal trazia, o que de nenhum modo se permitia, assim por respeito dos moradores da terra, em sua quietação, como porque aquelles taes soldados forasteiros faltando-lhes a paga de seus soldos, licenciosamente cometeriam desatinos, com que escandalisado o povo, padeceria a molestia de contra elles se amotinarem em tal forma, que seria facil um motim; por cujas causas e razões se houve a dita companhia por escusa (8).

No dia em que o marquez entrou no castello, fez entregue d'uma carta de Sua Alteza a Sebastião Corrêa, cuja substancia continha:

«Que para quietação do Reino, por seus vassallos soffírem a condição feroz d'el-rei, seu irmão, importava que o dito estivesse retirado n'aquelle castello; de cujo governo dava-o por descarregado; por quanto havia provido n'elle o sargento-mór de batalha Manoel Nunes Leitão, pessoa a cujo cargo se tinha entregue a direcção e superintendencia da casa do dito rei:

E que em satisfação do bom serviço, que elle Sebastião Corrêa lhe tinha feito, queria o dito senhor, que sem embargo de o depór d'aquelle occupação gosasse em sua casa do mesmo soldo que havia, como se n'ella estivesse».

Supposto que por esta carta ordenava Sua Alteza, que Sebastião Corrêa entregasse o castello a Manoel Nunes Leitão, em razão de ser fiado o triennio do seu governo; contudo pareceu ao marquez, que o dito fizesse n'aquelle mesma occupação, pela importancia de sua pessoa, e boa disposição dos agentes com que obrava; como n'elle se haviam experimentado, e eram conhecidos nas provincias, assim dos generaes d'ella; e como n'ellas se tinha a corte; para o que em nome de Sua Alteza lhe passou o marquez nova patente.

Atermuo o marquez embaixador esta comissão, voltando a Lisboa a dar conta a Sua Alteza do que na ilha havia obrado. Partio a dezesseis de julho, e em breves dias conseguiu feliz viagem.

Ficaram no serviço d'El-rei as pessoas seguintes:

Manoel Nunes Leitão—com o cargo de vedor da casa e superintendente d'ella, a quem todos obedeciam em tal forma, que não lhes era permitido saírem de portas a fóra do castello, sem sua licença. Este havia cincoenta mil reis de mesada (9).

Martim Afonso de Mello e Sá.

Luiz de Sá e Miranda.

Fernando Barbalho Bezerra (10).

Estevão Augusto de Castilho,

Diogo Soares Pereira, mestre de campo que havia sido na provincia do Minho.

Assistentes da guarda d'el-rei. Tinham cada um d'estes nomeados quarenta mil reis de mesada, e por occupação o encargo da porta de noite e dia, por tempo d'uma semana, successivos uns aos outros.

Cinco guardaroupas, com quinze mil reis.

Cinco moços da camara, com doze mil reis cada um.

Um escrivão da cosinha e recebedor, com outros quinze mil reis.

Um medico, com quarenta mil reis.

Um cirurgião com vinte.

Dois capellães, com doze cada um.

Dois moços da capella, com oito cada um.

Um mantieiro, com nove.

Um comprador—

Um mestre de cosinha.

Seis reposteiros, com seis mil reis cada um.

Quatro officiaes de cosinha, com seis cada um.

Quatro moços de cosinha, com quatro mil e quinhentos cada um

Dois moços da prata.

Um barredor, com quatro mil e quinhentos cada um.

Não obstante o excesso de tão larguissimas mesadas, pelos primeiros tempos se deu mesa geral a todos os nomeados; cujo gasto se continuou até aos primeiros de agosto, que chegou uma caravela de Lisboa, que deu por novas, haver chegado o marquez embaixador á corte, com a carta á camara d'Angra, do teor seguinte:

Juizes, Vereadores, e Procurador da Camara da Cidade d'Angra, Ilha Terceira. Eu o Principe vos envio muito saudaes. Recebeo-se a vossa carta e por ella, e pelo que me significou o conde do Prado, D. Francisco de Souza, vejo que continuas a mesma lealdade, que el-rei meu senhor e pae comecou a experimentar em vossos annos logo que entrou na posse d'estes reinos. Esta foi a razao que me obrigou a escolher esse sitio, e a condar de vós a pessoa d'el-rei, tendo por certo, que para sua commodidade e decencia o não podia haver mais capaz. Espero que n'esta occasião, tão importante, prepareis merecer em meu serviço a justa confiança que não de tão leaes vassallos, como sempre fostes, para que eu tenha lugar de vos fazer toda a mercè e honra que de-sejo. Escripta em Lisboa a 21 d'agosto de 1669—Principe—Para o Juiz, Vereadores, e Procurador da Camara da Cidade d'Angra da Ilha Terceira (11).

Vieram outrosim ordens de como Sua Alteza approvava por bem feito tudo o que o marquez tinha disposto, o que queria que se observasse exactamente; excepto que se não daria mesa mais que aos seus assistentes, da guarda, em cujo numero entrava o vedor da casa, Manoel Nunes Leitão; e que os mais comeriam à custa de suas mesadas, visto a largueza d'ellas e abundancia dos mantimentos, e fartura da terra; o que foi tambem em razão de outro facto grande, que se esperava.

Aos tres d'outubro chegou uma charrut ingleza com o estado da cavallaria d'el-rei, que constava d'um coche forrado de damasco vermelho; que diziam ser dos do estado de Braganca; uma liteira do mesmo, e outra menor. Vieram juntamente seis formosos cavallos d'estado, os quaes por velhos, ou mal pensados, ou por o clima da terra lhes não ser accommodado, duraram menos de tres annos. Vieram mais seis rocins, seis mulas do coche, e duas azemulas de carga.

Com este estado, e todos seus jaezes, que eram do maior preço, chegaram tambem as pessoas d'esta occupação a saber: cocheiro, sota-cocheiro, um mestre da cavallaria, quatro liteireiros, quatro moços da estribeira, um picador, dois azemuleros, seis moços da estrebearia, um cavadeiro; os quaes todos haviam saas mesadas de cinco até tres mil reis.

Fez Sua Alteza a honra d'estribear, a quem todos os referidos obedeciam a Estevão Augusto de Castilho, cujo posto mallograram alguns dos seus companheiros, não sei se se invencosam d'aquelle como sorte, ou se por terem para si, que na qualidade o excediam, elles o juizem, que eu o não decido (12).

Contrahiu Sua Alteza, por contracto, que sobre si tomou Fernando Rodrigues Penso, morador em Lisboa, dois mil e quinhentos cruzados cada mez, para a contribuição dos gados e mesadas, da casa d'el-rei; os quaes o dito contador havia entregar na ilha; com a condição, de que havia ser no principio de todos os mezes do anno;—por quanto as ditas mesadas se pagavam adiantadas, e com tal pontualidade, que em muitas occasiões succedeu, por falta de commercio, vir da corte quantidade de dinheiro em ser; a fim de se não faltar ao pagamento (13).

Feitos os gastos da casa, e pagas as mesadas dos seus obrigados, se acharam de sobras quinhentos até seis centos mil reis. Ordenou sua Alteza, estes se repartissem, por esmola, pelos officies e pessoas do presidio, na melhor forma, que parecesse a Manoel Nunes Leitão, vedor da casa.

Tirou esta obra de piedade dois ou tres annos, e muitos que corresse, nunca se conclueiria n'ella a total resolução do melhor acerto; porque pela primeira tenção, se repartiram mais com respeito da qualidade dos necessitados, do que com a commiseração da maior pobreza; e em outros vieram aquellas esmolas a ser subjeza das honras, alheias, que a este titulo se levavam; e finalmente motivo de muitas murmurações, falsos testemunhos e alheves exerações, que sem escrupulo da consciencia se affirmavam proteridos.

Para evitar de darem algum divertimento a el-rei, foi necessario se abrissem e aplanassem alguns caminhos pelo monte, principalmente os que communicam as pontas de Santo Antonio, Zimbreiro, Cruzes e Facheiro e logo que se pozeram capazes; de por elles se tirar o coche, se a el-rei entreter algumas tardes, sendo o sea maior posto no monte das cruzes, de cujo alto da sua collina se descobre toda a cidade d'Angra, e parte dos campos da ilha, por razão do qual se avalia o dito sitio por uma das mais largas e esportivas vistas da ilha (14).

Douro pouco este exercicio em el-rei, ou fosse por aborrecido de si mesmo, ou por o ocio lhe não permitir o commodo do tempo opportuno em que n'elle se devera empregar; por que como trazia as horas do dia encontradas com as da noite; e tanto que de verão e inverno se costumava levantar da cama das onze para o meio dia, e mais tarde o fizera a não ser a devoção de ouvir missa todos os dias, em razão do qual juntava das tres para as quatro da tarde; e tudo o que restava até às onze para a meia noite, em que fazia collação, de mui pouca quantidade, procedia nas travessuras da absoluta ericção que teve; tanto inclinado a inquietar, nenhum criado em sua presença socegava—seguro de toda a hora e instantes se não ver descomposto em suas mãos, que a ter pes, nenhum o supportaria (15).

Era tão facil el-rei em erer, que nunca dividiu o credito aquellas propostas ou ditos, em que se não achava entidade alguma em que houvesse apparencia da verdade—Procedia esta propriedade n'elle

pelo que tinha de verdadeiro; por quanto, porém, em todos os dias que lhe assistiam, que lhe nunca se lhe ouvia palavra, que de si suppozesse; mas com tão pouco bojo, que era incapaz do menor segredo, e o peior e, que o vomitava do proprio modo que podia, com o nome expresso do auctor.

Metteram-lhe em cabelleira, que Luiz de Sá e Miranda dizera, ser mais valente do que elle; D'esta terribilidade resultou em um dia tanto jantar muito mais cedo do costume, e apenas que acabou o prandio, mandou por o coche, e montou ao monte das cruzes, deixando ordem, que lhe levassem um cavallo, que era um dos que melhor obravam, a que se tinha posto o nome de *Semitarra*.

Chegou a um tempo Luiz de Sá; tentou el-rei sair e do coche, e montar no cavallo, a fim de o descompartir; e a não ser a muita humilde satisfação, que o dito era, per-nudico com os encarecimentos de ser falso e sinistro tudo o de que el-rei lhe fazia crime, e juntamente os rogos e deprecações de Manoel Nunes Leitão, inalgavelmente commettêra el-rei tal destino, que resultara a enfadada o miseravel Luiz de Sá.

Socorreu a paixão d'el-rei, rompendo no estilo de taes palavras, que abalaram os corações de todos os presentes, em tal forma, que muitos ou quasi todos não poderam reprimir as lagrimas, maiormente quando lhe ouviram com pena, magoa e dor dizer: — *que se a sua desventura era tal, que o príncipe, seu irmão permitia, que os criados o descompozesses, que ali estava offerecido a tudo?*

Era tão notavel a retentiva d'el-rei, que ha tiva lhe dizessem em nome de qualquer sujeito uma só vez, para lhe ficar impresso na memoria para sempre; por cuja propriedade eram poucos os soldados do presidio que não tratava por seus proprios nomes e appellidos.

Tão compadecido da pobreza a qual elle, que todos os dias, occorria da sua mesa alguma, em particular uma vez a cada porção elle mesmo ordenava e compunha; e as vezes que elle o marido lhe perguntava: *se lhe divertiam a esmola que lhe mandava?*

Mostrava ser com excessiva liberal, e tudo para, a não ser a prohibição de ninguém lhe receber nada; e se por o por decoro alguns recebiam de sua mão a prenda do uso do seu vestido, e ainda de tão pouca quantia, que se poderam haver por consumo, era contido a esmola tal que as denunciavam ao guarda-roupa, que a tinha ao seu cargo, e estas se reputavam tal.

Vestia de verão as meias e sapatos com que se reputava no inverno, com a circumstancia, que sobre a cama se ligava com oalfas por modo de lara, tão egual, a poder de alinhavados, que por grande e muitos motivos que dize-se o corpo era impoável anarem; e n'esta forma dormia.

O seu comer era uma unica vez no dia, mas com tal largueza, que se reputava por achique, e tanto que communmente todos o admiravam.

Algumas sobejidões de sangue lhe causaram duas ou tres doenças, n'aquelles annos que na ilha esteve uma das quaes chegou a dar a entender, e a não se atallar com sauerias, perigaria a sua vida.

Estes os particulares em quanto a el-rei; vamos aos seus atos em quanto a ilha.

Relata-se o primeiro susto que teve a ilha no tempo referido

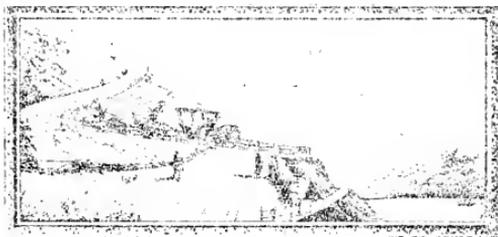
Apenas comecaram os annos d'uma pensão, quando principio tiveram os sustos d'um caudado.

Não completo era o anno do logro d'el-rei na ilha Terceira, quando concorreu tal nova, que não sei qual se poderá considerar mais cruel.

Ficou a ser, que faltando embarcações da côrte desde o mez d'outubro até o de maio do anno seguinte de 1670, chegou aos estados de Hollanda uma gazeta, que se relatava, de como o serenissimo príncipe de Portugal, (D. Pedro) enfermara de doença tão perigosa, que alguns já o faziam morto.

No tanto que esta se leu a fez consumir Manoel Nunes Leitão; e sem embargo que por alguns tempos se suspenheu a novidade falsa, e fementida, contudo, ou fosse por o segredo ser de poucos, ou por se violar a fé, lá nos ultimos a respeito da tardoza de embarcação de Lisboa, se pôz quasi em publico aquella terrivel nova; e não faz duvida que n'esta parte se criminarão alguns dos criados da casa, que por de pouco assento, ainda que confiados no lance da amizade a manifestaram de todo o ponto,

Não sendo, pois bastante não comusa desgraça, para occasionar os receis d'um tenor ao menos,



D. Afonso VI pastando no estado do monte das cruzes

Desenhado por João de Sá e gravado por João de Sá

supposto que n'estes termos assustados os angrenses, appellando para a protecção divina, nem sombras de credito perceberam, antes attribuindo o tal ao desvelo da perfidia, vieram a concluir ser tudo sisania enganosa, a effeito de suspender animos, declinar vontades, obscurecer a fé.

Desfez o susto referido a chegada d'uma caravela vinda de Lisboa, que pertou em Angra nos dias do mez de maio, na qual vieram dois criados d'el-rei, que por ordem de Sua Alteza tinham passado á corte, em razão de certo absurdo que supposto crasso, e pesado na acção, contudo prevaleceu a ignorancia, com a satisfação do castigo d'um pobre miseravel, a que se attribuiu a pena, por haver á vista d'um corpo da guarda, e em alto dia, chegado ás janellas do palacio uma escada, pela qual desceram aquelles dois criados d'el-rei, que de semana lhe assistiam, estimulados de lhes tardar o abrir da porta, que estava a cargo de Luiz de Sá e Miranda.

Foi este um dos dias de bom gosto, que logrou a ilha; e para em todo ser perfeito o intimou a segurança da boa saúde que Sua Alteza lograva; cuja doença antecedente tinha sido de nenhum receio, por occasionada d'uma pequena queda, que dera em Alcantara, que o obrigou a duas ou tres sangrias; successo tão distante d'aquelle que em Hollanda falsamente se escrevera.

Poucos tempos se passaram quando os criados d'el-rei se começaram a malsinar uns com outros no tocante ás desconfianças dos lugares; por que na fé e lealdade de serviço de Sua Alteza nunca pecaram na minima parte.

Não assim com os angrenses, com cuja principal nobreza tanto se confirmaram que correspondiam os termos, e leis da boa, licita e tratavel amizade, sem que faltassem ao reciproco da cortezia, nem n'elles se experimentasse o minimo agravado, ou acção menos decorosa; e supposto ser este o principal encargo, que Sua Alteza lhes encomendava, não faz duvida, que foi inviolavelmente por elles observado; n'aquelles primeiros tempos grangearam o abono do amor, que ao diante infliccionaram em odio.

Correram as desuniões entre os seis da guarda a tal extremo, que romperam Estevão Augusto, e Luiz de Sá em modos que chegaram a termos de desafio e não faz duvida surtira effeito, se o empenho do governador, Sebastião Corrêa, não mediára na paz e quietação dos dois; por cuja obra, por alguns tempos disfarçaram os desunidos a má vontade, sendo que na antipathia dos animos nunca se bem gostaram.

Deu parte o védor da casa, Manoel Nunes Leitão, a Sua Alteza assim d'estes particulares como d'outros, que o disaboreavam; e como quer que pendesse mais á parte do Estevão Augusto, ou fosse por de sua facção, ou por n'elle achar mais justificada causa, por ser mais docil e vendavel do que o contrario adverso; ordenou Sua Alteza, que assim Luiz de Sá, como Fernando Barbalho, (de quem já falamos) parciais no intimo da amizade, pudessem usar da licença, de na primeira occasião se passarem ao reino.

Assim o fez o dito Fernando Barbalho, e não Luiz de Sá, que excluiu do serviço, ou fosse por lhe parecer que n'aquelle occasião, por pouco segura, arriscava sua pessoa, ou por outra qualquer causa, se resolveu a ficar na ilha, onde logrou a demora do mez de março até o de agosto, em que se embarcou.

O segundo susto, que padeceram os angrenses, supposto que a respeito de sua conveniencia proveitosa, foi o publicar-se de como el-rei se ia da ilha para cuja função se preparava a armada de Portugal, em que vinha o conde da Torre, marquez de Tavora; cuja nova tinham os assistentes d'el-rei por tão infallivel, que já preparando-se para a jornada deram principio á matalotagem.

Mas como os angrenses tinham de padecer mais sustos, não mereceram a dita d'este fim, cuja pessão para supportavel era cuidadosa.

Parou o susio com a vinda de embarcação do reino, da qual se colheu de como em Lisboa tal ida se não intentou.

Correndo assim os annos com os successivos sustos, ou já pelos influxos dos astros, ou por effeito do ardil e traça do desventurado animo que os urdia, vendo o pouco que havia resultado no combate dos angrenses, terrivelmente se machinou um novo enredo dirigido a Lisboa, sem outro mais fundamento do que uma aerea e fantastica novidade.

E foi o caso: que correu na corte por nova, (na opinião de muitos certa) de como os angrenses se tinham levantado a maiores, jurando a obediencia a el-rei, e por elles posto em liberdade e mandado absoluto, de que resultaram as mortes de Manoel Nunes Leitão, e da maior parte dos que lhe assistiam companheiros, de que grangearam titulos Sebastião Corrêa, (governador do Castello) e Antonio do Canto e Castro, (provedor das armadas) e outros, que no empenho se adelantaram (17).

Esta falsa e fantastica nova pela primeira tenção occasionou na corte tanto susto, que a não chegar n'aquelle interim embarcação da ilha de S. Miguel, que convenceu o temor, em razão d'uma carta, que por aquella via escrevera a Luiz Gonçalves Cotta o provedor da Fazenda, Agostinho Borges.

com a data muito depois do tempo em que dizem haver succedido o caso, não faz duvida dar maior cuidado; e ainda assim, a toda a pressa mandou Sua Alteza embarzarão a ilha, tomar plena informação do estado d'elle.

Chegou o bispo, D. Fr. Lourenço da Castro em 11 de novembro de 1671; a poucos tempos visitou el-rei, por ordem particular de sua Alteza que o havia nomeado por confessor do dito rei, em que se experimentarão fructos de melhor condição; (18) e por que as obrigações de bispo lhe não permitiam as assistencias convenientes, e necessarias; que haviam de ser a toda a hora, nomeou sua Alteza para este cargo tres gravissimos religiosos, que se achavam em Angra, a saber:

O padre Lourenço Rebello, da sagrada companhia, cujas prendas serão sempre dignas da maior memoria, por quanto nas letras e realzes do entendimento lustroso, com aquelles a quem a opinião commum dos homens reconheceram mais insignes; (19)

O padre Fr. João de Lemos, da religião augusta, irmão do Ex.^{ma} Arcebispo de Goa, Fr. Christovão da Silveira; (20)

O padre Fr. Belchior Baptista, da seraliev Ordem de S. Francisco, lente jubilado, e um dos padres vogaes da provincia, e n'ella reconhecido por um dos mais capazes nas sciencias e talento.

Em qualquer dos tres assentava o cargo por extremo, e por tão preñdas igualmente se houveram por escusos, por se não dar occasião de distubar a qualquer d'elles.

Teve Sebastião Corrêa uma gravissima doença, que o poz quasi nos ultimos da vida; e por se achar em manifesto perigo, escreveu ao secretario d'estado, Francisco Corrêa de Lacerda, a impossibilidade de seus achaques, que o impediam as obrigações do seu cargo; por cujos respeito se dava por escuso do governo, por não ser justo, que por um conveniencia se fuzisse ao mais preciso.

Na incerteza de ser Sebastião Corrêa fallecido ou não, foi Sua Alteza servido mandar escrever ao dito, que ainda n'aquelle estado era de tanta importancia sua pessoa, e dava tanto d'ella, que lhe puzesse encarregar-lhe a continuação, como seus achaques lhe de sem ler a aquelle governo em quanto o não provia.

E outro sim mandou o dito senhor escrever a Manuel Nunes Leitão, que por se entender que os achaques de Sebastião Corrêa o iam impossibilitando, e ficava com pouca ou nenhuma esperança de remedio, que no caso fosse fallecido, lhe succedesse no governo do castello, de que por aquella carta o havia encarregado.

Foi esta remetida ao reitor do Collegio da Companhia com a circumstancia, de que sendo fallecido Sebastião Corrêa, se entregasse a Manuel Nunes Leitão, e quando não, o fizesse no dia da sua morte.

E com effeito o fez assim o padre Nicolau Teixeira, reitor do dito Collegio d'Angra, em 20 de novembro de 1672, em que falleceu Sebastião Corrêa. (21)

Tomou Manoel Nunes Leitão posse do governo em 27 de novembro, e n'ella foi nomeado por sua Alteza, por patente de 18 de junho de 1673, com o soldo de cincoenta mil reis por mez, que lhe tocava, além dos cincoenta, que tinha de mesada, como vedor da casa d'el-rei, com o que vinha a fer cem mil reis por mez; cujo governo rejeitou, em razão da ida d'el-rei, e inconveniencias das inimidades dos naturaes da terra, pelo muito que sua desconfiança, sem razão forçosa lhe accumulou.

Portou em Angra aos 9 de julho de 1673 a fragata da armada, Santa Maria de Saboya, de que era commandante Henrique Jaques de Magalhães, para effeito de comboiar uma nau da India, que dos estados do Brazil se esperava.

N'ella vieram embarcados o padre Antonio da Fonseca, da Companhia de Jesus, nomeado por sua Alteza confessor d'el-rei, o medico Antonio Galvão, e seu filho, Ignacio Galvão, clerigo, por transmuta do medico Antonio Alvares Ribeiro, e Francisco Lopes, capellão d'el-rei; e como quer que até aquelle tempo não tivesse chegado a nau, se deteve a fragata n'este porto alguns dias, no fim dos quaes resolvendo-se a correr os mares e canaes d'estas illas o fez com tanta felicidade, que no terceiro ou quarto dia entre a Terceira e Graciosa deu com a nau da India, que esperava, com quatro navios de força, que a combojavam; e por o tempo ser prospero e não necessitar de reiresco da terra, seguiu a viagem.

De como tiveram principio as desastradas inquietações em Angra até á ida d'El-Rei

Para relatar estes principios, me considero no principio d'uma cruel batalha; e como os effeitos d'esta são tiros e golpes, que se encaminham ao corpo humano, a fim de prostrar as vidas, é necessario que á imitação dos valorosos soldados me valha dos defensivos, de que estes usam. E por assim ser, exposto em campo, me armo da justiça, por que contra a sem-razão pelego, da innocencia me valho, por que a desconfiança lhe machinou encontros; da lealdade e fô me fortifico, por que o ódio as quiz escurecer.

É supposto que além destes tres contrários adversos, para com os estranhos, ódio, desconfinça e sem-rasão, acinar contra mim, para com os de casa, a inveja e murmuração nas notas do que escrevo—valha-me o zelo, e puro animo do agrado, em cujo escudo rebato as lanças contrarias de meus emulos, que a não ser escriptor os não tivera.

E já estribado em tal tutela me vanglorio defensavel aos tiros da murmuração e aos golpes da censura: e finalmente ousado exponho n'este breve opusculo o que merecia ser empresa singular.

Bastante materia fóra para o extenso d'um tratado, o empenho das noticias das enquetações e disformes causas, que os criados d'el-rei uns com outros tiveram na occupação de seus cargos, por que tanto se extremaram seus ódios que a minima falta não supportavam, nem o menor desacerto, permitiam silencio, sem que em publico o manifestassem a todos, sem decoro, nem excepção de pessoa.

E sendo assim divisos, quasi nos fins d'uma conjuração contra o governador Manoel Nunes Leitão, se atreveram capitular seu mando; mas sendo-lhes baldada a diligencia, supposto que a sagaz prudencia de Manoel Nunes Leitão era tal, que na dissimulação dos tempos se fundava, contudo, ainda que aqui não mostrou o excesso do que podia, alguns dos capitulantes expedio, e outros por retratados alcançaram d'elle piedade.

Não faz duvida que a condição feroz d'el-rei por quasi insupportavel, era de martirio aquelles que de necessidade lhe assistiam; por que como a inclinação pendia a parte do mal, nas propriedades adquiridas, o que nos prudentes e vicio, era em el-rei como habito: E como quer que o leso lhe privava a perfeição cabal, quasi que o melhor ser não tinha, e se em parte, eram lucidos instantaneos, que nunca cabes tiveram o complemento da razão.

Queixavam-se seus creados do aspero traço de seu serviço, se bem confessando o pouco respeito, davam causa a muitas raiagos; por que se da sua parte estava a compaixão da outra estava o ser da monarchia; se bem o que mais penalista eram os publicos deitoes, que d'elle patentavam profereidos sem decoro, que supposto que verdadeiros alguns, contudo sempre o malsoante desagrado aos ouvidos da molestia.

Chegou de Lisboa a esta ilha, no mez de setembro do anno de 1673 uma caravela, pela qual se soube ter chegado, de poucos dias, a fragata—Sabão—e a nau da India.

Com a vinda d'esta caravela começaram a ter principio os confusos labyrinths, que n'esta ilha se formavam; por quanto, nas inquietas novas que trouxe se colheu, que o povo de Lisboa andava tão terrivel, que para se apaziguarem alguns tumultos, de que se ameaçava moim, viera Sua Alteza das Caldas, onde estava para effeito de tomar banhos.

Os fundamentos d'esta revolução diziam, serem por causa do perdão geral, que aos da nação *Hebrá* se permitia, com a condição de contribuirem com uma certa pensão annual, para o provimento das armadas do reino, no que os povos, e parte de creoulos e de la não convinhão.

A pouco dias depois da vinda d'esta caravela, chegou da ilha de S. Miguel, um caravelão, que deu por novas, em como tinha chegado aquella ilha embarcação de Lisboa, por onde não só certificavam as novas antigas, mas ainda lhe acrescentavam outras, em rasão d'alguns contos que appareceram, nas que por mim extenso se via a notavel inquietação do vulgo da corte; pois contavam de como andavam ranchos de doidos, e tão absolutos, que a mesma justica, de que se deveram guardar, era mesma intimidavam; e isto com tanto desaturo, que em attendendo ao crime exercando, que commettiam, blasonavam de amodadores, já preando-se de serem nomeados pelos do rancho do *apostolado*, por se dizer eram dózei já respondendo tão obtinados as justicas, que diziam,—que assim como disseram,—quem e da parte de sua Alteza,—diriam,—da parte de Sua Magestade,—que logo lhe obedeceriam.

E não parando aqui se dizia mais; que estes arranchados foram em uma noite ao Collegio da Cotovia, onde assistia o padre Manoel Fernandes, confessor de Sua Alteza, e que pedindo-lhes, mandassem vir o padre mais digno d'aquelle Collegio, viera o padre confessor, ao qual prozoperam, lhes dissesse, *quantos molhos de carqueja seriam bastantes para queimar aquelle Collegio?* A que os padres responderam; tantos, pouco mais ou menos: Ao que os do rancho tornaram affirmar, *assim havia ser, no caso que a Sua Alteza se não aconselhasse como era bem, e o que mais convinha ao augmento do reino, e quietação dos povos.*

E não parando aqui as novidades, appareceram juntamente as copias de varios *pasquins*, em si tão



D. Alfonso VI

(Reinado de 1113 a 1133)

de confessor, ao qual prozoperam, lhes dissesse, *quantos molhos de carqueja seriam bastantes para queimar aquelle Collegio?* A que os padres responderam; tantos, pouco mais ou menos: Ao que os do rancho tornaram affirmar, *assim havia ser, no caso que a Sua Alteza se não aconselhasse como era bem, e o que mais convinha ao augmento do reino, e quietação dos povos.*

E não parando aqui as novidades, appareceram juntamente as copias de varios *pasquins*, em si tão

licenciosos, como desastrados, alguns d'ella em todo o tempo, e outros em elleste, nem emphasis algum em uns desacreditavam os mais elustres, e do outro em outro, e do mais puro motavam; e em outros finalmente com amedros de ou sim ou não, si, allegavam e moderam mandar vir, como pensando que até os mares lhes obedeciam, que tanto era um despenho, que ainda á vista do mesmo risco se fallavam os tropeços mais evidentes.

Assim corriam estas novidades em Angra, a que muita, e quasi todos os da menor condição davam credito, e em particular os *bandarristas* antigos, como eram os do maior capricho, dividavam, e quasi que não criam o excesso d'ella; e quando, não deixavam de ter muitos para si, que em algum estrondo grande deviam parar estas horridas fúndidade, e quando não progreziam zera d'aquelle anno, que prometia um Frado de voz horrenda no mundo, e em que quer que previssem tão extraordinarias resoluções, d'ellas inferiam a consequencia d'um successo lamentavel (22).

Estando n'estes termos, fallavam as embarcações, e não só as do reino, mas tambem as estrangeiras; e para que a confusão tivesse e principios de maior labyrintho, precedeu a chegar um patacho de *Rudo de Franca*, o qual deu por novas ou por melhor dizer, se colheo d'uma carta escripta a um mercador d'Angra, que em Lisboa houvera alguns motinos no povo, por cuja causa se perderam alguns titulares do reino, entre os quaes era *Antonio Calde* (23).

A pouco dias andador do mez de novembro chegou outro patacho inglez de Plymouth, que quasi confirmava a mesma nova, e bem que, se fosse vinda, ou falsidade supposta, foi publico em Angra, na voz de todos, que em Lisboa houvera um tão mal motino, que n'elle morreram passante de doze mil homens.

Chegou tambem, quasi n'este mesmo tempo, uma charrua de Hamburgo, na qual veio embarcado Pedro Ribeiro da Costa, mercador e natural d'esta ilha; e supposto não publicou pela primeira vez o que sabia n'este materia, contada e passados alguns dias veio a dizer, obrigado do muito pedir, de como em Hamburgo se dizia, que Lisboa andava inducta, e tanto assim, que estando n'aquella cidade uma nau carregada por conta do embaixador, e já em termos de partir, esta se descarregara, ou fosse por aviso do mesmo embaixador, d'Hollanda, ou por outra qualquer causa que se ignorava.

Não deixaram estas commoas novidades de ser materia para que muitos discorressem, se bem no socorro d'uma recante, tão pacíficas, que muita do mais pesado fizeram credito; todos em fim na cautela viviam, e quando apenas cheim vo, entre si fallavam.

Mes arca as m, n'este, temos não deitou a peste da murmuração delaburar, por quanto chegou a tal excessu, que não faltou quem dissesse, que a rebelião do reino fora tão estupenda, que obrigara a que sua Magestade se saivesse por ozer, e n'isso sempre os angrezes em muita paz se mostras de novo affecto.

Inquietou este tanto de novidades tanto o governador, Manoel Nunes Leitão, que resolvendo-se a tratar um patacho portuguez, que do porto d'Angra estava, enviou n'elle de aviso a seu filho, o capitão Manoel Nunes Leitão, que partio d'esta ilha em 20 de janeiro de 1674.

E como quer que já n'este tempo as tempestades do inverno prohibissem as navegações, e com maior razão n'estes mares, pela pouca ou nenhuma segurança dos portos das ilhas, socorreu por esta causa o fallar-se n'aquelles particulares; e quando muito todos desejos da primavera, em que punham as esperanças dos e, e conto da verdade na vinda da primeira embarcação, que a qualquer porto das ilhas chegasse; por quanto tinham todos para si, que sendo aquellos successos tão notaveis, como se preferiam não faz duvida brado, quando não em todo o mundo, pelo reuinto, ao menos em todos os reinos e partes da Europa, pela propinquia visinhança e communicação tratavel.

E por este modo terminavam os angrezes os inquietos commoas em que viviam, em cujas ancias prevaleciam já n'estes os sobre-aias do temor, já n'aquelles os insoços do receio, já outros discordando acrios se achavam tão confusos, que apenas lhe dava a ancia logar ao menor discurso, já finalmente elumeras, corpos fantasticos sem a formalidade essencial, que constitue as apparencias meras da verdade; monstros em fim originados na mente plebea, que no fantastico espirito, enlevado na voz commum seguindo o rumor do que se diz, sem exames do que e.

Assim prevalecia o estado das cousas n'esta ilha, quando aos 17 do mez d'abril chegou um patacho inglez, vindo de Bristol, do qual por alguns cartas particulares se soube, de como em Lisboa houvera no mez de Setembro passado algumas revoluções na corte, mas que estas se apaziguaram; E chegando d'ali a buves eias outro patacho de Franca, teve um mercador da praça uma carta d'um seu constituinte, em que lhe dizia: "que já os moradores d'esta ilha estariam desencanados, por quanto o sermoisimo principe de Portugal tinha colhido ás mãos aquellas pessoas que lhe foram inconfidentes".

Socorram estas novas os animos de todos em tal forma, que se julgou a ilha em tanta paz e quietação, que ninguem tinha para si o contrario, nem presumia o menos de Lisboa, em razão do qual ficaram os animos tão suspensos, que quasi se houve por esquecido, e de nenhum vigor todo o passado.

Porém com o que se ali, uma influencia malevola predominasse os tempos, a espaços breves se logrou esta felicidade, quando apenas desenrolando-os como influxos desastrados, lançou a peste dos seus malignos effeitos; e assim parece já, pois chegando da ilha do Fayal um caravelão, correu a nova de haver alli chegado um navio de Amsterdã, do qual se colheram novas, muito ao contrario das que aqui corriam, e d'estas se poz logo em publico, foram degolados alguns titulares; e o peor era, que entre estes se nomeavam os do maior valimento.

Os contemplativos, de maior juizo, não só duvidavam o referido, mas totalmente o avaliavam por patarati; e caso negado que assim fosse, (diziam estes) consideravam a Sua Alteza na persistencia de seu real mando, temido e venerado, como monarcha poderoso; maiormente quando aquelles, que se diziam delinquentes, eram os que mais privavam.

E sendo este reparo tão digno de exame, fundado no mais verosimil discurso, que poderá mostrar patente os enjuros de falsidade conhecida; é de notar, porém, que ou fosse o diabo, ou algum maligno animo seu sequaz, por tal estilo derramou na mente geral do vulgo uma tão diabolica sisanía, que sem se saber qual fosse o seu principio, d'umoa muitos animos; cujo erro ainda mal, vieram a lamentar; e supposto que o alvivo foi de boa firma, contudo como a materia era de si gravissima, triste e desgraçada aquelle em que desaearegar machina de seu peso, por que é certo se ha de ver a pique, ou quasi nos perigos de cair em terra.

Foram proseguindo as tenções, por que foram crescendo as novidades, que se bem não de todo manifestas, ao menos não occulto praticadas; por que o discurso d'estes era a opinião d'aquelles, e o que uns quizavam, vinha a ser verdade de outros, até que começando-se a romper o segredo dos mais caprichosos, por bocca dos de menos contança, se veio a dizer: "que na ilha havia cartas escriptas em Lisboa, por pessoas que na corte estavam assistentes, as quaes por muy extenso davam relação do caso succedido".

E era que, "por algumas razões, de queixa, que o povo de Lisboa tivera contra o conselho, d'estado, como era o Marquez de Miravila, e seu irmão, D. Rodrigo de Menezes; o marquez de Fronteira, o conde de Villar maior, o marquez das Minas, e o Secretario d'Estado Francisco Corrêa de Lacerda, se provocara o dito povo de tal sorte, que rompendo em um desastrado motim, levava por sua guia o juiz do povo, e caminhando o tumulto ao *terreiro do paço*, entrara o juiz a propor a Sua Alteza, em nome d'aquelle povo, algumas propostas em odio d'aquelles vilidos; ao que S. A. respondera: "Finha vinte e quatro paos para outros tanto vilões ruins". E que com o desabrido de tal resposta se accendéra o povo em tão estrepada furia, que inve tendo as guardas do palacio, se provocara tão sanguinosa pendeencia, que duas tropas, que estavam sortidas por mandado de Sua Alteza, para qualquer effeito, estas lres rompendo o tumulto popular, o assolaram em tal modo, que foram poucos os escapos; porém que sobrevindo o povo com nova direção, e ordem, fizeza segunda investida, com tão extraordinario impeto, que rendida a tropa de mil e quinhenta a entrada do palacio, pela qual subindo investira a D. Rodrigo de Menezes, a quem mandou apanhar e capturar com vilitos seus titulares, que a Sua Alteza acompanhavam; nas que na tarde seguinte, um dia que desabrido, e atarrassimo, se não perdeu de nenhum modo o respeito e veneração de Sua Alteza, senão que n'ella exercandissima acção se inclina o maior delicto (24).

Estas acções, e de astrosas novaz, que não só n'esta ilha se publicára, mas ainda absolutamente se diu nas outras adjacentes, e com mais largueza, como livres da pensão, a que esta da Terceira e trã obrigada; em o que se viram perplexos, e indifferentes os animos de todos, não sendo excluzos a esta confusão os mesmos crendo d'el-rei, em que os sobresellos do temor fizeram alta e poder a privar; e tanto assim, que para o exame d'estas novidades, lles talhou valor; pois é certo, que n'estes principios procedam com animo, pode ser, ou como de facto, que a corrente d'esta venenosa inundação, não vier a espirar tanto.

Mas de que se vio tanto silencio no duvido o, se depois não certy haviam proceder tantas cautelas mais a fim de ruinas alheias do que satisfecções do proprio ançuro, o?

O certo é, que não em parte, porém em toda, em todos o temor foi geriti; uns por prudentes duvidavam, outros por facéis presumiam; estes por discursivos confusos, aquelles por obrigação temerosos.

Rara era a conversação em que por esta ou aquella via não tratasse n'estas materias; por quanto o desejo de saber novidades traz consigo como annexa a diligencia mais curiosa.

E como nas casas do desenhado de ordinario resuscitam as novidades em seu auge, succedea juntamente certas pessoas em casa de um capitular, onde se acharam presentes dois criados d'el-ra, do fóro de guardas roupas, e entrando em pratica o rumor geral, de se haver em Lisboa restituído el-rei responderam estes d'el-ra: *que quando o diabo o quizesse não faltaria um bocadito com que se lhe tirasse a vida*.

A tão licencioso e temerário, dizer-se ^{de} deveria proceder com alta demonstração, se o receio não aggrava a consequencia de trahão. E vista da resolução dos tempos; e como assim fosse, só os que prescrites estavam o poderam estimar, ficando-lhes em silencio a mágoa; pois que tanto lhes convinha a Piedade.

Divulgou-se o dito, incendio maior, em cujos extremos laborou a murmuração com nova causa; e pedendo ser succinta, como não interyesses a cautela, alguns fogosos vomitavam acros, ou já as paixões da ma vontade, ou por melhor dizer, o castigo que tão não sabidos por assistentes mereciam.

E como esta materia estava tao apta, quasi lhe deu plena forma a moim chegada de um patacho inglês, que nos 14 de maio d'este anno de 1674 rebentou á vista do porto d'Angra, com bandeira recenda no tope, demonstração de novidade grande, pois a cada anjullhetta disparava uma peça; e assistando-se todos attribuíam ser a vinda do capitão Manoel Nunes, filho do governador Leitão, que no mez de janeiro passára a Lisboa.

Sahio a este patacho, muito antes do costumeado, o batel da terra (25); e poito elle em franquia, já suggesto á artilheria da Ponta-de-Santo-Antnio, quiz ainda n'este termos seguir sua direita viagem, (e oxalá o fizera) para a ilha do Fayal, onde era sua direita descarga; contudo obedecendo a uma peça, cuja bala lhe rompeo a gávea grande, despedio á toda a pressa o mesmo mestre em um seu bote, a dar satisfação á fortaleza, em cuja occasião se achou presente o mesmo governador com alguns companheiros e criados d'el-rei.

E chegando o batel bem debaixo das muralhas, disse o inglês:—“que sua vinda era de Bristol, que os signos da bandeira, como peças, de que usara, foram em orden ás senhas d'um filho seu, que da outra viagem deixára n'esta ilha”. E quiz á fortuna que n'aquelle dia estivesse ausente da cidade, que a estar presente nunca o abalo causaria tanto espanto, e manifestando o que era poria em socego a todos.

Perguntou o governador ao inglês por novas de Portugal, cuja resposta foi o querer chamar o ajudante, que assistia no barco, que fôra de terra, para secretamente lhe proferir o que sabia; porém não pôde ser tao occulto que bem e expressamente deixasse de ser a todos manifesto e entendido. E as serenas palavras, em fé e testemunho que disse foram:

—“Que fazendo escala, na ilha de São Miguel era curto dizer-se, que á ilha de Santa Maria viera uma caravela de Lisboa, e que por uma carta, que o capitão-mór escreverá ao governador, Manoel de Sequeira Perdigão, que o era da ilha de S. Miguel, se dava por novas, que em Lisboa se preparava uma frota para vir a esta ilha”.

Fizou o governador, Manoel Nunes Leitão, tão a sastedo que nem da sua prudencia se valeu; por que virando-se para os companheiros, sem atender ás circumstancias disse: *“Do ruge ruge se fazem os cascadeis”*.

E a poucos passos proseguindo todos entre si na materia, se ouviu ao mesmo governador: *“Que nova esta para os ilheas!?”*...

Não fez duvida, que falsa e supposta foi a nova, em quanto ao modo com que se admitio; porque na realidade era certa; pois é indubitavel que a tal armada veio a cargo do general, Pedro Jaques, e nella foi embarcado el-rei; porem é incontestavel, que conforme ás antecedencias do proferido se ergue a consequencia d'uma verdade infallivel, cuja opinião nem sombras dava de contrária forma.

Aqui o valor a pique de eobarde se vio quasi nos paroxismo; da ultima desconfiança, se agao a obrigação do posto não alentára a ultima resolução.

Não assim os angrenses, cuja fantasia elevada ao primeiro discurso, ali parou sem voar ao formal juizo da melhor e maior razão; e tanto assim, que quasi arrojados alguns, não com duvida o presumiam, mas como verdade o julgavam.

E como que do até este tempo se occultavam as novas, com mais instancia se dedicaram todos a saber o que do navio se colhera; e por que nas primeiras apparencias se enlevam os mais perspicazes olhos, todos confusos nas antecedencias, inferiram quasi o infallivel da consequencia.

D'uma pequena faísca se fóra um voraz incendio; e tão grandes incendios que diluvis de fogo se não poderiam armar?

Se nos principios se atalharam as faísca, por mãos de quem as podia apagar, nunca tantas chammas em seu auge laboraram!

Não neguem os angrenses, que aqui se houveram contuso; e não digam os assistentes d'el-rei, que medrosos não estavam.

Os angrenses fallavam o que ouviam, os criados d'el-rei, temiam o que se dizia.

Culparam-se os angrenses por muito fallar em materia tao gravissima, e não se criminaram os criados d'el-rei, não por constantes, mas por que não houve occasião de lhes examinarem os peitos; não mereceram por virtudes, mas por que pareceram virtuosos.

E como já se houveram examinado ações, sem se respeitarem animos, que muito peccassem os angrenses, sendo que em consciencia a fidelidade humana não offenderam.

Não os enlevava o amor d'el-rei, por que bem sabiam o pouzo fructo do seu imperio, antes apociosamente anhelavam a conservação de Sua Alteza, como dependencia de seus augmentos, paz e descanso; porém só m'istos do pouzo deozer, e menos respeito d'uma monarchia insoffrivel desesperravam.

Havia na cidade d'Angra um homem altitudo de sua tenda, por nome Lazaro Fernandes, o *carangujeiro*, por alguma, tão presado de *sebastianista*, que de todos esta parte era tido e julgado por louco; por quanto não havia razão que o convencesse, nem paratti que não admittisse, já vaticinando nas cras, já prognosticando nos tempos, já finalmente vendendo o seu trabalho á vinda d'el-rei D. Sebastião; e como esta louquice lhe vinha herdada de seus avós, lhe acava irremediavel a cura. Este, pois, deu no castro de estar, que el-rei D. Antonio havia ser o que conquistasse a casa santa; e como alguns eridos d'el-rei, supposto que os de menor fóra, a título de zombaria lhe encaixassem grandes conthecimentos d'el-rei, mais enlevado até por santo acreditava.

O governador, Manoel Nimes Leitão, que teve noticia de suas parvas ações já de muito tempo lhe prohibira a entrada no castello; e melhor fóra que avexado lhe applicára o remadio de louco.

No tanto que este se viu fomentado das novas, á vista de muitos apaixonados, cegos, teve ao para no dia seguinte, 13 de maio, investir ao cirurgião d'el-rei, João do Prado Ribeiro, que quasi em termos de descompostura se retirou ao castello, onde dando parte ao governador, se alargou na informacio nos excessos de molestuo.

Mandou o governador immediatamente refer no castello todos os eridos do serviço d'el-rei e por carta particular queixar-se ao vigário geral, João Rodrigues de Carvalho, em ordem aos ecclesiasticos; e ao juiz, João do Carvalho, acerca dos seculares.

E como em uma e outra queixa não nomeava expressa, nem individualmente os sujeitos de que se offendia logo que o juiz recebeu a carta, subito pessoalmente ao castello, a propor ao governador lhe nomeasse da parte de Sua Alteza as pessoas de quem particularmente se queixava, ou lhe parecia serem suspectos á fé e lealdade do dito senhor; e outro sim lhe assinasse as testemunhas, e calidade do delicto; para que á sua instancia procedesse com a justiça a que era obrigado; e se convinha ser bastante a sua ordem, sem forma de processo, que a todo o risco e diligencia segurarira nas prisões, que elle governador determinasse, as pessoas, que lhe apontasse, fossem d'este ou aquelle ser e calidade, e lhe segurava obras n'esta materia muito á sua satisfação, e com tal empenho, que grangeasse a honra e mereço, que Sua Alteza costuma dar por premio a os seus bons e leaes vassallos.

Não quiz o dito governador declarar, nem deferir ao requerimento, e proposito do juiz, ou fosse por urdir maior preferençia aos angrenses, ou por temer se estimulassem os animos de todos em tal forma, que concluissem em uma destrahida e ultima resolução.

N'esta mesma forma se houve o vigário geral, e ainda com mais vantagem, por quanto já neste tempo tinha recebido carta do bispo, que em o reidia na ilha de S. Miguel, em como lhe estranhava o não ter procedido contra alguns ecclesiasticos que nas materias d'el-rei se intromettiu; quando o que se dizia em Angra era o mesmo que nas mais ilhas se continava; e tanto assim, que de pusillanimes e fracos moviava os angrenses, o certo e, que considerada a machina, a protecção divina amparou o effeito, por que a carta não prometia ao menos que um fumentivás e desastado iam (27).

Ordenou o governador, que os soldados acadi-sem com suas armas ao castello, e que n'elle as deixassem em quartéis fechados; e outro sim aos officiaes d'artilheria, que logo se atacassem os pedreiros das casas matas, que delendem as entradas das portas do castello, e sobre tallo a porta principal e a outra cobrada soldadesca da costumada; e nella fez continua assistencia o dito governador, com o tenente e ajudantes da praça.

Não lhe estranhavam os angrenses a cautella, porque bem conheciam o encargo da sua occupação, e com maior razão por lhes constar dizer o dito governador, que só dos velhacos e maganos, como o *carangujeiro*, se temia e em delictos d'estes se armava, e não contra os honrados e bem procedidos, que nestes tinha o seguro.

Porém, de dar ouvidos a lisongeiros era a nota que lhe panham; e alguns da muita prudencia, sem deliberação, se escandilavam.

Pode ser que a vista de um cobrado compungira muitos inermes, pôde ser que o temor da vara refrára os desvarios dos loucos, e pôde ser em fim, que o horror das armas fizera tremer a todos, para que cada qual d'esta ou aquella calidade, desta ou aquella profissão se não adiantasse a mais do termino de sua esphera.

Mas como faltou o castigo aos inermes, que muito que com os nescios perigassem; e como faltou a vara aos loucos, não foi muito que sem consideração cahissem no precipicio; e como finalmente se

vio suspenso o efeito das tropas, suspensos os actos da malícia, appareceu que todos d'esta ou daquela se, e condição depezessem o temor á vista dos oppostos, temozos indifferentes da opposição, por incertos do bom successo da victoria. Tinha o governador, Manoel Nunes Leitão, ordem de sua alteza, tanto a seu favor, que n'ella mandava o dito senhor a todos os ministros de guerra, fazenda e justiça: lhe assistissem em tudo o que necessario lhe fosse, obedecendo ás suas ordens.

Não usou Manoel Nunes termos tão terriveis e necessarios do muito que podia, em virtude d'esta ordem, porque parece se não dava por seguro. Por uma parte via que deixando-o seu filho com toda a ancia, e cuidado maior lhe encontrára na despedida, que a todo o risco o viesse brevemente alliviar, e que sendo assim, eram passados os mezes da primavera, sem que noticia nenhuma d'elle tivesse. Considerava que Sua Alteza lhe promettera, que todos os mezes lhe havia mandar embarcação do reino, a saber do estado da ilha, e particulares d'el-rei, seu irmão.

Discursava que as resoluções da corte tinham dado brado na Europa, por cujo motivo se devia acudir immediatamente á ilha, a segurar os animos d'uns e outros, a fim de atalhar as inclinações, que nos principios devidos se ganham ou perdem ou já a pôr em socego os inquietos, que suspiravam o desengano; em cujos pensamentos enlevado, não alcançava a razão nem a causa para que se faltasse a esta obra tão precisa. Para attribuir esta falta a descuido, era fazer pouco do muito que eram os do conselho de sua Alteza, heroes tão excellentissimos, que eram capazes de dar documentos a todo o mundo, como tão experimentados no val e prudentia.

Para se dizer, que esta occasionariam os corsarios e perigos do mar, assim poderia ser, quando uma só embarcação se esperasse; mas que não podia cair em tantas, que n'esta ilha e na de S. Miguel a instantes se esperavam para a condução dos trigos e cevadas da praça de Mazagão; por cuja falta estavam estas ilhas em geral tão exhaustas do provimento do sal e azeite d'oliveira, que foi forçoso por ultimo remedio valerem-se os mais possantes das aguas do mar, as quaes ferviam em tuchos, de que tiravam no fim d'um dia até dois ou um punhado de sal, e este de tão pouca actividade, que apenas tinha o sabor, porque o efeito era tão debil, que em vez de preservar, infeccionava.

N'esta forma vacillava o governador, e outro sim os companheiros, que nenhum d'elles apparecia com cara de sadio, mas antes tão enfermos alguns na fé, que não deixaram muitos de perigar duvidosos da salvação.

E esta vinha a ser a maior ancia do governador o considerar, que Sua Alteza lhe havia encomendado, como principal e maior encargo, a conservação da paz e amizade com os angrenses; e que no caso de qualquer dos seus criados se adiantasse na menor descompostura para com os moradores e gentes da cidade, que logo sem remissão alguma lhe fosse remetido debaixo de prisão. E como este preceito era tão forçoso, havia mister, dizia elle, precedesse o ultimo excesso, para que deliberado se arrojasse a romper em inimidade.

Havia-se ausentado nos fins de dezembro do anno antecedente de 1673, para a ilha de S. Miguel, o corregedor, Manoel Bicudo de Mendonça, que então o era d'estas ilhas; murmurava-se em toda a cidade d'Angra esta sua ida, de que o governador Leitão lhe não approvára; por quanto, já n'aquelle tempo laboravam os ditos a toda a lei; e foi muito, que constando a este ministro o excesso a que chegaram, não fôra bastante para que abreviasse a diligencia da correição, que o detinha, sendo que, a primeira ilha que tomou, vindo de Lisboa com o cargo, fôra S. Miguel, e convocára os seus officiaes para exercitar os actos do seu officio, como com efeito fez por mais de seis mezes; e por assim ser parece que n'esta segunda ilha o detinha o amor da patria, por ser d'ali natural, ou porque tambem amou a neutralidade, como muitos, e os mais discretos.

Não faz duvida, que a prevenção d'este ministro freevava os desvarios, que só consistiam no muito fallar, sem fundamento solido, e para este proano se entende bastaria a forma d'um processo, sem efeito de prisão, para que todos d'esta ou aquella calidade se accommodassem; pelo muito que temem os angrenses as justicias, em razão do dilatado recurso, que experimentam em suas causas; e como escarmentados das proclamações antigas, na falta do cardeal rei, seria facil conceberem tal temor, que ninguem ousaria proferir a menor palavra em materia tão damnosa. Desculpou o governador a omissão d'este ministro, por não escandalisar outro ministro, ou por melhor dizer, por não offender a amizade com que uns e outros se ligavam, como parciaes no conclave de seus affectos, que a ser da facção contraria, não faz duvida tivera muito que sentir, e tanto que ao menos ticára deposto para sempre.

De como se começaram a aclarar as confusões, até em todo ser descoberta a verdade

Duraram estas confusões sem tino, e cada vez mais indecisas até nove de maio, dia em que partiu em Angra uma fragata ingleza, vinda de Cadiz, a efeito de carregar trigos, pela grande falta que d'este genero de mantimento havia, n'aquella cidade.

D'esta apparecia uma carta, que fez princípios de sombras da verdade, por ser escripta por mão d'um mercador, que d'esta ilha se havia asentado pouco mais de um anno; e como n'ella se continham particulares, em resposta das que lhe eram enviadas no patacho, em que fóra embarcado o filho do governador, se colleu haver chegado a salvamento a Lisboa.

E como esta carta não continha novidade alguma, nem palavra que o parecesse, nem menos o inglez, capitão da fragata, a contava, mas antes dizia, haver poucos tempos fallára com inglezes, camaradas que tinham ido de Portugal e lhe disseram, estar tudo em boa paz. Foi motivo para que afracassem os receios, se bem alento para os criados d'el-rei.

Não foram estas novas bastantes para que o governador, Manoel Nunes Leitão, descansasse, mas antes já como vencedor, se ostentou aggravado contra toda a cidade d'Angra, prometendo grandes ruias e castigos; e sobre tudo inquirindo por alguns moradores as acções antecedentes de muitos, e não poucos, que necios e demasiados se houveram nos termos de fallar.

E para que em tudo lhe sortisse a pópa do seu desejo, chegaram nos ultimos d'este mez de maio dois patachos da costa de Guiné a refrescar, para conseguirem o fim de sua viagem a Lisboa, n'elles se resolveu mandar um criado seu, de quem fazia muito caso, escrevendo o que quiz, e fazia a bem de seu caso; e tanto além do que era na realidade, que se fez não menos que sitiado, e com tanto encarecimento que disse, estava n'aquelle castello para com a cidade assim como Elvas para Badajoz na viva guerra.

Estavam os angrenses tão limpos da consciencia, e na fé de tão innocentes, que á vista de tão extraordinarios modos, não fizeram a menor conta do que lhes veio a succeder; pois podendo ao menos por seu procurador resalvar-se, não só não avisaram a Sua Alteza de nada, mas nem ainda sequer a maior cautela a pessoa que defendesse a sua causa, no caso que necessario fosse.

E para que em todo a moyna se avultasse, não houve uma só pessoa d'esta ou aquella condição, que se deliberasse por carta particular a escrever a quietação da ilha.

Não faltou suggesto, que expando-se a todo o risco, deixasse de declarar o muito que o governador se queixava, e o notavel aperto em que carecia seu risco, se bem que a vezes publicas não só applaudia victoria, mas ainda prometia vidas eternas; e para que tudo se diga, não menos que do crime de primeira cabeça o culpava.

Não admitiram os angrenses este avião, (que muito houveram estimar) por que não esquadriharam o péso da materia, nem previram o feito sem parte, nem menos consideraram a presumpção, que de sua facituidade se podia inferir, como se vera assim foi.

Varias razões deram, cujos fundamentos se estribavam na limpeza de suas consciencias; mas o certo é, que muitos innocentes morrem com culpa formada no juizo da terra, sendo que no tribunal divino estavam livres.

Fundavam-se que sempre haviam ser ouvidos; mas não mediram a distancia que por tão longa e difficil, era impossivel que seus brados se percebessem e quando assim fosse, por retardados, já não haveria jogar de se admitirem, por ser em causa julgada; quanto mais deviam attender, como discretos, que as primeiras informações são mais facilis de admitir, e que só um invencivel poder da luz da verdade pode arruinar e destazer, o que primeiro se percebeu com paixão.

Encomendou o governador aos mestres dos patachos, e ao seu criado, (que mandou por fiel das cartas) publicassem a toda a voz em Lisboa, em como estava sitiado: E elles assim o fizeram, e com tanta vantagem, que logo que chegaram desembarcou o dito criado do governador em Cascaes, já pela noite, e a toda a pressa foi ter com o mestre de campo, Antonio Nunes Preto, que então governava aquella praça, requerendo-lhe muito, que importava ao serviço de Sua Alteza mandal-o conduzir á corte; por quanto trazia a seu cargo o importantissimo aviso que ao dito senhor fazia o governador do castello da ilha Terceira, por se achar nos termos de sitiado; que para elle dito mensageiro haver de embarcar fóra guindado pelas muralhas da fortaleza da Ponta de Santo Antonio.

E sendo tudo falso e supposto, o peor é, que como não houve carta nem aviso em contrario, recebeu ter tão inteiro credito, que a toda a pressa, e diligencia incansavel mandou Sua Alteza, se expedisse a armada, que para vir á ilha se estava aprestando.

Aos 4 de junho chegou da ilha da Madeira um patacho inglez, e deu por novas, que no dia da sua partida chegára aquella ilha uma fragata da armada a effeito de comboyar uma naveta da India, que alli chegára; e no tocante ao estado do reino, estava Sua Alteza de saude em boa paz, sem inquietação que o desgostasse.

Com esta nova socegaram os corações de todos, cada qual em seu modo, por que uns perturbados, no modo que sentiam, a pique da louca esperanza, mortas no desejo, só no temor paravam, reduzidos do tempo, e convencidos da ignorancia; que supposto que a piedade d'el-rei os guiava, e o mal servido de seus criados, com os meios desacatos os tinha postos em desesperação; contudo não attenderem á

descrição dos homens, que pelo político das acções se governam, se faz pensamentos, que n'ellas não são para manifestos, com muito mais razão haverá conceitos, que não valham para profissões.

Não assim os outros do bando contrario, que remando com os tempos ao som dos ventos governados pelo norte da prudencia, sem ajuizar effeitos, não se arrojaram ás ondas do precipício, nem menos desesperavam da salvação, e tudo por que esperavam no mar da contusão, ainda formosa se, que o tempo lhes mostrasse o porão da luz da verdade.

E como a estas horas de longe o avistavam, navegavam como em mar de rasas, rindo-se das que viam ansiosos no pelago da ancia, tristes, mofinos, e sem gosto, e tão humildes, que n'ellas tudo eram desculpas, e allegações de réos.

De como se viu manifestada a verdade

Sendo aos 20 de julho partaram n'esta ilha 9 navios vindos do Rio de Janeiro, comboyados da fragata da armada-Madre de Deos-de que era cabo o capitão Diego Velho Delgado; e como quer que ao tempo de sua virada do reino para aquelle estado tivesse succedido o caso das inquietiões da corte, assim por esta via se veio a saber a verdade, e n'esta occasião se decidiram os problemas confusos.

L quem dissera ou julgára tão remontada a luz, e que de tão longe, e por tales rodeios havia chegar?

Em fim chegou, e não sei se para allivio d'uns, se para penas d'outros; e supposto que para mágoa de nenhuns, ao menos para receio de muitos.

Sabido o caso disseram pois:

Que sendo nos fins do anno antecedente de 1773, indiram certos sujeitos, nomeitados do embaixador de Castella, por alcunha *Botavina*, ou appellido, que tinha fallecido em Lisboa, uma notavel conjuração, em que entraram parciaes certos fidalgos, senão titulares, alguns que provinham das da primeira e segunda classe, entre os quaes se envolvia um advogado, cujos pais eram oriundos d'esta ilha, de que lhe provinham algumas rendas vinculadas, que n'ella possuia, e lhe eram d'aqui remettidas, e que este pois, com o pretexto d'algumas cobranças estava exposto e apto a embarcar-se, trazendo consigo algunos ordens suppostos e falsas, tudo encaminhado a pôr el-rei em sua liberdade; e vinha a ser e ta a maior substancia, alem do muito vario e diverso, que outros proteriam, que não relato por carecer de solido fundamento, porque sempre se culpoa por chimera o que carece da forma dos dictames da razão.

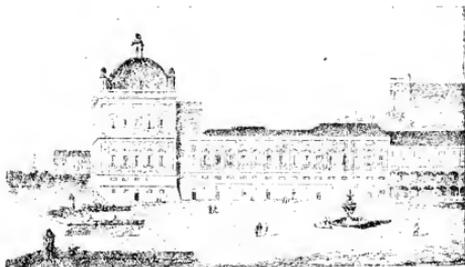
Estando assim sortida esta machina, succedeo descobrir-se inconciencia, e quer o valgo, fosse por bocca d'uma mulher antiga, que assistia ao advogado, e que esta suspeitára mal d'elle, por o dito se embarcar para a ilha com grossos cabedões de moedas de ouro e prata, que não condiziam com as suas rendas.

Mas o certo é, que de outra fonte emanou a corrente dos negocios.

Estando este já expellido de sua casa, quasi embarcado em uma caravela surta em Cascaes, esperando somente a luz da manhã para partir, quando a toda a pressa pelas dez horas da noite chegara o tenente general da corte, Antonio Coelho de Castro, com ordem a que se detivesse a caravela, e que o advogado fosse preso; E com effeito foi com outros mais, excepto alguns, que em salvo se poseram; nos quaes a poucos tempos se executou n'elles a justiça, que por tão capital crime mereciam (28).

E como n'estas materias, por de tanto peso, se esquadrihiam até os ultimos fios, se colligiu, ou temeu, que n'ellas fossem mixtos alguns sujeitos assistentes em Angra, a cujo effeito logo a todo o risco ordenou Sua Alteza viesse á ilha com duas fragatas o general Pedro Jaques de Magalhães; e dizem que com ordem de levar certos ecclesiasticos, e muitas pessoas; sendo o peor de tudo, que n'esta assolação entravam, pelo que de pois se averiguou os mais innocentes.

Mas como Deos defende a innocencia, não permitto que chegasse o general por occasião das grandes tempestades, que no meio da travessia lhe sobrevieram, e tão feroces, que a grande risco o obrigaram a buscar a barra de Lisboa, onde chegou com bem susto e assas trabalho; e por que depois houve alguns dias de bonança, o quizera Sua Alteza obrigar a que pretendesse segm da viagem; e estando em



Paço da Ribeira de Lisboa

termos de a conseguir, lhe pôs impedimento outra mal e tempestade, em razão da qual ficou suspenso e frustrado aquelle intento.

Supposto que os angrenses n'esta tão alegre nova não obraram as publicas demonstrações de festas que deveriam, tão as solemnizaram em seus animos, que o grande gosto lhes não deu lugar a tomar assento no modo com que a houveram celebrar; e esta, na opinião de muitos, foi o segundo erro, para que n'esta acção vissem os assistentes d'elle-rei, que a fé nunca nos angrenses faltara.

Se bem diziam outros, que isso seria darem os angrenses por achados em materias de tanto peso, e que os apaixonados sem razão, como mais interessados no lance, não attendem ao applauso, que menos o deviam aquelles que nunca desfaleceram; e quando Manoel Nunes Leitão dando-se por satisado, não dava mostras de victoria, era porque talvez d'elle não dissessem os angrenses, n'esta demonstração poderiam d'elle murmurar.

Apenas que Manoel Nunes Leitão começou a perceber as primeiras apparencias da luz da verdade, e que todas estas faziam ao bem da sua cauza, se foi pouco a pouco declarando inimigo capital dos angrenses; e como alguns convencidos do tempo se foram pondo ao seu lado, foi necessario não só seguir os seus dictames, mas apoiando os fundamentos da sua queixa e talvez para se desculparem a si culpar a outrem; e o peor e, que recordados das offensas proprias se deixaram levar tanto do odio, que não lhes escapou a minima acção d'aquelle a quem não queriam bem, que não acreditassem por culpa mortal, sendo que na quantidade vinham a ser uns minimos tão leves, que todos juntos não chegavam a fazer substancia em que se podesse formar delicto.

E como n'estas emprezas se grangeavam os creditos proprios com descreditos alheios, para o governador se acreditar de mais fé, não teve escrúpulo nem os seus sequezes para deixarem de criminalar aos que lhes pareceram, e de que não tinham bomceito, por infieis; para cuja prova, já com ameaças já com promessas, já com caricias foi examinando o interior de todos, e em particular os animos d'aquelles com que de portas a dentro se achava.

E como Manoel Nunes Leitão para esta diligencia tivesse o melhor e mais sufficientissimo modo, que vinha a ser o secreto, e sobre tudo o desafoço, com tal cautela, que nunca o pêsse deixar pécada; porque com o me mo semblante com que dantes tratava aquelle contra quem machinava, com o mesmo e dobrada afabilidade o tratava depois, até em todo fundar a obra do seu intento.

E como assim fosse, não foi tão de balde esta sua diligencia, em que se occupou por muitos dias, ou por melhor dizer em todo o tempo d'esta sua occupação, que a poucos passos não descobrisse peccados tão gravissimos nos seus mesmos, que lhe foi preciso pôr em seguro, e a bom recado tres sujeitos um dos de menor fóra, o qual mandou metter no calabouço pequeno do castello, com prohibição de que pessoa nenhuma, de qualquer qualidade ou condição que fosse o communicasse, e que tudo o que lhe fosse a prisão de sustento para a vida se visse e emannasse.

Os outros dois, que eram do fóro mediano, com serem irmãos, mandou dividir em casas separadas um do outro, com a mesma prohibição; cujos apertos denotavam crimes tão gravissimos, que d'elles a meirer distava pouco.

Estas prisões puzeram em cuidado todos os de dentro; e supposto que se quizeram esquadrihar os motivos d'ellas, não se deu por hora razão cabal, que concluisse em assumpto verdadeiro; com o que se veio a entender, que aquelles tres viriam a fazer as partes de reclusos, e que o seu cantar atralhiria muitos ao lado; e na verdade, não philosopharam mal, por que assim foi pelo que o tempo mostrou depois.

Deixemos por ora o emblema assim confuso, por que os tempos ao diante o decifração patente á vista das obscuridades em que no estado presente se anima.

Chega a Armada, inquieta o temor a todos por tal estílo, que ninguém se dá por seguro

Aos dez de agosto, a horas de vespera, chegou ao porto d'Angra, fóra das pontas a fragata—Piedade,—de que era commandante Francisco Ouedes Ferraz.

Ancorou esta tão surda, que não fez caso do castello, em ordem á salva d'artilheria, como é costume; e que todos notaram, por conter em si mysterio estranho.

Foi a ella barco do despacho, com o ajudante, do patrão da ribeira, no modo que se costuma.

Não quiz, porém, o commandante admitir a seu bordo nada, antes se houve com tão nova invenção, que só disse ser fragata da armada que vinha correr a costa.

Atônito sahio o despacho, admirado do extraordinário modo com que fóra tão desabridamente expellido.

Não deixou o susto de dar abalo, se bem pavor em uns, receio em outros, e o pavor é, que gosto e prazer em muitos.

Assim suspenso, com o fígura muda, esteve esta fragata dois dias sem lançar lanche a terra, nem da terra admitir recado algum, apenas e por muitos rogos recebeu uma carta de Manoel Nunes Leitão, mas com tanta vigilância, e cautela, que logo se mandou afastar o batel, perseverando ao largo todo o tempo que foi necessário para a resposta da carta do governador, que foi breve, sem dochar conceito algum em que se houvesse fazer repulio e só dizia que no particular das novas de seu filho, Manoel Nunes, estava de saúde.

Aos doze do mez appareceram tres fragatas, dois patachoes, e uma caravela; e como n'este tempo andavam á vista do porto os navios do Rio de Janeiro, que em razão das borrasças lhes não permitia o seguro da ancora, por estarem surtos muito ao mar, não se pôz bandeira de capta, signal de rebate; por quanto se sabia a certeza dos navios que eram; e e de notar, que foi o ardil de Manoel Nunes Leitão tão odioso, que a toda a presa mandou se pozesse bandeira, e se tocasse a rebate; mas como quer que o seu desvelo neste particular foi com ancia, fez com que muitos reparassem no modo e d'elle colligissem a maldade que continha.

Estavam n'este dia ausentes da cidade o capitão-mór, e sargento-mór, das ordenanças; e como é estilo no tanto que o castello toca a rebate fazer o mesmo a cidade, se deu parte ao capitão João d'Avila, por mais antigo; e resolveu ser muito, e senso por quanto se sabia de certeza que os navios eram da armada, de que se não podia temer receio, nem danno.

E foi tão acertada esta resolução, que n'ella consistio não menos que a salvacão da ilha; por quanto o general, Pedro Jaques, foi tão sagaz e ardisoso, que no dia d'antes tinha lançado na costa um homem pratico, como espiao, a fim de se informar do estado da terra; E de feito andou incognito na cidade tres dias, mais admirado da quietação, do que receio de ser collido por tal.

Andaram as fragatas n'aquelle dia, e parte do outro, bordejando á vista do porto, até que aos treze do mez pelas seis horas da tarde se fez na volta da terra a caravela, e por semhas se começou vir n'ella Manoel Nunes, filho do governador, tão festejado dos seus e companheiros, como se em sua vinda esperassem o fim do seu remedio.

Logo que ancorou sahiu á terra em um batel da mesma o dito Manoel Nunes que desembarcou no porto-novo, que até n'esta acção deu mostras do odio em que seu peo incriminava os angrenses; se bem o general estava tão ansioso, que ainda n'aquelles termos parecia não soar effeito a sua vinda; por que surpellido a certeza do levantamento eram muito poucos, dizia elle) os cabedoes que trazia para a subjeitar por armas; e é certo que n'estes termos só o seu designio era tirar a pessoa d'el-rei do castello sem attender ao mais.

Cerrou-se Manoel Nunes Leitão com as novas e noticias, que lhe diera seu filho deixando em mera confusão os corações de todos, que attribuiram ao silencio a disparar em uma extraordinaria novidade.

No dia seguinte, 14 do mez, pelas 8 horas da manhã lançou ferro a armada, mas não tão muda, que não deixasse de salvar a capitania, com onze peças; e com a mesma igualdade lhe satisfez a fortaleza, e as seis fragatas, que em sua ordem salvaram.

Apenas ancorou ordenou o general ao governador Leitão, lhe mandasse no dia seguinte alguns batéis, que lhe eram necessários.

Assim o fez, e sem embargo do muito tempo, e travessia fez o governador aprestar alguns caravelões, que estavam no porto, e metter n'elles os officiaes de sargentos e alferes do castello, á ordem do general; chegaram estes pelas quatro horas da tarde a bordo da capitania; e por o tempo ser demasiado lhes não permitiram os mares atacarem-se com as mãos, antes ficando ao largo com as lancheas lhes conduziam a gente da armada, que n'ellas se embarcou, que foram tres companhias.

Nestes termos sahiu o general no bergantim, e em sua companhia o desembargador João d'Andrade, e o tenente general da corte Antonio Coelho de Castro.

No tanto que o bergantim perpassou pela ponta de Santo Antonio lhe mandou o governador fazer salva com quinze peças, e o castello de São Sebastião com nove, e os navios, que no porto estavam, que n'esta corteza não faltaram.

Desembarcou o general no porto-novo, onde o esperavam o governador, o provedor da fazenda, o capitão-mór, os prelados das regiões, e pessoas particulares.

E apenas que se saudaram uns e outros, se retiraram á parte, o general governador, João d'Andrade, e o tenente general; O que entre si consultaram por ora se não sabe; se bem não faltou quem ouvisse dizer o general ao governador: — (Que elle não podia dizer a sua Alteza achára a terra inquieta, quando tinha certeza do contrario).

Não deixou o governador de ficar suspenso, mas desculpará-se com a cautela, se bem appellára para os embustes que lhe tinham a cidade.

N'esta junção, por ora, montou-se general a cavallo para o castello, com seu filho Manoel Jaques; o desembargador João d'Andrade, e o tenente general se metteram em uma liteira; e guiados estes dois sujeitos por um ajudante do castello, se despediram uns e outros para o effeito, que ao diante se relata.

Entrou o general com salva de onze peças; e como el-rei já sabia da sua vinda, sahio ás janellas da galeria, onde o esperava na primeira vista.

Apenas que Pedro Jaques entrou na praça do castello se agou, e com o chapéo na mão, sem reprimir as lagrimas, nascidas do affecto, foi proseguindo a palácio (29).

E sendo esta acção tão justa, e tão propria, não deixou de ser admirada dos soldados do presidio, não por que estranhassem a submissão em pessoa tão grande, mas pelo que haviam visto em muitos de menor esfera para com o decoro e veneração do mesmo rei a quem serviam; e sobre tudo o que mais mortificava a todos era o verem que o respeito e subordinação, que os criados d'el-rei rendiam ao general era muito mais sublime do que aquelle que usavam com el-rei; e como outro sim notavam que o general, quasi perplexo, titubeava nas ceremonias da sua presença real, e não assim os seus criados, cujo maior desvelo era a invenção do escarneo: aqui animavam as razões e causas da sua maior queixa.

Chegaram o desembargador, e o tenente general a casa do vigário geral, João Rodrigues de Carvalho, e da parte de Sua Alteza o houveram preso por inconfidente; a que o dito respondeu com susto: *-Eu traidor? Não acho que o seja!*

E como n'estas materias não se permitem replicas, lhe fizeram represalia nos papeis e cartas que lhe acharam; e mettidos na liteira o foram depositar no Collegio da Companhia, com prohibição de não fallar mais que com os seus officiaes de justiça em ordem aos effeitos das partes.

Foi de tanto abalo esta prisão em Angra, que todos confusos se admiraram, e principalmente os assistentes d'el-rei, que n'elle tinham experimentado tão encarecidas finezas, que o julgavam pelo alliviador dos seus sustos; e tanto assim, que achando-se a casa exhausta de dinheiro para a contribuição das mesadas e gastos da cozinha d'el-rei, offereceu este ecclesiastico não só o dinheiro, com que se achava, mas ainda seus livres, que era o melhor que possuia; sem que n'elle se presumisse nem sombras de inconfidencia, nem ainda o menor temor de ruim suspicita, que tanto pode o ardil humano.

O certo é, que esta culpa, se é que a teve, lá se originou, e de lá trouxe a prova dos seus fundamentos; se é que as esperanças o embriagavam, cahiu com os mais; e se é que por relator se tinha das miserias, tropeçou no engano.

Da particular amizade e correspondencia que tinha com Antonio Cabido, lhe proveio este achaque; e como a correlação d'aquelle fidalgo com o bispo era tão proxima, quasi que a pique andou este prelado; e naufragara sem remedio, a não ser uma carta, que n'estes

exames se colheu, em que dizia: *que em certa materia de negocio não soubesse nada o bispo*.

Ainda assim, uns presumiam, outros affirmavam, e muitos com receios não soegavam na segurança do livramento do bispo, principalmente o vulgo, que tinha por certo não escapar da ida, julgando que na volta da armada para Lisboa se fosse buscar á Ilha de S. Miguel, sendo que os mais capazes eram de opinião contraria.

Chegaram pela noite os caravelões a terra, desembarcaram as tres companhias e seus officiaes no porto, e conduzidas pelo tenente general, vieram marchando formadas para o castello, com tanto estroendo, que pozeram em confusão toda a ilha, uns de susto, outros de medo, estes temerosos, aquelles perplexos, emtanto que ninguém se dava por seguro, como ignorando o effeito de tanta machina.

Alojaram-se estas companhias no castello, favor que o general fez á cidade; porquanto n'aquelles termos estava a gente tão perplexa, que no caso que os soldados quizessem obrar qualquer insulto, se atendeu que nem alentos haveria para a mais justificada queixa.

Logo no dia seguinte, 10 do mez, começou o desembargador João d'Andrade a processar a devassa, em virtude da queixa do governador, Manoel Nunes Leitão na qual nomeou somente aquelles, que o seu odioso affecto lhe dictou por cumplices da culpa do muito fallar sem cautela; e como elle governador era parcial no favor da amizade com um certo ministro, e este por sua vaidade havia grangeado



Castello d'Angra

bastantes inimigos, por comprazer ao gosto e vontade d'este tal ministro, carregou com todo o empenho nos saqueos de quem mais se escandalizava, em razão d'aquelle tal, e n'estes somente que poz a rol cahia o raio, que a não ser a forma da queixa, tão particular como foi, comprehendera por geral a todos os nobres da cidade d'Angra; por quanto não havia nenhum, nem ainda os religiosos, que n'este lance se podesse isentar da malha; e com taes circumstancias agravantes, que poderam n'ellas muitos e muitos perigar, a não serem os fundamentos meramente desvanecidos por carcereadores do fim que nunca podia ser obra que permanente fosse.

Em razão d'esta queixa do governador foram chamadas as pessoas, que elle nomeára por testemunhas da sua prova; de que resultou na noite do dia 19, depois da porta fechada, pegarem nas armas as tres companhias alojadas, de que se tiraram tres patrulhas, ou esquadras, a cargo de tres capitães das mesmas, para effeito das prisões, que abaixo se declaram.

Sahiram os referidos cabos do castello das onze para a meia noite, guiados cada um por um soldado do presidio, o qual conforme a cerimonia e uso militar sahiu em corpo sem armas nem espada, e buscando cada um por si divisos uns dos outros as pousadas dos sujeitos, que intentavam prender, foram os primeiros: em que deram dois ecclesiasticos, quasi contiguos na visinhança, os quaes sem repugnancia nem alteração, que estrondosa fosse, livre e espontaneamente se entregaram.

E constando que tres seculares, que eram envoltos assistiam fóra da cidade em suas quintas, lhes foi forçoso aos executores a bom caminhar conseguir a diligencia; e ainda com mais razão por ser a distancia, em dois, menos de légua, e só a d'um se alongar a tres, que conseguiram com a-sás trabalho.

Chegados a effeito da execução da ordem, se houveram com um demasiado estrondo, (parece que raivosos do muito caminhar) mandaram abrir da parte de Sua Alteza, o que não foi bastante a nenhum desfallecer n'este tão apertado incidente; mas antes com todo o bom socego, modestia e compostura obedeceram, com razões demonstrativas do bom successo, que haviam ter no livramento da sua causa.

Estava um dos cumplices por acaso fóra de casa de seu pae, o que foi motivo para que o capitão, que tinha o encargo da prisão, excubiasse a toda a diligencia os aposentos intimos d; moradia, com excessos importunos e modos de imprudencia; e sendo frustaneo todo este seu desvelo, transcendeu a ordem que levava em tal forma, que o que devêra obrar no filho executou no pae; e com imperio e resolução demasiada o trouxe preso em sua companhia, sem que lhe valesse a auctoridade de sua pessoa, e ser um des de maior calidade, nem menos o respeito de seus annos que já eram os da velhice.

Apenas, porém, que no dia seguinte constou ao bom filho a prisão escandalosa de seu pae occasionada por elle, a toda a pressa espontaneamente se veio offerecer á prisão; em cujos termos se avaliou esta acção na mente de todos, por generosa e fidalga, com tal credito, que foi louvavel, e por ella grangeou o dito prisioneiro affecto ainda dos seus adversos e contrarios.

Havia-se encarregado ao corregedor da comarca a diligencia da prisão d'outro ecclesiastico prebendado, a qual executou n'elle pelas cinco da manhã, levando-o ao castello, onde já se achavam os referidos, os quaes por ordem do desembargador se recolheram em diversos quartéis separados uns dos outros com as guardas necessarias, mas não com aperto que notavel fosse, antes com a liberdade de fallarem a todos, com tanto que não fossem com particularidades de segredo.

Ultimamente concluíram-se as prisões n'este dia, e nos mais com a de Lazaro Fernandes o *Carangujeiro*, (de quem já fallamos) executada pelo meirinho da correição, o qual logo que entrou no castello o mandou ir ante si o general Pedro Jaques, munido da curiosidade, a fim de ver com seus olhos o desengano das aerias e fantasticas illusões formadas na voz do mundo, com titulo e denominações de maximas, sendo que penetradas na realidade de sua substancia, não vem a ser mais que um ente tão breve, que não faz somma que avulte.

Isto se vio patente n'este Lazaro Fernandes, que sendo um pobre homem, e de tão menor esphera, que vivia do seu trabalho, sem mais cabedades, que a tesoura e agulha, instrumentos de seu officio, tido e havido por louco nas parvas esperanças da vinda d'el-rei D. Sebastião: E sendo este tal, teve tal fortuna, que mereceu, não só na corte, mas em todo o reino (e não sei se diga, que na maior parte da Europa) ter o nome de homem tão grande, que nenhum outro mais se lhe avantajava no respeito, calidade e riqueza; com o qual predicamento levava após si os animos de todos pela resolução de suas insolencias, que o faziam ser temido.

E como o general fosse tambem d'aquelles que assim o imaginavam, debaixo da fama vulgar, que tanto o acreditava, sem repugnancia, nem opinião contrária lhe foi necessario certificar-se com a vista, notando n'elle assim os modços da pessoa, como as pouco polidas razões, que não d'iferiam das nes-



PEÇA DE MALACA

no Castello d'Angra

cias palavras d'aquelles, e os seus gestos da n'obra, e como em todo desmentiam a fama glorioza da voz do mundo, a natureza do que se della da materia presente quiz dar credito; mas antes assim elle como o desembarcado lo como entre si discursaram quasi n'este sentido.

Quando o *Carrizueño*, (bramou elles) bastou para inquietar uma côrte, e sendo nada mereceu o credito de millo, que muito que do millo e de tantos millos fizessem caso os angrezes!

E quando os laizes, tornamta a dizer mais polidos, e os estadistas por officio erraram em tal modo, não é de admirar que os menos versados discorressem tão mal!

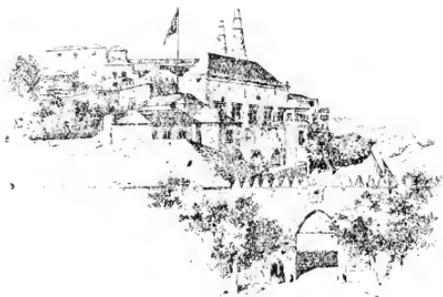
Com o que venham a e concluir, que a falta da verdadeira noticia dera occasião ás monstruosidades, que em um e outro hemisphero se conceberam, e que tudo viria a ser uma prehez tão ridicula, que vindo á luz o parto d'ella viria a ser ieto sem alma, espirito sem alento, corse sem aliecer.

Achava-se na ilha da Graciosa um ecclesiastico dos comprehendidos na queixa de Manoel Nunes Leitão, e como atendeu que em talos os nomeados por elle se devia fazer execucao, e em particular n' aquelle sujeito, que verdadeiramente era o mais gravado

pelo desvario do fallar sem reparo, nem cautella, foi necessario expedir-se um caravello á quella ilha, em que foi enviado um ajudante dos da armada, para effeito de ser preso o tal ecclesiastico; e de facto foi logo, e em breve demora voltou mdo com os mais.

Pararam nos referidos as prisões, mas não os receios em muitos, que n'este conflicto a cada instante desmaiavam, vacillando a puro trespassse as angustias da ancia em que se viam, como quem esperava a minutos a hora, de dar senão a vida, ao menos a liberdade.

E foi este susto comatum quasi em todos os de maior ser, tudo o que vai dos 11 do mez até 22 da manhã em que se levou a embarcar o vigario geral, e na tarde d'este dia os mais prisioneiros, que se dividiram pelas cinco fragatas da armada, entregues aos commandantes d'ellas.



Ponta Real de Ceuta

de agosto de 1674, pelas cinco horas da tarde, embarcou el-rei no *porto-novo*, onde havia desembarcado quando entrou na ilha, com mais decencia n'esta occasião do que n'aquella; por quanto sentado em uma cadeira rasa, pagando d'ella quatro cavalheiros dos da maior qualidade da armada, o levaram suspenção nos braços ate o porem dentro no bergantim, sem embargo das aguas e mares, que atropelavam.

Havia el-rei entregue a espada, quando se quiz embarcar, a Manoel Jacques de Magalhães, filho do general, e como se descuidasse de l'ha entregar, logo que se embarcou, advertindo t'ela em sua mão ja a tempo que o bergantim estava livre da praia, l'he foi necessario ao fidalgo metter-se pelas ondas com tanto excesso, que a mais do peolho l'he assombraram as aguas, até com effeito entregar a espada a el-rei em sua propria mão.

Pararam todos n'esta acção, pelo descostume das que haviam visto, notando a qualidade da pessoa, esta para com el-rei, e moralizando a differença dos sujeitos que executaram outras para com o mesmo.

Proveu sua Alteza no governo do castello, por fallecimento de Sebastião Corrêa de Lorcilla, a Maria d' Nunes Leitão; e como era torçoso que elle acompanhasse a espada d'el-rei, trouxe o general Pedro Jacques ordem para que em nome de Sua Alteza desse posse d'aquelle governo ao mestre de campo Diogo Soares Pereira; e por que na corte se dividou o querel-o o dito acceter, em razão de estar muito odiado com a principal nobreza d'Angra, se fez embarcar o tenente general da côrte, Antonio Coelho de Casato com o pretexto não só de governar a infantaria e gente de guerra, no caso que fosse necessario lançar-se em terra; para o que tinha poder o general de l'he dar patente de mestre de campo, na forma que costumavam os generaes governadores das armas das provincias; e quando a tal diligencia fosse desnecessaria, e o dito mestre de campo, Diogo Soares Pereira, não accetasse o ser governador do castello, ficasse n'ello o tenente general referido, com os poderes, preeminencias e prerogativas de governador, com o soldo que tinha de tenente general, pego na côrte, e como o mestre de campo não accetou o governo, o fidalgo ficou o tenente general n'ello.

Partiu a armada da ilha em trinta d'agosto; chegou a Lisboa pelos vinte de Setembro, com duas naos da India, que tinham n'ellas a nova das ou tres mezes á ilha do Fayal, em diversos tempos uma da outra.

Lo que desmorbou el caso em Lisboa se foi apsentar n' os paços reaes de Cintra, já preparados, com um presidio de trezentos soldados, que lhe assistian, de guarda, com todos os criados e assistentes, que tinha na flotta; os quaes gozavam em todo suas meçadas na mesma forma, e occupação que na dita haviam, e todos a cargo do governador Manoel Nunes Leitão, com o titulo de mestre de campo general da provincia e partido da Extremadura (30).

No particular dos presos da flotta foi necessario, em razão da credidade do crime, recolherem-se a palacio (31), com os quaes se procedeu *pro forma*, por se acharem sem culpa que mortal fosse.

E comprehendidos uns poucos da causa, em ordem a machinarem contra o governador Manoel Nunes Leitão, o qual não só não quiz ser parte na accusação do crime, mas antes com todas as veras intereões por elles, porém não obstante estes seus rogos, foram senenciados a degração os mais gravados que se acharam (32).

FIM.



LEONE E LA ROSA



*Leone e la Rosa - Parla
 un altro uccello che
 un altro lui, e che
 non lo vede? Fede alle
 diavole, e con comita de
 le se il capo ha fatto de
 uno Solyha, un uomo*

*Leone e la Rosa - Arcofede! Leone e la Rosa, e
 un altro uccello che
 un altro lui, e che
 non lo vede? Fede alle
 diavole, e con comita de
 le se il capo ha fatto de
 uno Solyha, un uomo*

AMAR

PEÇA EM UM ACTO



PERSONAGENS..... 3

LYDIA.....	27 annos
JULIA.....	22 annos
SUZANNA.....	18 annos

A acção passa-se no tempo presente n'uma sala da casa de Julia

A scena passa-se n'uma sala espaçosa tendo grandes varandas que deitam para um parque

Lydia, 27 annos:

LYDIA — entrando pensativa (trazendo um livro na mão monologando).

Que prazer... que enorme satisfação! estou inspirada d'um d'estes sentimentos estranhos e impressionantes que me invadem a alma e que me acariciam o sangue! sinto o coração bater com tranquillidade mas com uma rapidez de quem vive mais rapidamente um transe agitado e violento d'um momento que pode tornar-se um periodo ou mesmo uma epocha. Precisamente este meu estado d'alma que só me perturba o coração, parece-me que sem o apreciar, sem ter a nitida certeza, já o senti quando era criança, quando tinha os meus sete para oito annos; e elle durou uma epocha; prolongou-se como se fosse uma phase do meu modo de sentir. Não via mal algum em coisa nenhuma... todos se queriam approximar de mim e eu presentia na approximação de todos a procura do bem estar, ao meu contacto da docura que se diffundia do meu ser infantil. Lembro-me que durou bastante tempo... talvez anno e meio; talvez dois annos. E' possível mesmo que fosse mais. Agora é a mesma alegria sem expansão e sem manifestação apparente, e ella vai durar como durou a outra antiga...

Penso claramente e nitidamente, e contudo o meu pensamento não é diffuso como devia ser, para eu me achar tranquilla e segura das responsabilidades impostas pela sociedade.

A distacção entra-me no espirito a occupar as idéas, adormecendo-as... para me lembrar faço um esforço e procuro muito, muito, muito... As idéas voltam-me á memoria; mas tão nebulosamente que me não deixam tranquilla... logo porém volta o esquecimento e fico mergulhada no tal bem estar das idéas dozes que me fazem crer em um poema de felicidade se eu não sentisse a necessidade de as guardar como jóias preciosas que se devem retirar da vista da gente cuja honestidade é desconfiançada.

Como eu de-jearia perseguitar e sondar os phenomenos de pensamento e explicar os sentimentos que elles reificam?... e que prazer o meu se eu detilhasse o mechanismo das emoções com precisão?... se eu presentisse a origem d'essas emoções? Eu realisaria a cura da neurasthenia pelo meio repetido porque teria tambem o segredo de substituir a idéa com a mesma rapidez com que ella nos dá o seu esforço pensante que forma a educação da vontade e traz a transformação dos pensamentos. Charcot com os seus estudos sobre o hypnotismo e sobre a vontade, abriu á medicina um vasto campo de trabalho para as curas por meio de hypnotismo ou suggestão da idéa, pelo somno ás pessoas atacadas de doença nervosa; e hoje a psychoterapia ou o enfortalecimento da determinação por meio do exercicio do raciocinio, restitue aos individuos a saúde physica pelo convencimento e pela suggestão lenta e evolutiva. Os prozós individuos adquirem a vontade a si mesmos pelas auto-suggestões feitas baseadas na disciplina e na execução de habitos adequados ás conveniencias. E a frequencia da forma que pela sua intelligencia, pela sua vida moral, pelas condições sociais podem trazer com o seu

contacto exemplo de inutilidade, para os exercícios d'auto-educação, está indicada. Creando o ambiente favorável o indivíduo adquire o repouso necessário ou o isolamento indicado á sua saúde impondo-se um horário diário de circunstância; o mesmo acontece com os exercícios físicos que a pessoa pode exercer regularmente como therapeuticamente para o espirito e para o corpo; e com o trabalho que a pouco e pouco volta a ser executado com a mesma intensidade que era executado antes da perda da vontade. Temos aqui o homem sem auxilio de medico ou d'outra pessoa, sem poranto a necessidade de etero-sugestões, adquirir pela educação da vontade o meio util á realização das suas aspirações. Isto é por assim dizer a maneira artificial de reobter a satisfação e as forças perdidas ás vezes na labuta pela vida. Essa mesma suggestão é empregada pelos professores nas escolas e as creanças são corrigidas dos seus defeitos, das suas tristezas, das suas indolencias, da sua falta de decisão... mas não ha nada comparavel a este estado d'alma natural sem o contacto de pessoa estranha, sem que a sua intelligencia seja uma determinante do bem estar que se sente adquirido com esforços e com systemas. É um agrado geral que surge com o pensamento e que prevalece a manter a sentimentalidade da gente sempre crescente. Que bem! Que delicia... A gente vive com o duplo prazer de se sentir cheia de saúde quando essa saúde não proveiu do convívio de ninguém. Não são agentes estranhos que a inspiram, não são agentes estranhos que a provocam, nem é preciso uma cura para a obter. Ella vem de nós mesmos com a suprema realidade da força das coisas naturais e solidas. *(Dentro dos bastidores sente-se ruído e passos d'alsuem que se aproxima).*

SCENA II

JULIA—22 annos—*(voz resoluta e impetuosa, sempre meio ironica)*. Lydia! estou capaz de subir em aeroplano levando um cesto com viveres e transportar-me n'uma viagem rapida para além dos Balkans, para as regiões orientes, para a Asia menor, para o noroeste d'Africa. Assistir á guerra no paiz párrado e 300 metros d'altura! Ir ver as costas da Macedônia e estudar de perto a lucta que alli se trava; a disputa da terra pelos alliados e a defesa do territorio continental pelas tropas dos imperios centraes. Que impressão se não deve ter olhando d'um avião, Athenas, com as suas velhas ruínas monumentaes, com a sua Aeropole erecta qual outra cidadella vigilante da civilisação. Páisar sobre Athenas em aerovião é ir buscar uma invocação sublime de culto, do bello da arte na forma mais synthetica e demonstrativa da civilisação dos meios locomotores; no apparelho que resume em si a ultima expressão scientifica de transporte a longas distancias sem obstaculos, sem difficuldades de trafico que nos perturbe a passagem, no apparelho que rompe as regiões etheres e infinitas e que nos mostra n'um raio visual extensissimo os trabalhos da humanidade para a solidariade commum, para o bem colectivo, para a perfeição ideal das materias submetidas á intelligencia e ás conveniencias dos homens, e que nos deixa surprehender os deslumbramentos da natureza, sob infinitos aspectos e rapidissimos lanceos por uma forma constantemente nova. O sangue circula-me nas veias com abundancia; e eu adivinho uma vida nova abrir-se cheia de heroicidade! Successos a jorro parecem accorrer á minha vontade que se assemelha brotar d'este fluido activo de sangue quente, rubro e puro que me legaram os meus ascendentes e que percorre todo o meu ser. Decididamente estou inspirada da alegria de viver e da energia das almas heroicas...

LYDIA—*(sorrindo)*. Mas donde te vem essa corrente magnetica de vitalidade? desde quando sentes tu essa exuberancia emotiva?

JULIA—Não sei, talvez a sinto ha um mez de de que estive no Chalet dos Vasconcellos á Rocha Escarpada. O sitio é dos mais poeticos batido pela espuma das vagas, acariciado por uma brisa que chega ao local conda por uma mata d'eucalyptos frondosos no meio da qual, n'um moio de terra atapetada de relva em que os malmequeres e as papoavas recamam o verde, se eleva no planalto o pequeno Chalet rodeado d'alpendres e de balcoes, semi-cobertos de trepadeiras que useem das sacadas das varandas de madeira em quadriculos no estylo do seculo XVIII freiratico lembrando as janelas dos conventos, e revestem as paredes tocas d'uma comruegão de-guarnecida em que se veem os canchais sobrepostos, proprios das edificações campestres.

LYDIA—Estava lá muito gente?

JULIA—Não! a casa é pequena. Estava um primo da Maria Theresa, Mario d'Almeida Araújo, deputado e romancista, rapaz elegante, sympathico, um tanto pretencioso talvez da sua personalidade, de trinta annos; e a irmã, uma das grandes amigas da Maria Theresa, uma rapariga da tua altura de cabellos pretos e olhos escuros muito prendada em tudo que diz respeito ao mister d'uma boa dona de casa, desde o bordado, ao qual ella é inexcedivel, até á culinaria em que ella formula theorias sobre dietetica e sobre processos de cozinhá pelo vapor com uma proficiencia d'hygienista.

Ah! minha querida, Lydia o clima na Rocha Escarpada é d'uma amenidade tonificante, que insufla coragem e espirito alegre. Nós sentavamo-nos todas as tardes no jardim, n'umas commodas cadeiras de vime da Madeira, adornadas de almofadas fofas e de lá conversavamos o mar romando eu. Todas

as tardes o espectáculo era diferente... muitas vezes tínhamos um mar vasto e vasto aclarado por raios cor de fogo que vinham d'um sol poente. Outras vezes os barcos de pesca cruzavam-se n'um mar agitado, salpicado todo de branco n'um vaivém de rebentinho de vento. Outras vezes eram os vapores largando as ondas de fumo em novellos que se alastravam e confundiam com as nuvens e neblinas do horizonte; e as gaiotas estovavam por sobre a aboboda celeste como para completar a deslumbrante decoração das estrellas que começavam a cintillar com o cair da tarde e com o aparecimento das primeiras sombras da noite.

Ela que vivi sempre na aproximação do mar e que sempre que o contemplava me sentia invadida pela tristeza, na Rocha Escarpada senti que o mar me invocava d'uma força estranha capaz de me tornar uma heroína... uma Joana d'Arc, uma... eu sei lá, uma mulher nova na história do mundo.

LYDIA — Bravo... Que entusiasmo! heróico-poética já te veio por uma forma pouco vulgar... heróica de facto é possível que se não teia tardar. Na história da tua família a heróicidade não é um caso excepcional d'idiosyncrasia. Desde as invasões francezas, a revolução de 5 d'Outubro passando pelas guerras civis e pelas luctas partidárias do Setembrismo e do Cabralismo, ha varios heroes da tua familia que se não deram o sangue pela patria expuzeram-no a ella. E creio que em 1640 um teu ascendente Miguel de Mattos foi contado no numero dos conjurados amigos do Duque de Bragança.

JULIA — É verdade! a heróicidade nos Mattos é quasi um sentimento e uma manifestação de caracter avuçado.

Eu tenho mesmo ás vezes doentiamente por assim dizer um desejo de triumpho, de acclamação que me levava a loucuras e desatouros, eston certo d'isso, se fosse um homem.

Lembro-me então dos grandes conquistadores do mundo, dos Cesares, dos Philipes, dos Napoleões, e queres que te diga com a maxima sinceridade, desejava ser homem. Sim, desejava ter a acção livre dos meus actos, passar de ser criticada para commandar, para dirigir, para orientar as massas, os paizes e mesmo uma maioria da humanidade.

LYDIA — Não estás bon dia cabeça?...

JULIA — Qual mal da cabeça?... Então dominar, impressionar, levar a confiança das massas a depositar em nós as suas aspirações nacionaes entregando-nos os destinos da nação ou da sociedade... então isto não são as supremas regalias dos individuos, os mais altos cimos das suas intellectualidades? Não devem as nossas vaidades, as nossas ambições, procurar satisfazer os nossos instinctos, e esses instinctos não devem impellir os individuos dentro d'este mare-magnum de choques que são os conflictos de classe, os atritos de castas, as luctas d'interesses, as melhores regalias que podem disfrutar na sociedade?... não minha querida... asseguro-te que tenho o juizo no seu logar. E repito-te com sinceridade: ha um mez que sinto vencer os atritos todos como se uma força desconhecida por mim me estivesse a fazer passar através d'esta chameça pedregosa e ravinosa que é a sociedade e me estivesse a aproximar de meu ideal de dominação. Tudo em redor de mim procura como eu procuro a minha aspiração suprema: como aquella que convem á sua concepção pessoal d'ambição que creou. Tu talvez não des por isso, mas eu asseguro-te que n'este momento, ao fallar contigo a tua personalidade impelle-me para que eu me lance na conquista da realisação do meu ideal.

SCENA III

(Fallando da porta)

SUZANNA (18 annos) — Que entusiasmo é esse, meninas! Isto é que tem sido discursar... se vocês tivessem a idade de frequentar o liceo eu aconselhava-as a matricularem-se, e depois de tirarem os seus cursos irem doutorar-se em leis para Coimbra. Palavra que vocês parecem-me oradores de tribuna... se tua mãe (voltada para Julia) me não estivesse tão interessada e amavelmente a explicar as receitas do "pudim Florentino" e da "salada turnense" eu já te vinha assistir aos debates intrepidos e acorados, mas não me foi possível deixá-la. Ouvei apenas a Julia fallar de aspirações, de sociedades e de ideias; e tu (para Lydia) dizes que a cabeça d'ella não estava em perfeito estado de razão.

Continuem vocês, eu vou sentar-me tranquillamente alli n'aquella cadeira e ouvir as dissertações das minhas amigas (virge-se á cadeira). Não, vou-me sentar alli no sophá.

LYDIA — A nossa conversa não vai mais longe porque creio que Julia exgotou o entusiasmo e eu dou-me por satisfeita com as suas explicações e com a sua sinceridade...

JULIA (cathando) — Eu não exgottei coisa nenhuma, menina; sinto sempre o vigor dentro em mim capaz de me levar em aeroplano ao Oriente.

SUZANNA — Ai, a conversa principiou por viagens em aeroplano. Melhor seria em zeppelins que são avioes seguros, construídos com as suas galerias e installações interiores aonde se janta, se dorme e se come como em nossas casás.

JULIA — Como eu fallava em empresas indaçosas o aeroplano era o vehiculo que convinha para exemplo. Os zeppelins são os meios de transporte aereos os mais confortaveis certamente.

SUZANNA—Vocês sempre vão esta tarde a patinagem?

JULIA—A não ser que a mamã desista de sair, a ida á patinagem está ainda no programma do dia.

SUZANNA—Eu talvez não saia! não me sinto com as disposições necessarias para patinar e ver gente. Que massada que é este mundanismo que força a gente a ouvir as historias que nos querem contar e que não interessam nada. Que me importa saber que a senhora fulana leva um vestido preto com apunhações de rendas, decotado em exaggero ao bule das senhoras sicranas; e que o senhor beltrano fez uma conferencia no Salão Avenida sobre os efeitos da guerra nas industrias e commercio dos alliados, que foi muito applaudida!?

E ainda estas são as melhores noticias que nos dão, mas quando se trata de apreciação, que lolices! que sensaboria! a fazer dormir um palhao de tédio.

LYDIA—Mas menina para que é que ligas importancia a essas conversas? As conversas mundanas não são para apreciar, nem são para se acreditar n'ellas, são como discos phonographicos, cuja musica não é conhecida, é deixal-os passar.

JULIA—Que infantilismo, Suzanna! que me importa a mim que me digam falsidades e calumnias se eu não as acredito e quando preciso ter a certeza de qualquer coisa informo-me com segurança de varias pessoas que me inspiram confiança. Até pelo contrario acho esse espirito mundano futil, despreoccupado e mesmo sem escrúpulos, se quizerem; util para a aprendizagem da vida ensinando-nos a reflectir e a ponderar antes de procedermos aos nossos julgamentos sobre as pessoas e os factos.

SUZANNA—Queres-me fazer acreditar talvez que é util ás pessoas ouvirem a censura dos actos que tem que praticar todos os dias pelas pessoas que se dizem as pessoas mores e que é d'uma grande escola d'experiencia escutar as outras pessoas que não pertencem a esta classe dos moralistas que fallam dos defeitos do seu semelhante com a maior ignorancia dos seus erros de caracter.

De resto eu não gosto de discutir estes assumptos: a questão principal e que me interessa é o facto d'ir ou não ir. Não estou com disposição d'espirito a sahir porque me sinto fatigada e preocupada.

LYDIA—Conta-nos as tuas preoccupações...

SUZANNA—Estou preocupada porque me vejo com 18 annos sem mãe, com um pae velho e doente que pode faltar d'um momento para o outro deixando-me entregue a mim mesma, sem familia, com uma pequena fortuna, que é certo me deixará viver bastante desafogadamente, mas que nem por isso é motivo para me inspirar uma tranquillidade absoluta.

LYDIA—Tu devias casar-te; mas casar-te com um rapaz que se dedicasse a amar-te como se o sentimento fosse um officio e o fizesse com a regularidade d'um funcionario publico na frequencia á repartição onde se acha empregado.

SUZANNA—Não estás muito longe do que são as minhas necessidades de vida, n'essa linguagem ironica.

Por vezes apparece-me ao espirito todo o isolamento da minha vida com as suas cruces e com as suas difficuldades, fico scismando se poderei jámais encontrar um marido que se apaixone por mim e por quem eu me apaixone; porque n'este estado de semi-tristeza em que me vejo a difficuldade é inspirar uma paixão. (A Julia que sorri) Tu sorris Julia. Pois olha que o caso é grave! Quando toda a gente encontra o amor e a retribuição do amor como sentimentos naturaes, physiologicos, espontaneos; eu busco o amor como conveniencia social e como necessidade sentimental, como quem compra um moel para decorar um quarto da sua casa por se ter quebrado o que havia d'antes ou por se achar que fica bem accrescentar ao mobiliario a peça em questão. Quando vocês me veem assim triste estou a pensar n'estas coisas todas.

JULIA—Pois não deves pensar. A mulher só deve pensar no casamento como n'um incidente mais ou menos natural da sua existencia que tem que se dar um dia. A sua principal preoccupação deve ser a sua educação como dona de casa e a sua educação profissional que são as bases solidas em que assenta a felicidade da mulher.

Evidentemente que a educação profissional só pode ser intensamente exercida nos meios em que as facilidades de vida do ar são proporcionadas á familia; entre nós onde os trabalhos domesticos são morosos e os utensilios de trabalhos pouco expeditivos, é certo que a educação profissional da mulher é a vida domestica.

Quando nós nos casamos o pouco tempo que nos cresce das nossas occupações nós empregamo-lo na vida mundana. E' então que a corrida ao casamento se nos apresenta, mas nós não devemos procurar-o mas sim encontrar-o.

Quando acontece que uma coisa se perde, tu não vás passar dias á procura d'essa coisa; como quando se te esquece qualquer data ou qualquer nome, tu não paras a conversa por isso; continuas a tua vida ou a tua conversa; assim com o casamento é a mesma coisa; o namoro é um esquecimento á ambición da mulher na vida e ella deve aproveitar-se d'elle e não perder tempo com elle.

LYDIA—O' Julia tu fallas sempre por uma forma voluntariosa que não responde nada á verdade por factos na vida social. Ora o namoro é uma resultante d'amar e o amor é um sentimento forte que faz desviar as pessoas que o sentem, das suas preoccupações habituaes.

Dois individuos que se amam, procuram-se, querem-se conhecer, desejam saber como pensam, a vida que fazem, as coisas que os preocupam e de que gostam. Nas suas conversas nota-se não só uma vontade de se relatarem mutuamente o passado como um desejo de se prepararem o futuro.

SUZANNA—Tudo isso é verdade; mas são tudo theorias: quando o amor que é sentimento e portanto susceptível de tomar uma forma especial conforme o temperamento de cada individuo; só pode ser explicado e nunca formado com explicações ou definições.

LYDIA—O amor, como tambem traz á gente uma alteração grande na vida, imprime-nos uma sentimentalidade a que nós não podemos fugir, com receios e iniquitações supersticiosas para o futuro... (pausa grande).

Dize-me cá Suzanna: e n'essas tristezas que te acomettem não sentes tu um bem estar grande?... Um estado d'alma favoravel á tua saude moral, deixa-me dizer assim.

JULIA—Tambem o sangue não corre nas veias por uma forma agitada e tu não sentes como se uma força grande te estivesse a impellir sob a tua vontade para grandes e complicados acontecimentos?

SUZANNA—Não!... Não! Sim.

JULIA—Sabem vocês que mais o que eu sinto é amor (*levanta-se entusiasmada batendo as palmas com alegria*).

LYDIA—(*ao mesmo tempo levantando-se como se tivesse resolvido o problema*) Tambem o que eu sinto é amor.

SUZANNA—(*tambem a seguir levantando-se com um certo animo*). E eu tambem sinto amor.

(*Todas em côro alegremente*)

E' AMOR

Fyres Jacome Corrêa



— O camarada está a rir das minhas chances? Ora, compare o lamenho do meu intherno com o lamenho d'este sapato, e logo acreditará que não deve julgar o interior do prédio pela frontaria. Como já não tenho culpa de me meterem n'esta.....par de botast...

Ao illustrissimo e excellentissimo senhor D. Marcos de Noronha, Conde dos Arços, Grão Cruz da Ordem Militar de Aviz, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha, e Ultramar, gentil homem da Camara do Serenissimo Príncipe Real, &

EPISTOLA

Maceenas, avris esse peccator!

O tu presidium, et Cuius deus peccatorum sum, quos, & Horat.

Indis Conde, Ilu tre descendenti
Pe Regio Estirpe, Rano Flore cente
Do melhor Tronco Fruto sem fallencia;
Herde, Filho de Heros, que juntamente
Na penha hereceram, e na espada,
Na virtude, e no merito eminente,

Alma grande, Alma nobre e dilatada,
O Estado deitando em ardua scenas,
Fiel a Feoz, ao Rei, e a patria amada,
Honra dos sabios, Gloria das Camaras,
Das Letras Protector, dos Applaudos,
Des Artes mais Mecena, que Mecenas,
Vossos projectos são admirandos,
Vossos desgnios são bem creduos,
Vossos avisos são asnalados,

Em marmores, em cedros escolhidos,
Em doirados padres, em alios margos,
Serão os vossos metos e applausos,
O nome ditando em todo o mundo,
Ha de marcar no Velho, e no Mundo
O glorioso Titulo dos Arços,

Com respeito, Senhor, o mal-avouada,
Soffrei, que a vossos pés lancei-me atreva,
Que na vossa Bondade he, que me amdo,
Que vos conte de mim, que me escreva,
Que em vossas mãos a minha Carta ponha,
Que a defendai, se defendier-se deya,

A muitos não se faz vida enladouha,
F'o mar a vida, nem a tempestade,
Se faz aos olhos seus, jamais medonha,

Outros aelam maior commundade,
Suu nome dando aos bellicos a-sentos,
Sem temer de Bellona a crueldade,

Alguns go-tura de ver seus rendimentos,
Que Ceres lhes metto da lavra sua,
Nos dicos celeiros, opulintos,

Outros pensam, que a forte lhes he crua,
Sem que o nobre Comercio os engrandeça,
Sem medo que a Fortuna os de-titua,

Huns querem, que Galeno os enriqueça,
Outros as honras de Justiniano,
Cada hum segue o melhor, que lhe parecea,

Dos Literatos se segre o plano,
Fuz nas Humanidades prout estudos,
Sanches amei, segui Quimiliano,

Aconselhado por Arros-quisos,

Tomando a preceição por Medicina
Tomei o Exame, e hume por Escudos,

Candidato me fiz, e de primeira
A minha Pracação foi despachada,
Que obteve de Camm esta Cadeira,

Hei de õs e a minha Patria amada,
Dos Filhos, e Consiste em companhia,
De Neptuno segui a invida curada,

Cheguei a saly memto todavia,
Posse bunei, entrei no meu Galcio,
Por novo methodo, outra theoria,

Fazinho a gloria, tanto em fim auspicio,
Em ser eu o primario, que nel excoo,
Nesta Ilha esta cadeira, este exercicio,

Quanto a mim, os tenho ja passado,
Instruindo desta Ilha a Moeldade,
Em que empregado tenho o meu cuidado,

Não pasci a mais doada Idade,
Aqui repulso com o vilão no barro,
Que o teneya de mim enladade,

Activo tenho a vida, o bazarro,
E valendo-me sempre da vaque
Nunca no gelo me del nem no desgarrro,

Obras compoio tanto quanto pude,
Bastantes deilas dell' tenho no prelo,
Fizis ao talento, atei no tude,

Com o dedo apionado me meu desvelo,
Louvan minhas folgas literarias,
Approvaui, quanto meus estudos zelo,

Foras meca, são bem necessarias,
A quem educa alumnos mais de oienta,
A quem seis horas dita lições varias,

Porem sobre isto tudo me contenta,
O numero grande-o de applicados,
Que esta Aula frequenta, ou que frequenta,

Comentam-me os insignes Magistrados,
Honram-me os sacerdotos respeitaveis,
Os doutos, e eloquentes Advogados,

Honram-me muitos sabios e amaveis,
Mestres, de quem fui Mestre Professores,
Que se fazem por si recommendaveis,

Se meus por o, achais mais mercedores?
Da vossa singular Beneficencia,
Ovi, Senhor, agora meus clamores,

Hoje não tem real corre-pendencia
A Real Intenção do Soberano,
Que o merito premia sem fallencia,

Cincoenta moedas por cada anno,
Que ora porebo do Real Tezouro,
Para o casto não dão quilibrio,

Com ellas se passava, e senti desdoiro,
Quando então se comprava em boa conta,
Hoje vende-se tudo a pezo de oiro.

Com a receita a despeza não confronta,
As vitualhas de infima entidade,
Levam o custo seu a grande monta.

Generos da maior necessidade,
Tem ao valor do quintuplo subido
Pondo na precisão a utilidade.

Alguns Collegas meus tem conseguido,
Nas ilhas seu augmento de Ordenado,
Sendo Allegado identico attendido.

A Sua Magestade lei presentado,
Os meus Serviços, meu Requerimento,
Com provas curtiacs documentado.

Deu-se ao Informe justo cumprimento,
Ao Chefe dos Açores remetido,
Que oxalá fosse ao Rio a salvamento.

A vossos pés me prostro comedido,
Arbitro Excelso, em quem acha socorro,
O malfadado, o triste, o desvalido.

Esperançado a Vós, Senhor, recorro,
Socorrerí meu Despacho não injusto,
Perdoai-me, se em confiança incorro.

Sois Orgão do Monarca mais Augusto,
Sois o Manancial, por onde correm
Graças, Honras, Mercês, e quanto he justo.

Os meritos os mais distintos morrem,
Quando não ha Patrono, que os avive,
Quando não ha Poder, a que recorrem.

No Coração do Grande vivo vive

O fervor de amparar com seguranças,
Sem que de Grande ser jámais se prive.

Em Vós seguro minhas esperanças
Grande Arcos, que não pôdem ser pequenas,
Sede o meu Arco Iris das bonanças.

Sede o meu Grande, sede o meu Mecenas;
Cantar-vos-hei em musicos accentos,
Se a tanto me ajudarem as Camenas.

E se approvades meus poucos talentos:
Se o vosso voto honrar minha Poezia:
A's nuvens voarão os meus conceitos:

E com voz alta, cheio de alegria,
Cantarei vossos dotes soberanos,
Vossas virtudes, Nome e primazias.

Mais q' os Horacios, mais q' os Mantuanos,
Canta a fama aos Noronhas, canta aos Açores:
Viva seculos mil, Nestorios annos
A casa Nobilissima dos Arcos.

III.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor,

Beija as Mãos de V. Ex.^a

Seu mais humilde e reverente criado

Ponta Delgada.

Setembro 17 de

1819

O Professor Regio de Gram-
matica Latim da Cidade de
Ponta Delgada da Ilha de S.
Miguel.

José Pedro Soares

Soneto

Parroco insigne, meu amigo Alberto
Dos bons Parrocos luz, e dos bons Curas,
Que sabeis conduzir as Creaturas,
O pasto pastoral com doce acerto:

Se huma ovelha fugio para o deserto,
Largais noventa e nove já seguras,
E procurais aquella entre as impuras,
Por dos puras fazer numero certo.

Sois esmolor, do bom amigo Amigo
A quem livrais dos tristes dissabores
Da penuria, desgraça e do perigo

Eu prova sou dos vossos bons primores,
Do vosso liberal e bom abrigo,
Com que me franqueais vossos favores.

Soneto

Invicto Villa-Flor, a liberdade
Atégóra jazia moribunda,
Debaixo do terror da furibunda,
Da férrea, da funesta crueldade.

Agora resurgio a immundade,
Onde a victoria seus direitos funda,
E Maria, Segunda sem segunda,
O troféo arvorou da Magestade.

Vós, sois, Senhor, o Chefe da Victoria,
Gloria immortal das Ilhas dos Açores,
Que a Maria da Gloria dais a gloria.

Em fino jaspe com doiradas côres,
Ha de a Façã no templo da Memoria
Vosso Nome, escrever vossos louvores:

A LIBERTAÇÃO NA ILHA DE SÃO MIGUEL PELO CONDE DE VILLA FLÔR

SONETO

Temos sido obrigados a calar,
Proibidos de ler, e de escrever;
Então para que são Mestres de ler,
E Cadeiras, que ensinam a fallar?

Frustrava-se o trabalho de ensinar,
Mallograva-se o gôsto de aprender;
Havia o que aprende desaprender,
Havia o que ensinou desensinar.

Não teria porém mãos a medir
Em Fábrica das rôllhas o teor,
Para com as mordças competir.

Mas queimaram-se as rôllhas; forte dôr!
Quebraram-se as mordças; quem quer rir?
Quem sabe lêa e falle sem temor.

GLOSSA

1

1.º o mez outavo no primeiro dia,
A Aurora mais brillante se mostrava,
O dia mais alegre apparecia;
De todo as negras trevas desterrava:
O memoravel nome de Maria
Em seu clarim a Fama annunciava,
O nome que ate agora por azar,
Temos sido obrigados a calar.

2

He Maria Segunda sem segunda,
Quando imita nas virtudes a Primeira,
Do Luso Solio, em que seu Sceptro fouda,
Successora Real, Augusta Herdeira:
Que o Ceo nos deo por sorte a mais jucunda,
Para nossa Rainha verdadeira:
Mas isto não podiamos dizer,
Prohibido de ler, e escrever.

3

Soffrêram as Sciencias decadencia.
Hiam-se abandonando os bons talentos,
Baniam-se os estilos da eloquencia,
Suificavam-se os nobres pensamentos,
Criando hia raizes a inscencia,
Manquejavam das Letras os argumentos,
Dizendo os ignorantes com prazer,
Então para que são Mestres de lêr?

4

Epoca desgraçada! quem diria,
Que Portugal da sua idade de ouro,
A huma idade ferrea passaria,
Com vilipendio seu, com seu desdoiro?
No século passado quem crieria,
Que haveria no século vindouro,
Quem os estudos chegue a desprezar,
E cadeiras que ensinam a fallar.

5

Andava tudo n'hum desas-ocêgo,
Sem alegria, sem tranquillidade,
Ninguém tinha no espirito socêgo,
Nem se fiava em intima amizade:
Haviam mais amigos com emprêgo
Na sordida ambição da utilidade:
Poucos vinham as Aulas frequentar,
Frustrava-se o trabalho de ensinar.

6

Os espias, cruéis espreitadores,
Metendo-se de noite nas escadas,
Escondidos nos vãos dos corredores,
Faziam-se invisiveis nas passadas:
Frequentavam-se as classes dos traidores,
Eram seus bons estudos as ciladas,
Se ontros estudos hiam emprender,
Mallograva-se o gôsto de aprender.

7

Se hum Crêdor sua dívida podia
Nesse momento logo era malhado:
Se o devedor pagal-a não podia,
De malhado tambem era accusado:
Com gosto a accusação se recebia,
E sem mais prova prezo e degradado:
E se aprendido tinha a honrado ser,
Havia o que aprende desaprender.

8

Se huma moda mostrava alguns feitios,
Quando não agradava, haviam brigas,
Hum certo olhar, humores ou assobios,
Huns toques, os pianos, as cantigas,
Tudo eram crimes, tudo desvarios,
Motivo de priziões, causa de intrigas,
O Mestre, que ensinou a bem cantar,
Devia o que ensinou desensinar.

9

As mesmas côres eram criminosas,
O branco, o azul celeste era damnado;
Eram côres do Ceo por isso odiosas,
E não podiam ser do seu agrado:
Agradavam as côres bellicosas,
O escuro, o côr de sangue, o encarnado;
Houve alguém, que as queria distinguir,
Não teria porém mãos a medir.

10

Eram as amizades suspensas,
As companhias pouco frequentadas,
As sociedades foram proibidas,
As lojas, e as boticas ferrolhadas,
Os que queriam conservar as vidas,
As bocas ter deviam bem rollhadas:
Escolhendo talvez a seu sabor
Da Fábrica das rollhas o teor.

11

Estávamos aqui com as mãos presas,
Sem poder desatal-as opprimidos,
Expostos a morrer ou sermos presos,
Sofredendo mil insultos atrevidos:
E á custa de enormissimas despesas,
Favores esperando prometidos:
Era preciso as rollhas repetir,
Para com os mordaçãs, competir.

14

Das tripições não tememos o contagio,
Os herpes se cortáram ás desgraças?
Cumpriram-se os triumphos do presagio,
Desvanecêram-se as hostis trapaçãs:
No Templo contar vamos o Trisagio,
E dêmos no Te-Deum a Deos as graças.
E a abrigo do Insigne Villa-Flor,
Quem sabe, lêa, e falle sem temor.

12

Porém, graças aos Deos, livres estamos
Do mão d'Alcello, funebre agonia,
Felices, e seguros nos achamos,
Debuxo dos auspícios de Maria:
Que ouviu e que accitou nossos reclamos
Que esmagou da serpente a aleivozia,
Crescendo hia das rollhas o lavor:
Mas queimaram-se as rollhas: forte dôr.

13

O grande Villa-Flor nos patrocinã
Que do Angrense Governo as redeas rege;
A nossa infeliz sorte se termina,
Para nos defender o Ceo o elege:
Já se correo do Oraculo a cortina,
A Razão, e a justiça nos protege,
Não nos hão de as mordaçãs impedir:
Quebrãram-se as mordaçãs: quem quer rir?

Lucias eleitoraes entre o Democratismo e o Conservantismo em 1870--74. Suas origens e seus efeitos



O que era a sardinha? Um bando de caprichosos nascidos nas salas das numerosas sociedades que existiam na Cidade e que tinham alastrado a propaganda de combate à Camara Municipal que geria os negocios do Municipio e que fundava o biennio. Essas sociedades como eram a Sociedade Promotora do Progresso, e a Sociedade Recreativa, reuniam os seus socios ás noites e tinham por fim recreal-os com distrações aonde o estudo era o principal fim. Operarios na maioria, elles pugnavam pela melhoria das classes em todos os sentidos, quer economicamente, quer intellectualmente; e outras muitas Sociedades tinham sido fundadas com estatutos especiaes para esse fim como eram as sociedades Corporação dos Marítimos, Associação do Monte Pio, Sociedade de Socorros, a Sociedade de Beneficencia Ecclesiastico-Michaelense.

Tinham sido os movimentos republicanos d'Hispanha que tinham vindo dar uma orientação politica aos democratras e socialistas das organizações operarias. Não tendo até então pensado nas representações populares, porque a politica não estava no programma dos centros e porque os Candidatos dos varios partidos tomavam sempre os interesses de todas as classes indistinctamente; os operarios começavam a sentir a necessidade de terem homens seus que conhecessem bem a sua vida e que lhes defendessem as suas reivindicações nas Camaras. As revoluções d'Hispanha despertavam-lhes os desejos, e a forma republicana da Constituição do paiz vizinho que mais ou menos trazia o lemma da Republica franceza da equaldade, fraternidade e liberdade, estava-lhes a mostrar um movimento novo cuja orientação talvez fosse necessaria adoptar já que a velha organização administrativa do paiz tinha caducado depois da implantação do Regimen Liberal, a velha organização que em todos os Municipios garantia ás classes operarias a sua representação, tendo os seus delegados opinão nas decisões sobre taxação de preços de objectos e generos de consumo, nas estivas da venda de cereaes; influencia nas importações e exportações do commercio externo; emfim em todas as medidas respeitantes à defesa militar, serviços publicos e programas administrativos. O governo do Marquez de Pombal deu um grande golpe n'este systema, e trazendo para tablado politico o espirito e a moral do socialismo d'estado, trouxe tambem uma educação politica à sociedade portugueza que tornava para o regimen da administração publica nova, desnecessarias as preoccupações de classe.

São conhecidos os acontecimentos que vieram transtornar a engrenagem dos costumes portuguezes do primeiro quartearão do seculo XIX, com a invasão franceza, a occupação e administração inglezas, e a Revolução de 20. Mas logo que se nacionalisou novamente a terra portugueza estabeleceu-se de novo a licia para o estabelecimento da vida administrativa e nós sabemos como n'essa corrente de internacionalisação de organizações politicas que se deram após o imperio de Napoleão no occidente da Europa, o Governo de D. Pedro toi buscar a divisão territorial e o systema administrativo e fiscal da França contemporanea. Era uma especie de demonstração e lição praticas de como não era o systema constitucional d'uma nação que lhe trazia um regimen d'equaldade de direitos de classe mas sim uma questão d'educação politica. D. Pedro e o seu governo talvez não tivessem sido compreendidos porque a sociedade portugueza que succedeu ao periodo das suas reformas só distinguio dois regimens nas organizações politicas dos paizes modernos da Europa Occidental—o regimen liberal democratico e o regimen autocratico conservador. Era entre os partidos dos dois regimens que se começara a batalha em Hispanha, para o estabelecimento d'uma nova constituição politica, e agora, implantado o regimen liberal democratico, era pela forma do governo e da administração que se disputavam a força das armas os hespanhoes democraticos. A propria aristocracia hespanhola quando, a seguir ás primeiras revoluções que depuzeram a Rainha Isabel do throno, e a Regencia do Marechal Serrano, foi chamado o Principe Amadeu d'Aosta em fins do anno de 70, mostrou a sua hostilidade ao regimen realista acima do qual ella punha o espirito de nacionalismo à representação da pessõa regia.

Veu depois da abdicação d'Amadeu, a Republica, e com o desejado regimen democratico para os republicanos hespanhoes as luctas pela forma da Constituição politica. Eram em as noticias que traziam os navios da Europa que os democratras de 73 da Sardinha nutriam os seus planos eleitoraes para as eleições Camararas.

A Loba Macomia 1.ª de Janeiro tomou a sua conta a orientação do movimento.

Emquanto em Hispanha a fuzilaria deitava por terra em verdadeiras batalhas milhares de convictos republicanos, como no Portugal de 33 a liberdade e a autoeracia tinham-se disputado o governo, os

michaelense: «...elha tem a maior parte representada e democratica da Camara para unificação e pela associaçào pregando uma só vontade—uma Camara de leiçõe».

—Tinham elles razão?

A Camara eleita e que desde principios de 70 a fins de 71 tinha gerido os negocios municipaes era composta de agrarios na maioria: João Leite Pacheco de Bettencourt, José Rebello Borges de Castro, José Maria da Camara Coutinho, Matheus d'Andrade Albuquerque, Dr. João José Silva Loureiro, e Custodio Augusto Silveira da Cunha; a Camara eleita em fins de 71 e que admini-trava o municipio desde Janeiro de 72 a dezembro de 73, e que foi a escolhida pelas classes laboriosas trazia uma composiçào de caracter commercial—gente que se não estava em opposiçào decidida com os conservadores agrarios, inclinava-se pela sua educaçào, pelas suas ideias e pela sua vida social com as classes cujos interesses elles queriam que elles representassem e defendessem. Eram esses vereadores João Soares d'Albergaria, Philippe d'Andrade Albuquerque, João Alvares Cabral, José Candido Furtado, José Joaquim Tavares e Francisco Barboza Furtado.

Como se verá adiante a nova Camara não respondeu aos desejos da populaçào e foi alterada em parte ficando mais accentuadamente democratica, com Henrique Ferreira Paula de Medeiros, Antonio José de Vasconcellos, Ricardo José Sequeira, José Jacintho da Luz, José Jacinto Rebello, João de Medeiros Bilarbeque e José Machado Estrella. Estes e que formavam dentro da Classe Socialista o clan em que estava entregue a defeza d'uma causa administrativa.

A Camara eleita entusiasticamente pela Sardinha em 71, tinha continuado o programma da disciplinaçào de serviços publicos que tanto movera uma corrente de opiniào adversa e por isso nas eleiçõe seguintes de 73 as difficuldades surgem contra certos elementos e a Camara sofre uma recomposiçào, João Soares d'Albergaria o agrario mais liberal da gente conservadora e Francisco Barboza Furtado não voltam a occupar os seus lugares no illustre Senado Municipal de Ponta Delgada.

Os agrarios tinham por presidente um velho administrador Municipal que concentrára a sua acçào administrativa nos serviços de construcção, arruamento e embelezamento da Cidade em varias epochas; no biennio de 48—49 com João Botelho Neves Rapozo, Philippe d'Andrade Albuquerque, Luiz Jacintho Simões, Antonio Manuel de Medeiros da Costa Canto Albuquerque, José Correia Pinto e Luiz Francisco de Serpa, a rua Formosa cujo terreno fóra offerecido por Duarte Borges da Camara Medeiros (Visconde da Praia), fóra aberta da Villa Nova á Rua da Canada, fóra enetado o programma d'allargamento do Campo dos Gados de S. Francisco (terminado esse anno) ligando pela frente do Castello de St.^a Clara e o Campo dos Gados com o centro da Cidade, tambem o outro mercado para a venda de fructas, legumes e generos agricolas e animais é principiado no mercado da Graça em 48—49(?) com Vicente Cymbron Borges, Marianno Machado, Ricardo José Sequeira, José Rebello Borges de Castro e José Jacintho da Luz, tendo já sido expropriada parte pela Misericórdia e parte pelo projecto das Obras da Doça a antiga cerca de S. Francisco, começaram a construcção do Mercado em S. Gonsalo.

Ora estas obras de toda a utilidade social para a Cidade estavam ligadas com muitas outras de construcções novas d'estradas, grandes reparações de ruas e estradas rurais, e installações de canalisações; Fajã de Cima, Charco ruas e estradas rurais, e installações de canalisações; Fajã de Cima, Charco do Ferreira para o Monte Gordo das Feteiras, para as Sete Cidades, Pinheiros, Alminhas, Arquilha, Negrão tinham sido locais beneficiados, abertos ou melhorados com canalisações por Commissions formadas com João Leite Pacheco.

Certamente que um homem ou homens que trazem atraz de si como paixào de reclame uma semelhante tola de serviços não poderiam vir encontrar a hostilidade das classes agrarias. Se elles fossem accusados de partidarismo politico ou de pouco escrúpulo para com os funcionarios publicos o que varias vezes se tinha já dado na historia administrativa do Districto, justificadas estariam quaisquer animosidades; mas de nada eram accusados os representantes da Camara em 1871.

A unificação democratica ho-bilizando a Camara formava-se em volta dos principios que estabelecia a vereação da Presidencia de João Leite Pacheco, principios que se submettiam a um plano definido e administraçào Municipal, e que agóra começavam a lesar certas classes rotineiras, pouco argutas e obstinadas.

João Leite Pacheco de Bettencourt era um systematico da localisaçào de serviços publicos e sociais, e sempre que occupava lugar na Corporaçào punha em execuçào o seu programma no qual elle baseava toda a ordem commercial na venda dos generos tanto para o comprador como para o vendedor, a commodidade social tanto para a mercancia como para o transitio e decoro dos habitantes, e hygiene da Cidade. O ultimo, alem dos mercados, que como já vimos, tinham sido obra de João Leite Pacheco; e agóra o mercado de Peixe, que funcionava em local apropriado debaixo da Rocha junto ao Castello de S. Braz antes do começo da reconstrucção da doça do Areal de S. Francisco desmoro-mo em 39 por um cyclone, João Leite e os seus collegas vereadores que tinham no primeiro bienni

de sua administração em 7 de setembro de 1870, para a decretação de 4 d'outubro de 1870 que mandava para evitar o abateimento de cães para o consumo sem visita medica, e impedir que os loces aonde se abatessem os animais se tornassem impróprios ao transitio e anti-hygienicos, localisar a morte no açougue da Cidade para o consumo dos Arrifes, da Reiva, da Fajã de Cima, Fajã de Baixo e Rosto de Cão, Alem d'isso dentro do mesmo espirito e programma de disciplina social estava o regulamento da mesma data (25 de fevereiro de 1870) que estabelecia a forma do transitio dos vehiculos de carregação no caes novo pela travessa do Arco, prohibia a accumulção de materiaes de navios e cargas no caes, fixava em 3 dias o estacionamento dessas cargas importadas ou a exportar, 48 horas as madeiras importadas de qualquer parte da ilha, e impunha multas á variação dos barcos no varadouro da Caldeira a não ser debaixo de temporal reconhecida a impossibilidade dos barcos sahirem (toda a contravenção de posura era punida com multa variando entre 2 e 20 mil reis).

As vendas dos legumes que se faziam em inumeras casas adequadas a esse fim estavam ameaçadas de desaparecerem em breve porque a Camara por decisão unanime em 21 de Dezembro de 1870 decidira levantar um emprestimo de 7 contos, para a construção dum Mercado na parte este da Cidade e para o abateimento da venda dos legumes dispersos por lojas e cuja resolução fora tomada em 2 de novembro an'proximo.

Já no principio do anno a Comissão Administrativa estabeleceu uma contribuição nos liquidos de venda e retido da renda dos consumidores que levantaram celexna: Os vinhos de Champagne e Madeira e Porto pagavam 60 reis o litro; os termos carcavellos e equivalentes 25 reis; vinhos dos Açores 15 reis; aguardente (até 30 graus Cartier) pagava 30 reis; o alcool na mesma graduação pagava o mesmo, a cerveja 25 reis, o peuroleo 15, o Vinagre 10, o azeite d'oliveira 40 e o de mamona ou peixe 25reis.

Estava n'estas medidas materia mais do que sufficiente para desagradar uma classe de grande influencia nas massas populares, a classe dos pequenos commerciantes de fructas, legumes, aves e caça.

A população mesmo da Cidade não comprehendia bem o alcance das medidas disciplinares da construção do mercado, de restringir o matadouro dos animaes do consumo aos talhos e de estabelecer principios d'ordem no Caes novo.

Um ensaio mesmo resolvido na sessão de 12 de novembro de 70 para numerar e marear com os nomes o Largo da Matriz e a Rua dos Mercadores e azelejos; mesmo essa medida proposta pelo Dr. João José da Silva Lourenço e approvada pelo Senhor José Maria da Camara Coutinho que era outra medida d'alcance destinado a trazer e a disciplinar socialmente o Municipio deixou essas classes iritas.

Para acallar os povos das Freguezias ruraes tinha bastado a postura de 27 d'agosto approvada em Conselho de Districto em 8 de setembro e publicada em edital em 25 de fevereiro de 71. Os vendilhões da Cidade e os intermediarios das freguezias tinham feito a obra.

Como se a gente iam as classes operarias, talvez hesitantes, porque a Camara era de feição ás industrias e labores que ellas exerciam, mas entusiasmadas pela democracia nascente que despontava na vontade dos eleitores, João Leite Pacheco de Bettencourt fôra um agrario edificador, um promotor d'obras publicas; n'esta administração tornára-se um auctoritario aos olhos das classes chamadas trabalhadoras acoustumadas ao abandono de si mesmas, refractarias a qualquer imposição util, a qualquer disciplina social, repontando ao menor regulamento, como se a auctoridade fosse um cacete moral para castigar ignorantes ou bater em innocentes.

Assim a reeleição da Camara foi posta de quarentena e depois decididamente alterada predominando na Comissão gente categoricamente de principios contrarios aos agrarios.

Convindaram-se os candidatos, formaram-se as listas e organisou-se a propaganda.

Os mensageiros populares á causa administrativa popular eram como já vimos os vereadores que tomaram a gerencia dos negocios municipaes sob a presidencia do Dr. João Soares d'Albergaria, homens que se orientavam com outras opinões e principios diferentes aos agrarios.

A população esperava muito d'elles.

Quando a propaganda aqueceu em favor da gente nova os occupantes dos cargos municipaes que se queriam fazer reeleger que viam a sua causa mal parada, decidiram, diz Supico relatando os acontecimentos d'este tempo nas Excavações da Persuasão, não realisar o acto eleitoral.

Por esta forma tornavam elles a composição do Corpo Municipal dependente do Conselho de Districto segundo o artigo 92 e §§ do Código de 1842 que dizia que quando o numero de votantes não era superior ao dobro dos vogaes que compunham as mezas provisórias e definitivas em todas as



João Leite Pacheco de Bettencourt

assembléas e a reunião do Parlamento. A maioria auto-d'estes acontecimentos e circumstancias e entregava ao Presidente da Camara que o dava ao Governador Civil. Logo que não se verificava as eleições das autoridades administrativas era o Conselho que designava as Comissões. O Ministério Avilla por decreto de 27 de Dezembro de 70 revogára uma serie de medidas do ministerio da Dictadura de Saldanha e entre ellas o Código administrativo promulgado em 21 de Julho do mesmo anno, o que punha outra vez a vigorar o Código do Costa Cabral. Por alvará do Governador Civil de 11 de novembro de 71 foram convocadas as assembléas eleitoraes para se proceder ás eleições de Vereadores, juizes de paz, Juntas de Parochia e Juizes Eleitos.

As eleições de Vereadores e Juizes eleitos ficaram marcadas para o dia 12 de novembro, as de juizes de paz para 19, as das Juntas de Parochia e juizes eleitos para 20.

Eram cinco as assembléas para as eleições municipaes, a da Matriz, a de S. Pedro, a de S. José, S. Sebastião dos Cônetes, e a da Apresentação das Capellas. No dia 19 na Camara Municipal de Ponta Delgada deviam-se reunir os escripturadores com as Actas da Assembléa.

João Leite Pacheco de Bettencourt assignava o edital com data de 26 d'outubro que foi afixado nos lugares d'estylo para conhecimento publico e publicado na Gazeta da Relação.

Os membros da Camara que occupavam nas diferentes assembléas da Cidade as Presidencias das mzas eleitoraes logo á primeira vista realisaram os effeitos da propaganda democratica e e derroçada em perspectiva dos seus planos eleitoraes. João Leite Pacheco de Bettencourt em S. José foi o primeiro a constatar o facto, quando o eleitor começou a affluir com a sua lista na mão ás 10 horas da manhã ao interior da Igreja preparada para o acto.

Nas outras assembléas nas irreguezias ruraes passavam-se as mesmas scenas.

Procedeu-se ás eleições com lucta serrada de parte a parte, porque os partidarios dos conservadores votaram com affan tal que no apuramento a maioria da lista democratica fora apenas d'uns vinte votos. A quantidade porem era mais do que sufficiente para mudar a face das coisas. Hoje como sempre na historia da civilização dos povos a naturalidade é um convencionalismo como todos os costumes sociaes estabelecidos na forma legal; 20 votos mudavam com a mesma auctoridade a face da situação politica do municipio como 1500 votos mudariam. Se a força da opinião não era a mesma, para garantia da mesma opinião um voto da maioria bastava para inclinar o prato da balança.

Estava vingada a causa popular e o triumpho da associação politica das classes operarias as quaes logo pensaram em constituir-se em partido sob o titulo de Sardinha.

À Sardinha rezosijou-se e aguardou os acontecimentos. A sua verdadeira vontade seria constituir os corpos administrativos, de gente sua, mas Roma não tinha sido obra d'um dia.

Na Junta pullulavam os agrarios ainda que Caetano d'Andrade Albuquerque, Ernesto do Canto, Barão de Fonte Bella e João Soares d'Albergaria, eram considerados liberaes, e observadores dos direitos das classes democraticas. Mas estava lá Henrique Ferreira Paula de Medeiros e Francisco Pereira Lopes de Bettencourt Athayde que valiam por muitos. Contudo a Junta Geral ponceo fez em prol dos democraticas; tentou levantar o Commercio entre st.^a Maria e a Ilha de S. Miguel com a abolição dos impostos existentes para a entrada de todos os generos nas duas ilhas, que traziam o rendimento ridiculo de 20 mil reis e ao mesmo tempo eram o papão do intercambio; e tambem pugnano na senda da Junta de 67 pela instituição do systema militar voluntario na organização do exercito, mostrando os inconvenientes que trazia mesmo ao proprio serviço o systema pessoal, attendendo ao espirito, educação e temperamento dos ilheos.

A Camara Municipal é que respondia ao programma da Sardinha combatendo a disciplinização de serviços que constituiria o programma de politica municipal da Commissão da Presidencia de João Leite Pacheco de Bettencourt. Tomava para a sua administração a execução dos programas já em parte postos em execução por João Leite quanto a construcções e edificações publicas, mas aquellas que vinham agravar os interesses dos vendedores e de muitos compradores como era a do mercado no oeste da Cidade para legumes, fructas e caças como fóra do programma, de 48--49 por occasião d' edificarem o mercado da Graça e como tinha sido votado em 76, essas não. Houve outra obra que foi reconhecida de mais urgente necessidade e de mais utilidade publica e foi essa que foi votada e posta em planta pelo Engenheiro Districtal, era a construcção d'um barracão para a venda do peixe que no este da Cidade, na Calheta, e construcção d'um varadoiro no porto pois que os barches por occasião do mau tempo eram varados em plena rua.

Antonio Jacintho Botelho que era morador junto ao porto offereceu 500 mil reis d'emprestimo ao juro de seis por cento amortisaveis em quatro annos ao mesmo tempo que offerecia a madeira e a telha para a construcção.

Esta Camara que apenas offendeu a susceptibilidade da classe dos vendilhões pondo em execução uma postura prohibindo a circulação das aves pela Cidade, logo mesmo ao tomar posse dos ne-

gocios do município em 14 de Junho de 72 não se sentia em condições adversas aos democraticos da Cidade e arredores e guardou as contribuições dos lugares como ellas estavam estabelecidas.

As eleições foram outra vez disputadas e a Sardinna teve uma representação que mais garantias offerecia á administração democratica.

Os jornaes todos acclamavam os successos e os seus victoriosos nos termos os mais elogiosos e honrosos; mesmo a Persuasio que como veremos a seguir se juntou aos conservadores agrarios e pugna no seu partido, fazia referencias aos factos que mostravam a grande admiração que enchou o espirito de Súpico n'aquelle occasio.

O "Diario dos Açores" de Tavares de Rezende nos dias 11—12 e 13—14 de Novembro dizia que a occasião era motivo para regosijo pela forma como se tinha procedido ás eleições; que enfim se tinha chegado ao apuro de cada cidadão poder votar fosse por quem fosse sem compromissos previos e sem obrigações impostas por deveres partidarios.

O tempo de Costa Cabral e da tropa a assistir ás eleições não voltaria nunca mais.

O jornal sempre combatera a represalia como repellira a revolta e as propagandas exaltadas com os fins d'obterem as victorias eleitoraes; e que a verdade politica estava na pugna pelos direitos politicos dos povos e que esses, quando se não disputavam na urna usufruiri-se com o lemma do jornal que era a "Ordem e o trabalho". Os arugos traziam ainda em apothose uma ultima ode á data dos acontecimentos na historia da Ilha pois que as "desiderata" eleitoraes estavam enfim obtidas e ficariam para sempre marcando as regalias do eleitorado michaelense.

Tinha o novo grupo democratico verdadeiras convicções republicanas e acompanhava elle a revolução hespanhola? que se propunha elle?—Uma representação nas Camaras.

O seu democraticismo não era uma concepção politica; apenas os seus effeitos eleitoraes tinham tido uma causa democratica. A frente do partido estava o Presidente da Camara que fora 23 annos advogado dos negocios municipaes e que dera a sua demissão para vir tratar d'elles administrativamente.

Henrique Ferreira Paula de Medeiros, Candidato a Deputado pelo Circulo de Ponta Delgada era o homem que convinha á situação; alegre de natureza e de espirito, nas mais graves e difficeis situações elle estava apto a amiguijal-as com um dito engraçado, uma tirada de humor. Filho de um medico que aqui n'esta terra venera toda a clientela dos medicos estrangeiros e Continentaes, pelo seu tacto, pelo seu saber e pela sympathia pessoal; elle fôra educado nas praticas positivas d'uma educação scientifica. A sua razão era clara, e se o seu temperamento jovial nem sempre enchou de convicção o seus amigos sobre a sua intelligencia, elle gozava na sociedade illustrada da Ilha um irremovivel lugar.

Pelo circulo da Ribeira Grande que comprehendia os Concelhos da Ribeira Grande, Nordeste, Povoação, Villa Franca e Villa do Porto, propunha-se um juiz de direito que exercera o cargo durante quatro annos na Comarca de Ponta Delgada, o Doutor Bernardo Francisco d'Abranches.

A situação começava a ser diffiçil em presença da attitude dos agrarios.

O ministerio Regenerador que estava no poder desde 13 de Setembro de 1871 tinha pela primeira vez a presidencia de Fontes Pereira de Mello com as pastas da Fazenda e da Guerra, esta ultima agora occupada por Antonio de Serpa Pimentel. Fontes Pereira de Mello ia na fama de restabelecer a ordem e o trabalho nos negocios publicos que fôra o seu condão desde a entrada para a politica activa. O Ministerio Loulé apoz a lancininha, a revolta de Saldanha que depoz o Ministerio e depois o ministerio dos cem dias da presidencia do Murechhal e depois ainda o Ministerio do Marquez d'Avila de ephemerica vida, tinham posto o paiz n'uma desorganisação cahotica.

De facto o credito restabeleceu-se logo e a riqueza publica voltou á normalidade com avisadas operações.

Formavam o Gabinete Fontes Pereira de Mello, Augusto Cezar Barjona de Freitas, Antonio Rodrigues de Saupajo, Antonio de Serpa Pimentel e José d'Andrade Corvo, homens todos que deixaram um rasto luminoso na historia politica do nosso paiz, comprehendem-se portanto os effeitos rapidos e feccundos de tão illustre agrupamento.

O ministerio tinha a sua attenção presa nos acontecimentos d'Hespanha e não deixava qualquer



Mercado do Corpo Santo—Varadouro de S. Francisco

acto que se pode e consideramos uma repercussão d'elles em Portugal sem a intervenção das autoridades competentes. Elles estavam bem prevenidos e advertidos.

A questão militar estava á ordem do dia. O campo de Manobras de Tanços foi um dos beneficios que resultaram d'essas agitações governamentais.

Os Governadores Civis do Districto tinham portanto uma grande responsabilidade nas eleições de deputados como nas eleições administrativas. Não era só uma medida de garantia e integridade partidaria, era uma questão de ordem publica e de orientação nacionalista pois que muitas das ideias republicanas eram acompanhadas de internacionalismo.

Era o Districto de Ponta Delgada especialmente visado nos receios do Governo pois que a Sardinha estava-se constituindo em organização partidaria e havia ideias republicanas e democratas n'ella ao que corria.

Governava o Districto um dos nomes mais celebres da Historia Açoreana remontando a sua origem á colonização flamenga e desde então deixando uma pagina gloriosa em todas as epochas celebres da Historia das Ilhas.

Caracter nobre e escrupuloso da sua rectidão, elle ia gerir os negocios do Districto com a maior imparcialidade politica quanto á parte administrativa; nas eleições porem elle preside a ellas e prepara-as sob as conveniencias regeneradoras do Governo. Ligado intimamente d'amizade aos agrarios conservadores, elle juntou-se partidariamente dando-lhes todo o apoio governamental.

Os Conservadores estavam na Junta Geral com os liberaes e tinham tomado á peito uma questão d'interesse economico-social pela qual pugnavam o partido democratico, questão velha de contribuições. Por designação do Conde da Praia da Victoria foi formada por alvará de 19 de Julho uma Comissão d'entre os Procuradores para apreciar a situação deixando de fóra Henrique Ferreira Paula de Medeiros.

A questão resumia-se no seguinte:

A lei de 11 de setembro de 61 a partir de 30 de junho de 63 foi posta em vigor vindo substituir no Districto, os dizimos, decima urbana, subsidio litterario, quartas de maquia pelas contribuições predial, industrial, e renda de casa.

Os impostos extintos no rendimento medio dos ultimos 10 annos tinha sido de:

Dizimos.....	80.592,800
Decima Urbana.....	7.806,910
Quartas de maquia.....	3.360,194
Subsidio litterario.....	<u>947,324</u>
Total...	92.497,234

As contribuições que substituirem os impostos em 1864 renderam :

Contribuição Predial.....	92.093,940
Industrial.....	9.097,201
Pessoal.....	4.690,500
Adicionaes.....	<u>25.205,663</u>
Total...	131.996,484

isto é mais 39.490.250 reis logo no primeiro anno!

Ora era notavel que a reforma de systema d'impostos tinha resultado para o Continente em *menos de metade* do valor que existia antes de 62.

Por outro lado a contribuição predial lançada no Districto tinha sido calculada em 8 por cento sobre as matizes prediaes do Districto avaliadas em 1.154.700.637 reis e isto representava o maximo da autorização pela lei de 23 de junho de 63.

Tendo-se augmentado a percentagem de viação de 20 para 40 por cento acrescendo as contribuições para as despesas geraes do Estado, renderam as 3 contribuições com adicionaes em 1871—

Predial.....	151.048,413
Industrial.....	15.972,300
Pessoal.....	9.138,302
Total...	176.159,021

Em 72 as mesmas contribuições—

em 73.....	1.*—132.282,045
	2.*— 20.619,578
	3.*— 9.063,768
	161.963,765

Total da diminuição..... 14.195,790

Dizia a commissão que o rendimento da contribuição industrial devia ser diminuído do rendimento collectavel verificado em algumas matricias e em parte a comprehensão da contribuição extraordinaria que se cobrava por addicionaes ao communique annual era insignificante attendendo ao enorme numero de contribuintes e materia collectavel. O augmento na contribuição industrial resultante da lei de 14 de Maio de 72 e Regulamento de 28 d'agosto era excedendo 25 por cento sobre o anno anterior pois que nem a industria se tinha desenvolvido nem o numero dos que a exerciam tinha augmentado.

E ainda havia a attende que a diminuição para o Estado da cobrança da contribuição predial tinha sido com vantagem compensada pela elevação na parte das aldeanças na entrada de varios artigos e cobrança dos direitos em moeda forte, o que com o imposto municipal da Camara e imposto para a doça tinha importado em 272.874.984 assim distribuidos:

Para o Estado.....	175.518.404
Para os Municipios.....	35.712.112
Porto Artificial.....	61.643.408

Pagava pois o Districto 434.837.215 reis para o Estado, Municipios e Porto Artificial e havia ainda a incluir o rendimento da contribuição de Registo e Imposto do Sello que deviam augmentar com a lei de 2 d'Abril e 18 de Setembro do anno.

A Commissoão achava as reclamações das classes laboriosas justas pois que eram em geral classes com industrias pouco desenvolvidas e auferindo poucos lucros e a lei submetta sem observancia de industria todas que fossem exercidas em gremio quer separadamente e toda ella individualmente não podia pagar a contribuição pezada. A lei devia considerar industria a profissão que se exercia com lucros, regularmente e não accidentalmente. Ora muita gente ganhava pouco e só trabalhava muito pouco tempo durante o anno sendo justa a reforma do projecto de lei Brancamp (art. 10) apresentado á Camara a 21 d'abril de 70 isentando de contribuição officinas de varios officios.

E havia a notar que a diminuição com a adopção da medida para o Estado seria insignificante pois que 600 arteeses alfaiates, sapateiros e carpenteiros no Concelho de Ponta Delgada que era o maior, com addiconaes davam ao Estado 600 mil reis annuos redondos de taxas com seus addiconaes.

A graduação da ordem das terras estabelecida pela lei de 30 de julho de 60, art. 7 do Regulamento de 7 d'agosto de 72 tambem era reclamada pela Commissoão na forma seguinte:

Terras de 1.º ordem comprehendendo 100 mil habitantes e mais	
2.º " " " 50 " " a 100 mil	
3.º " " " 25 " " a 50 mil	
4.º ordem comprehende 12 mil a 25 mil habitantes	
5.º " " " 6 " a 12 " "	
6.º " " " 3 " a 6 " "	
7.º " " " 1500 a 3 " "	
8.º " " " 1500 e menos	

e enquanto se não fazia modelo assim na lei se alterasse para novamente a V. Franca, Ribeira Grande e Lagoa para 4.º ordem, V. do Porto e Nordeste para 5.º Tambem a maneira de minorar os males attribuidos á Cidade seria collocar tambem em 4.º classe como já tinha sido requerido ao Governo.

Sobre a renda de Casa e Sumptuaria as reclamações ainda eram de maior justica pois que applicar a taxa de 6 por cento ás rendas ou valores lucrativos das casas de habitação não inferiores a 10 mil reis nas terras de 3.º e 4.º ordem, de 5 mil reis nas terras de 5.º e 6.º ordem era obra para quasi todas as habitações do Concelho. A Commissoão queria que a contribuição de Renda de Casa com valor lucrativo deveria recahir nas superiores a 40 mil reis nas terras de 3.º e 4.º ordem, e 20 mil reis nas terras de 5.º e 6.º ordem.

Este trabalho que foi depois inserto na consulta dirigida ao Governo no fim do anno do funcionamento da Corporação Districtal enquanto se estava a ultimar foi por decisão da Commissoão entregue a uma Commissoão de Parecer. Ainda as Commissoões filiaes formadas nas Villas sedes dos Concelhos e que representavam com os seus relatorios a opinião das populações Concelhias, não tinham terminado os seus serviços. Foi n'essa Commissoão de Parecer de que fez mais parte Verissimo d'Aguiar Cabral e o Dr. Francisco Pereira Lopes de Bettencourt Alayde, que entrou o candidato ás eleições do verão seguinte, o Presidente da Camara e o Chefe da sardinha.

O Governador Civil soubera mostrar que a confiança no criterio e honradez dos individuos valia muito mais politicamente do que as conveniencias apparentes das escolhas partidarias para as situações politicas melindrosas.

Em 27 de ~~agosto~~ ~~de~~ ~~1871~~ n'uma das Salas de Palacio do Governo, entregue o Relatório da Comissão na presença dos membros que o tinham assignado—Barão de Fonte Bella, José Jacome Corrêa, Guillerme Machado de Faria e Maia, Caetano d'Andrade Albuquerque, Ernesto do Couto, Gil Tavares de Mello, Verissimo Aguiar Cabral, Heitor da Silva Ambar Cabido, José Maria Tavares Ferreira e Francisco Pereira Lopes de Bettencourt Athayde.

Os jornaes deram noticia dos trabalhos da Comissão e a Persuasão deu mesmo publicidade ao Relatório na integra.

Os liberaes sentiram nos Conservadores da Junta uma attitude amigavel e subjugavam a sua propaganda eleitoral.

Tambem um outro facto veio descongestionar a acção dos democratras michaelenses o Doutor Antonio José Marques Correia Caldeira que iora pelas eleições transactas o deputado do circulo da Cidade, abandonava a candidatura propondo-se á eleição de par do Reino com toda a probabilidade de ser eleito por ser um partidario da politica do Marquez d'Avilla e Boffina que apresentara o seu testamento politico ao demissionar do ministerio.

Em 14 de Maio o candidato Regenerator pelo Circulo da Ribeira Grande dizia a José Jacome Corrêa seu irmão e chefe do partido Conservador que o Fontes lhe participára o facto acrescentando que o Marquez d'Avilla lhe pedira o circulo para o Doutor Venancio Augusto Deslandes então chefe d'enternaria do Hospital de S. José. Pedro Jacome Corrêa dissera logo ao Presidente do Ministerio que a apresentação da candidatura de Deslandes pelo Circulo da Cidade era um cheque que o Governo se preparava e que pelo Circulo da Ribeira Grande, os seus amigos politicos na Ilha o propunham por lá.

Depois de varias hypotheses assentaram os dois que o Dr. Deslandes apresentaria a sua Candidatura pela Ribeira Grande, elle Pedro Jacome apresentaria a sua pela Cidade, mas que contudo na Ilha o Directorio do partido devia de estar livre para fazer as alterações que entendesse se por acaso a eleição de Pedro Jacome estivesse comprometida, ou se apparecesse um candidato conservador com mais vantagens.

No dia 10 appareciam no Diário do Governo os nomes dos pares eleitos e lá estava incluido o nome de Correia Caldeira. A 18 escrevia de novo Pedro Jacome mostrando a conveniencia de alguém conhecido e de sympathia da população apresentar candidatura por um dos circulos com elle e lembrava o Dr. Ernesto Ribeiro.

No entanto o Partido Conservador na Ilha escolhia o Visconde de Porto Formozo então em vi-legiatura em Colares, Antonio José Machado fora um dos consultados pelo Governador Civil e pelo Chefe do Partido sobre a sua attitude e este escreve ao visconde n'esse sentido particularmente e independentemente do Directorio. Sabia-se que o Visconde do Porto Formozo com grande reluctancia accitaria a Candidatura.

O Hortense chegado a 20 de Junho a Lisboa trazia a correspondencia da Ilha com os planos do Partido.

O Doutor Caetano d'Andrade Albuquerque Bettencourt dizia o seguinte para Pedro Jacome Corrêa sobre a situação politica por carta particular:

Os trabalhos eleitoraes aqui tem corrido descuidadissimos por parte das pessoas que por tradição antiga tinham na mão o monopolio do suffragio. Na ultima eleição municipal correram os trabalhos com uma nonchalance condemnavel perante um grupo d'eleitores que intitulando-se partido popular e mostrando por isso mesmo que levantava uma bandeira de distincção de classes, ao vencer aquella eleição ganhou brios e de então até hoje não tem cessado de se organizar em todos os pontos da Ilha.

Pelo lado contrario nada vejo que se tenha feito para contrabalançar o poder nascente do partido novo.

Uns continuam a fiar-se na sua influencia e tres nos seus boais amigos, mas a respeito de se constituirem em centro eleitoral, de preparar forças para o combate,—talvez tenham feito muito ás escondidas,—mas coisa que se veja e em que possamos contar, nós os modestos eleitores dedicados aos amigos nada me consta que se haja feito.

E quando na vespera da eleição quizeram pescar votos para a urna terão de ver como da outra vez, uns escaparem-se despeitados por só á ultima hora lhes fallarem, como a servos com cujo serviço se conta, e outros que, prevenidos a tempo algum serviço poderiam prestar, pouco mais levarem á urna do que o seu voto, porque, como as coisas aqui estão, de vespera não ha dedicacção que baste para ganhar uma votacção contra Paula de Medeiros e C.^a

Esta é a minha humilde opinião. Deus queira que me engane e que para o verão, dando ao meu bom amigo os parabens pelo seu triumpho, tenha tambem como insulano a alegria de ver este circulo de novo representando por A. L. M. ... N'estas palavras dizia pouco mais eu menos a mesma coisa o Senhor Henrique d'Andrade Albuquerque.

«Pelo seu prezado favor de 19 do mez passado (Abril) veio-me divergir, e completamente de opinião pelo que diz respeito aos elementos de que dispõe o Henrique de Paula de Medeiros».

O meu amigo annulada a influencia eleitoral do Jacintho Gil não vê nenhuma de pezo ao lado d'elle; e eu pelo contrario, vejo-a, e infelizmente bastante grande.

O partido de que o Henrique se constitue o chefe e a que chamam vulgarmente o—partido popular é composto do commercio quasi todo; dos artistas; dos prejudicados com a Lei de 3 d'Abril; dos despeitados por considerações fundadas e não mudadas; dos que por inveja combatem a distincção de classes; do povo emfim que vai levado a urna simplesmente por convicção em consequencia das ameiras que se lhe tem mettido na cabeça, e não por pressão, nem favor a pessoa alguma. E note que no numero dos prejudicados e despeitados vão incluídos muitos grandes, como seu tio o Sr. Antonio Lacombe Corrêa, e segundo oçoos rosar Dr. Botelho e irmãos, Machados da Arquinha, João da Silva Cabral e outros assim.

Parece-lhe pouco tudo isto?

E para agravar ainda mais a situação, fique o meu amigo sabendo tambem que o Henrique não tem desperdiçado um só momento para adquirir a sympathia popular, já distribuindo abraços pelos artistas em pleno dia e no meio da Cidade, já percorrendo na qualidade de Presidente da Câmara, as freguezias rurais para tomar conhecimento proprio das necessidades de cada qual e prover a ellas. E enquanto o vemos assim e os seus a trabalhar por este gosto e por todas as formas, o que fazem os nossos? Apenas 3 ou 4 individuos guardando o maior segredo entre si, se resolveram a entabolar as negociações que sabe com o Jacintho Gil; mas isto mesmo se por um lado foi um bom serviço porque annullou aquella influencia, por outro lado produziu um pessimo effeito porque se escandalizou seriamente muitos amigos nossos que podem fazer muito e que justamente se julgam desconsiderados, pelo facto de nunca se lhes dizer uma só palavra—jeerca do que se estava tratando.

S. Miguel de hoje creia que já não é o S. Miguel de outro tempo. Hoje considera o seu voto livre e independente para o poder dar a favor de quem muito quizer e portanto a maneira de trabalhar nestas coisas deve ser totalmente differente da que era no tempo em que bastava um simples aviso para trazer a urna os votos de todos os amigos e dependencias. Estarão todos os nossos convencidos já d'esta verdade incontestavel? Infelizmente creio que não.

Emfim, o modo como isto caminha poderá ser optimo aos olhos de muita gente, aos meus declaro com toda a franqueza e desgoço que se me affigura o peor possible; no entretanto, como ainda para a eleição de deputados aqui faltam uns poucos de meses é possível que as circumstancias mudem neste meio tempo e que eu, no fim, tenha o prazer, o intimo e inexplicavel prazer de lhe dar um abraço de parabens pela sua reeleição de dignissimo representante deste Districto.

Os tres amigos que estavam trabalhando em segredo pela candidatura de Jacintho Gil eram Antonio José Machado, Nuno Botelho de Gusmão e Clemente Joaquim da Costa, todos, elles homens d'influencia sobretudo junto dos meios em que a Candidatura de Henrique Ferreira Paula de Medeiros era atacada.

Tanto Antonio José Machado, como Clemente Joaquim da Costa centralisavam em Ponta Delgada importantes negocios commerciaes que lhes davam tanto na Associação Commercial como em todos os centros politicos e sociaes as primeiras opiniões nas discussões economicas.

Contudo em princípios de Maio Clemente Joaquim da Costa dizia que a bandeira dos foros era invencivel. Pela lei de 8 d'Abril de 73 o Senhorio era obrigado a abonar ao foleiro as contribuições correspondentes ao foleiro como expressava oCodigo Civil no § unico do art. 1675; como porém nas ilhas por tradição o pagamento da dizima estava a cargo do toreiro este só podia exigir que o Senhorio lhe abonasse o que elle pagava a mais por effeito do agravamento eventual das contribuições que tinham ficado a substituir o extinto dizimo.

A doutrina do art. 1675 § unico doCodigo Civil nunca tinha vigorado nos Açores porque isso exigiria uma alteração completa na redacção do systema agrario que nem mesmo os açoreanos tinham querido por occasião de ser estabelecido o regimen tributario na organização nova da Fazenda Publica. Era portanto uma veiledade exigir uma alteração a uma forma equitativa estabelecida e que subsistia plenamente a lacuna das leis que regulavam nos Açores as relações entre toreiros e employteutos. Mas por occasião da eleição e mesmo por lucta de princípios partidarios qualquer ingenhidade servia de causa e originava muitas vezes discussões politicas.

Nuno Botelho de Gusmão dizia a mesma coisa sobre a Sardinha acrescentando contudo que fora da Cidade a bandeira dos foleiros não teria a mesma importancia que na Cidade; mas a corrente geral da opinião publica era que Henrique Paula de Medeiros o candidato democratico tinha a sua eleição certa. Em Lisboa o Governo queria ostar a que quaesquer elementos republicanos ou democraticos pudessem tomar na Câmara uma grande e despartidosa qualquer interesse fiesse sentido. Mesmo Corrêa Gil-

deira dissera a Rodrigues d'Azevedo que Henrique de caracter leviano devia a todo o transe ser combatido na sua eleição porque podia trazer embaraços tomando na Camara uma attitude decididamente republicana. As noticias de Hespanha não eram boas; o Marquez do Douro—general Concha—fôra morto, os rapazes de 12 annos estavam a ser chamados ás armas, os republicanos tinham soffrido varios reveses. Em Portugal o Governo tinha toda a confiança no Barão de Zézere apêz de ter havido no exercito alguns casos de insubordinação. Havia republicanos em Portugal e os partidos da opposição fiados que eram apenas theoreticas as doutrinas com fins democraticos e socialistas faziam causa commum com elles com excepção de José Dias Ferreira e o seu grupo que estava muito ligado a Barjona de Freitas e Brancamp, isoladamente, no partido progressista. Já o grupo dos Reformistas se dizia Republicano categoricamente.



O Dr. Henrique Ferreira
Pavão de Medeiros

os proprios agrarios entregaram a sua influencia ao serviço da causa com os membros da Junta que tinham elaborado o relatório para ser incluido na Consulta do fim do anno de 73 ao Governo; e ás questões commerciaes sobre a venda de fructas e legumes, com a orientação da Camara, tinha sido feito tabua rasa; de maneira que as opiniões estavam aterradas, attenuadas as causas de divisão de principios partidarios.

Contudo, pelo Circulo da Cidade, Porto Formozo que influia junto do partido Regenerador para que fossem incluidos nas Comissões de Recenseamento elementos commerciaes e que alem d'isso gozava já independentemente de qualquer orientação politica de certa sympathia, oppunha uma resistencia importante ao Candidato a quem o partido popular desejava outorgar a corôa de triumpho como recompensa dos serviços partidarios, o qual ao mesmo tempo representava a ligação de sequencia dos trabalhos encetados; e estes deviam continuar a marcar a sua orientação e o seu programma na politica do Paiz.

A propaganda eleitoral fervia em todas as Freguezias. Os conservadores tinham grandes influencias e levavam de vencida a causa partidaria. Ella já estava imposta no Circulo da Ribeira Grande em junho sem duvidas nenhuma sobre o resultado e na Cidade tomava aspectos bem feios para os populares da Sardinha.

As artimañas tambem eram lançadas sobre o eleitorado com calculo e decidido interesse. Cito esta que ficará sempre como prova da arte d'angariar adeptos nas freguezias rurales pelas auctoridades em 1874.

Quando o Presidente da Camara e Candidato a deputado pelo Circulo de Ponta Delgada andava em viajata politica pelas freguezias do Concelho em St.^a Barbara de St.^a Antonio o cura do pequenino lagar que trabalhava por que fosse instalado um cemiterio n'elle pois que o de St.^a Antonio ficava distante assegurou ao Doutor Henrique F. Paula de Medeiros que a gente do lugar votaria com a sua lista tendo a certeza que o cemiterio era construido. O Governador Civil que soube que a isca eleitoral de St.^a Barbara era o Cemiterio e tendo boa vontade de recomendar a sua construcção á Junta Geral para que esta soccorresse a Junta de Parochia de St.^a Antonio, pediu ao Doutor Emilio Avellar acabados de ser despachado sub-delegado de Saude no Concelho inspecionar as vendas das freguezias do noroeste da Ilha e aproveitar a occasião para fallar aos povos sobre as garantias que o governo auferia com a eleição do seu candidato e dizia-lhe que o Cemiterio de St.^a Barbara seria obra feita se por acaso a eleição fosse provavel em St.^a Antonio.

Assim aconteceu; e o Padre ficando entre dois fogos decidiu-se a deixar o eleitor á liberdade de consciencia, que era ainda, quando o interesse positivo não trazia a moral civil a influir nas determinações sociaes, a verdadeira doutrina com que os christãos tinham fundado quasi dois mil annos de civilisação.

Os Directores dos Partidos por occasião das luctas eleitoraes tinham a seu cargo a distribuição das listas dos seus candidatos. Os diferentes influentes politicos nas aldeias recebiam as listas, faziam a distribuição pela sua gente, fallavam sobre os interesses que se ligavam ás eleições a realizar e as garantias que lá assegurar a eleição do candidato do partido.

Eram elles que tinham seguro na sua mão o resultado da eleição. Como elles eram em geral os grandes proprietarios ruraes ou mantinham estreitas relações d'amizade ou ligavam-se a elles por interesses varios, era aos agrarios geralmente que estavam destinadas as regalias eleitoraes.

O partido regenerador fundido com os progressistas preparava a batalha.

Na faja de Baixo era Jacintho Pacheco d'Almeida que com a propaganda cerrada de Francisco Borges de Souza—representante de velhos proprietarios da região do Egypto, com braço d'armas e tradições historicas. Pacheco d'Almeida requisitava 100 listas para dividir com o Parocho e José Custodio que apoiavam os Conservadores.

Nas Feteiras era Manuel Pereira Soares e o Mello Sangrador quem tinha preponderancia logo que houvesse entendimento da D. Maria das Mercês Quintino d'Aguiar e com o primeiro dos medicos Avelares com o segundo.

Nos Gimetas era a familia Jacome Corrêa que remonta a origem de propriedade n'aquella freguezia á colonisação pelos ascendentes no século XVI, que dispunha das maiorias desde que o systema eleitoral tinha sido estabelecido.

Nas freguezias do norte tinham influencia Antonio José Machado e os Alvares Cabral nas Capellas, Barão de Fonte Bella na Bretanha e José Raposo em St.º Antonio, José do Canto em S. Vicente, José Jacome Corrêa nos Feneas, e de todos os lados, ao mesmo tempo que elles recebiam as solicitações do Governador Civil para dirigirem as suas constantes insistencias aos influentes locais, estes respondiam que a propaganda tinha sido feita com actividade, que o eleitorado estava bem disposto a eleger o representante que satisfazia ás aspirações do conservantismo tradicionalista. Em todo o Concelho na Lagóa os Machados de Faria e Maia e os Pereira Athaydes garantiam o mesmo resultado, attendendo ás informações fornecidas de todos os lugares.

Na Ribeira Grande a lucta era de menor importancia porque o juiz Dr. Bernardo Francisco d'Abranches era uma pessoa estranha ao meio e sem convicções politicas, um candidato proposto ad hoc para trabalhar uma legislatura. Os proprios correligionarios o recommendavam friamente e como a sua cor de pelle dava lugar a dietos engraçados, grande parte do eleitorado não queria votar pelo *preto* porque já não era uma representação estranha á terra mas uma representação estranha á raça que era apresentada em listas.

Um dos homens que maior influencia tinha no Concelho da Ribeira Grande e que a dispunha pelo partido Regenerador era Antonio Manoel da Silveira Estrella que conhecia a administração do Concelho desde os negocios parochiaes á repartição da 1.ª auctoridade Concellaria por ter exercido todos os cargos publicos.

Antonio Manoel que representava um ramo das velhas familias ilhóas e que pela posição social que elle occupava e pelas relações que mantinha com toda a gente de representação n'esta terra, dispunha de todas as facilidades para a execução de qualquer empreza; Antonio Manoel era um homem modesto, affavel e de tracto captivante, de grande popularidade, esmolter, protector dos pobres e auxiliador de todos aquelles que para realisarem as suas aspirações precisavam um apoio de qualquer natureza.

O Circulo da Ribeira Grande abrangia os Concelhos do Nordeste, da Povoação, de V. Franca e de St.º Maria com assembleas na Maia, Rabo de Peixe, N. S.º da Conceição da Villa, N. S.º da Estrella da Villa, S. Jorge da Villa do Nordeste, Achada, St.º Micael de Deus da Povoação, S. Miguel da Villa Franca e N. S.º d'Assumpção da Villa do Porto.

O apuramento dos votos entrados nas Assembleas dos Concelhos era feito nos Paços do Concelho da Ribeira Grande pelas 9 horas da manhã do dia 23 d'agosto conforme o alvará do Governador Civil de 7 de julho do mesmo anno de 74 e segundo as determinações do decreto de 31 de julho de 1879.

Não estavam portanto na mão exclusiva de Antonio Manoel as eleições no circulo, a sua pessoa só garantia as eleições no Concelho e já não era pózo, os amigos que elle possuia, nos outros Concelhos estavam dependentes de tantas orientações e opiniões que elle proprio não intervinha pessoalmente nel-las salvo se do directorio do partido. Era pediam em harmonia com algum plano politico d'interesse geral



Visconde do Porto Formoso

Não era só o homem António Manuel da Silveira Estrella e os irmãos que constituíam os baluartes eleitorais dos agrários no Concelho da Ribeira Grande. Clemente António de Vasconcellos, descendente d'uma velha família da Bretanha mas domiciliado na Villa era um dos grandes propagandistas dos interesses conservadores do partido Regenerador.

As Famílias dos Velhos Mellos Cabraes e dos Tavares do Canto, o Doutor Francisco Manuel de Medeiros Corrêa e muitas pessoas cuja lista tomaria necessário uma outra orientação n'este artigo, eram outros tantos nomes que matizavam a lista bem nutrida da organização politica conservadora a que se dava o nome de *tubarões* nesta lucta contra a Sardinha.

António Manuel da Silveira Estrella para a batalha eleitoral do tubarão contra a Sardinha escreveu aos agrários domiciliados fóra do Concelho e pediu-lhes que lhe mandassem os seus homens de confiança receberem as listas e instruções, logo em junho, e que escrevessem aos influentes locais pessoalmente para ter o apoio d'elles. A situação em Rabo de Peixe dependia do P. Rezendes, do Capitão Tavares, Mauricio d'Arruda, o cura Galvão e Augusto Serpa. As recommendações para as Calhetas deviam d'emanao dos Leites Pachecos Bettencourt e para o Fieo da Pedra Luiz Quintino d'Aguiar. O P. Rezendes de Rabo de Peixe estava em muito boas condições para ser ouvido no Porto Formoso aonde José do Canto e Dr. Francisco Machado de Faria e Maia tinham influencia e os Pachecos na Maia com José da Camara Leite o qual se correspondia com o Dr. Francisco Machado e com o Dr. Vicente Machado.

Antes do fim do mez o chefe do Partido remetia as listas e tinha a certeza que os negócios eleitorais corriam pelo melhor porque era esta a affirmação que dava por certo Manuel Antonio em 26, depois de todas as negociações entabuladas com a gente das freguezias. Na Maia tinha-se dado começo aos trabalhos d'uma parte e havia a promessa que o Governo faria a reconstrução da igreja parochial. Nos Penhas da Vera Cruz a questão eleitoral estava em volta de duas difficuldades para os governamentais; a primeira era que no ultimo recenseamento tinham executado da lista dos votantes o nome do Regedor que exercia o cargo Bernardo Manuel Soares, o cirurgião João de Souza Figueiredo, o Professor Manuel Jacintho da Costa, o Padre Manuel Joaquim do Amaral e o Padre Manuel Moniz de Souza com mais Francisco de Medeiros Corrêa e Jacintho Ignacio Galvão que eram as pessoas de maior influencia da freguezia fora a Villa e tantos ao todo que faltavam para os 128 votos que deviam formar a lista correctiva; a segunda era que era na população que se ia realisar o projecto de ha muito discutido na Junta Geral para uma divisão territorial que comprehendia a localidade no Concelho do Nordeste. A informação que dava o feitor do Senhor José do Canto do Porto Formoso que podia 200 listas para reparir pelo Porto, Maia, S. Braz, Gorreana, Lombinha e Lomba da Maia dizia nos principios d'Agosto que por aquelles lados quasi toda a gente votava por Pedro Jacome Corrêa.

Todo o resto do Concelho parecia estar bem preparado a não ser Ribeira Secca onde uma duzia de manifestos andavam a fazer uma propaganda a favor do candidato democratico a todo o transe. António Manuel pediu em 1 de julho para que o Governador Civil mudasse a Assembléa projectada em S. Pedro da Ribeira Secca para a Conceição porque os eleitores da freguezia de S. Pedro aos domingos vinham tratar dos seus negocios a Villa.

Os dois candidatos da Sardinha percorriam os concelhos em propaganda politica sem algum successo os manifestos, repetiam-se por toda a parte a mistura com os comícios. Na Ribeira Grande a Estrella Orient d'umto publicidade a um supplemento ao n.º 34 do jornal e fazendo a declarada demonstração da nullidade da eleição de Pedro Jacome Corrêa sobre o candidato popular e rebatendo a argumentação dos amigos de Ponta Delgada mostrou verdadeiramente que o elemento sensato da sociedade ribeirão-grande estava sinceramente conservadora. Era o redactor Gualberto Soares Vargas escriptor conhecido, vehemente e severo, dizendo com argumentação poderosa e judiciosa as verdades muitas vezes cras. O appello ao eleitorado cabou fundo no seu espirito e foi mais do que sufficiente para anniquilar o trabalho do outro candidato. A Persuasão de Ponta Delgada tambem se dirigia em nome dos conservadores aos eleitores do Districto, e a Persuasão redigida por suplico eugén publicações começavam a ter valor pela forma criteriosa e historica com que eram compostas, e que se approximava dos conservadores apesar de suplico ser um democratico tinha uma opinião que era ouvida com agrado.

No Nordeste varios manifestos populares foram distribuidos impressos pelo Concelho. O P. Jacintho Felix Machado que era uma das personalidades mais estimadas não deu importancia nenhuma a facto



António Manuel da Silveira Estrella

e em 5 de agosto dizia para José Jacinto e C.ª: "A carta a chefe vestria inteiramente nas mãos dos que queriam a demissão conservada" Pedro Jacome Correa, Lira e P. Jacintho Felix Machado que em carta de 9 de junho, respondendo ao chefe do partido regente, ad. m. paciência com elle para a eleição de Pedro Jacome nos seguintes termos:

"Fiz presente a meus sobrinhos e alguns meus amigos o teor de V. Ex.ª de 27 de Maio ultimo, elles approvão a proposta do meu d.ºto irmão de V. Ex.ª para Dep.º e, por este circulo, por ora não me consta que haja opposição e em tudo é mister prevenirmos para quando ella apparear, vou pois percorrer os electores depois do dia 9 para me não ver embarçado com as operações do recrutamento. Depois d'quelle dia combinaremos acerca das pessoas que a nós accozim ajudar e do resultado darei parte a V. Ex.ª, bem como de qualquer occorrença que apparear.

O portador desta vai para documentar a participação ou informação que a Camara faz ao Ex.º Senhor Presidente da Relação se para isso V. Ex.ª puder prestar-lhe algum apoio muito lhe agradeceré o que é de V. Ex.ª com muitos respeito. am. v.º obra! (Ass.º) P. Jacintho Felix Machado."

Francisco Soares Medeiros também garantia a eleição na Fozção.

Contudo os electores das Furtas que geralmente falavam em grande numero por os electores não estarem dispostos a fazerem as doas leguas e meia de caminhada da sua freguezia á Matriz da Villa, iriam saltar e segundo Jeronymo Simões de Carvalho eram outros tantos e pelo candidato e conservado.

O Conde da Praia da Victoria á 8 de julho prevenia o Chefe do partido que na Villa Franca só havia milho até ao dia 15 e podia-lhe para elle pol-o lá e a um preço inferior ao que elle estava na occasião e que era de 640 reis. O serviço revereria em favor da causa politica que de resto estava bem parada para os Conservadores e não ser na Ribeira da Tamboz aonde havia uma corrente grande a favor do Sr. Avrancheles.



Port. José Machado

Em 8 de Maio este principio de carta de Antonio José Machado apresenta a situação favoravel aos Conservadores. Fazia elle: A eleição de Sr. Moria pode considerarse feita, além duma carta do Monteiro tinha outras cartas de Almeida que depois de na ribeira de negocios commerciaes me prometteu uma eleição toda a nosso favor para o que estavam trabalhando. Na Lousa, asaverçamente o Procurador Antonio Jacintho Botelho Aubar que podamos contar com uma maioria de 204 a 0 votos.

Com as noticias da república em Hespanha e com d'antivivamente germeadas no piz e que agora pareciam approximar-se d'um governo com data d'uma cidade de Alcañoz de Raimba de... (text partially obscured) quem se propoz republicanos queriam entregar o trono estava morrendo o d'antivivante e machadense dos d'antivivantes do 3.º municipio do genio XIX. Havia era certo a homenagem a um liberal e um popular, Henrique Ferreira Paula de Medeiros, era um nome de um politico muito sido esquecido pelo Presidente e a sua eleição era da ordem da administração Camararia que fora sempre o centro do trabalho enegado pela Commissão da Presidencia do Sr. Soares d'Albuquerque. A Sardinha não podia lutar com o Sr. Soares d'Albuquerque nem tinha fora para vencer o Governo. Se

o Sr. Soares d'Albuquerque não fosse o Dr. Avrancheles estranho aos negocios politicos, inamigo e inimico d'antivivante, com os ados nos novos em adoptado o programma da defera do o novo imperio e o Sr. Soares d'Albuquerque a Sardinha o dilecto o seu partido democratico e os seus bases os d'antivivantes e como tal e em toba d'uma organização que se flosse pontualmente para o futuro na Camara da Villa Franca com a queda das ideias republicanas d'elles e em um d'antivivante no machadense na eleição de 9 d'Agosto na sua accção directiva no Governo e a de machadense de 1871, 100 mezes depois em Hespanha o Principe ta 28 de novembro de 1871 expresso um partido liberal e com essas qualidades era proclamado rei de Portugal e Campes no promittimento de d'antivivante em 29 de dezembro.

Para a República he o primeiro de ser prevalido com a forma politica constitucional, uma influencia d'antivivante e dos seus sobrinhos de Sardinha em 71-72 no d'antivivante de Ponta Delgada e Funchal e os machadenses e quando mostravam a necessidade de dar combate a candidatura de Henrique Ferreira Paula de Medeiros assim o d'antivivante em d'antivivante C.ª Caldera mesmo que o campo de Sardinha de 1871 e o Sr. Soares d'Albuquerque grande d'antivivante em elle em C.ª Soares d'Albuquerque

tar a Candidatura e Antonio Rodrigues Sampaio quando aproveita uma reunião para trocar impressões com o Candidato Regenerador pelo Circulo da Ribeira Grande. Assim, a Sardinha não aprofundou o sulco aberto pelas eleições administrativas de 71; satisfeita com uma administração favoravel, ella contentou-se em eleger os liberaes da politica districtal e Municipal que lhe garantiu uma marcha de negocios segura. Um cheque governamental, com avançadas de republicanismo, a Sardinha não o consegue em absoluto, talvez porque a educação democratica das populações não estivesse feita; ou porque os conservadores liberaes ainda eram preferidos aos verdadeiros convictos do democratismo livresco; e a porque enfim havia mais ou menos a convicção de que seria necessario montar entre a administração districtal e a representação legislativa um elo seguro por garantia dos negocios publicos.

Os resultados da Eleição foram bem convincentes. Na Cidade são os populares que ganham por 135 votos; na Ribeira Grande é o Candidato Regenerador governamental eleito por uma maioria grande—3148 votos sobre uma entrada de 4188 de listas nas urnas.

Por occasião de se reunirem os portadores das actas a Assembléa d'Apuramento 15 dias depois das eleições estando presentes os dois delegados da Assembléa da Villa do Porto vindos em cahique, foram reunidos pelo chefe do partido regenerador n'uma casa pertencente na Villa a Antonio Borges de Medeiros cerca de 50 convivas que festejaram alegremente o resultado da eleição.

Talvez o pacto liberal fosse o resultado da commemoração festiva (1). O que é um facto positivo é que em 1889 um grupo politico era formado sob a designação de Centro Republicano Federal que se propunha trabalhar para a implantação em Portugal da Republica Federal, dava publicidade a Estatutos que regiam o movimento da organização partidaria e publicava um jornal de propaganda com o titulo de Republica Federal.

A Sardinha da acção directa transformára-se n'um partido ideologico, theorico, de propaganda.

(1)—Vêr Francisco Maria Supico Republicano na politica regeneradora, suas relações com escriptores e politicos por correspondencia inédita.

O ESTABELECIMENTO DOS PORTOS FRANCOS NOS AÇÓRES

Negociações Diplomáticas com os Estados Barbarescos e a garantia ao Commercio e a navegação do porto de Ponta Delgada, que d'ellas podia ter resultado

A aproximação entre a Inglaterra e Portugal motivada pelas ambições napoleónicas e pela attitude da França revolucionaria na politica europeia, tinha dado lugar a varios tratados, entendimentos e convenções entre os dois paizes sobre varios assumptos relativos a guerra contra a França. Assim, a deslocação da Côte para o Rio de Janeiro fôra feita com o auxilio inglez trocando-se por essa occasião varios accordos entre os dois governos referentes a commercio, navegação e conjugação da acção militar na guerra.

O Governo e a Côte installados no Rio de Janeiro negociaram ali novos tratados politicos de Commercio e de Navegação e é d'elles que nasce a acção politica de Portugal na costa do nordeste d'Africa e o porto franco estabelecido em Ponta Delgada.

O Governo inglez de Jorge III embebidido fortemente das doutrinas humanitarias philantropicas de Wilberforce no Parlamento e pela imprensa, tomára uma orientação anti-esclavista, e por toda a Africa aonde essa acção mercantil abusiva da força e immoral se dava por costume, elle velava porque a liberdade do Commercio fosse respeitada. Era o seguimento de Marquez de Pombal em Angola (1) e para o Reino, (2). Havia então duas correntes de escravatura, o recrutamento dos pretos feito pelos portuguezes para serem empregados nos trabalhos agricolas e industriaes na Colonia do Brazil, do qual partilhavam os ingleses para as suas Colonias e os francezes; e o aprisionamento de pretos e brancos praticado á mão armada e exercido pelos corsarios mouros de toda a costa do noroeste d'Africa. Nos portuguezes eramos victimas d'esses attentados criminosos que punham a navegação do Atlantico em perigo constantemente. Datava de bem longe a inimidade entre os christãos da Peninsula e os musulmanos da costa Africana; de mais de mil annos. As cruzadas da Europa Central que foram combater esses inimigos do christão e da sua fé e da sua moral para o Oriente foram vingar os seus irmãos de raça que na Peninsula lutavam para os expulsar. Ellas eram bem da mesma raça e da mesma religião essas gentes que se encontravam nos campos da Andaluzia e pelas cidades da Costa Africana e as que defendiam as costas da Syria communicando a travéz do deserto Sahara em caravanas.

No Seculo XIV D. João I abria a cruzada com a empreza da conquista de Ceuta em 1315. Os arabes depois de rechassados da Europa eram atacados na terra africana aonde o predominio parecia ter-se definitivamente fixado a travéz os seculos ao abrigo do estreito de Gibraltar e das fortalezas da costa da Europa que ainda na sua posse guardavam qualquer tentativa inimiga d'avançada guerreira. Depois das conquistas emprendidas n'esse seculo e no seculo seguinte que puzeram grande parte da costa no poder dos portuguezes a acção d'estes no Atlantico era tão frequente contra os navios christãos que as outras nações se viram obrigadas a fazerem as suas demonstrações navaes aos portos e exigir indemnisações e satisfações por abusos commettidos de caracter bellico.

Os hespanhoes e os portuguezes porém, os povos mais proximos dos seus dominios foram os mais atacados.

Os Açores tiveram muitas vezes as suas assaltadas e a ilha de S. Miguel pela sua situação e pela sua importancia offerecia o maior interesse ao banditismo daquella feroz gente.

Valle de Cabacos quando era Recoleta de Freiras, viu-se um dia ser atacado por um bando de piratas audazes que levaram objectos d'arte e as proprias freiras pondo a saque aquella região da Caloira. Deu esse triste acontecimento lugar a que viessem as freiras para Ponta Delgada, aonde a esposa do Donatario Ruy Gonsalves da Camara, D. Philippa Cotinho mandou edificar o Convento da Esperança para onde ellas levaram a Imagem Do Senhor Santo Christo, mas durante os 40 annos em que as freiras estiveram na Recoleta de Valle de Cabacos foram repetidos os assaltos, dando-se combates entre a gente de terra e os piratas, e o local foi fortificado ficando a bahia protegida por um fortim tão satisfactoriamente que para lá foram depois installar-se os eremitas das Furnas fugidos ás erupções vulcanicas.



—O Bordo (1830) residencia do Dey de Tunis—

Mas esses actos de banditismo que se davam nos princípios do século XVI, continuaram nos séculos seguintes, e a nossa marinha mercante andava de conserva para se garantir d'elles, desde os Açores até ás costas de Portugal. No século XIX as tradições eram mantidas e tanto os argelinos, como os tunisianos, como os tripolitinos ou os marroquinos, perseguiram nos mares os navios de commercio dos europeus. A pirataria era para essa gente um negocio no qual a confiscação das mercadorias não era mais rendoso; do que a traficação com os captivos que se tornára uma fonte de receita publica nas administrações dos Deys e dos Pachás d'aquelles diferentes Estados.

Em 14 de Maio de 1799 conclue Portugal com o Pachá de Trípoli Yusef Bax Carmanaly um tratado de paz similar ao concluido entre Trípoli e a Grande Bretanha; em 29 de junho seguinte é outro tratado assignado entre o Dey Hamuda e D. João VI pelo qual aquelle garante treguas por trez annos e por mais se a guerra com a França continuasse, não sendo permitido aos tunisianos terem corsarios no Atlantico sob pena de serem aprisionados e só navegarem com passaportes portuguezes.

A Argelia envia ao Governo da Regencia de D. João em outubro do mesmo anno a Frei José de St.º Antonio Moura na companhia do Principe Abdelcarim Ben Tald natural de Marrocos e casado com uma argelina com casa de commercio em Lisboa para tratar do resgate de captivos e de negocios relativos á paz. O principe tinha grande influencia na Argelia e o frade sabia o arabe.

Deixando de parte as demarcções do Governo Portuguez junto d'estes outros Estados Africanos que nos faziam a guerra pirata porque elles não tem interesse directo na nossa historia tratemos apenas do plano diplomatico dirigido pelo Governo da Regencia aos Argelinos. A primeira embaixada de 1799 acabou por uma declaração de guerra da nossa parte pois que o Dey Pachá Mustefá recusou-se a aceitar quaesquer propostas. Seguiu-se uma segunda em julho de 1803 em que o Frade Antonio Moura volta da sua viagem na nau Vasco da Gama, a qual estava destinada pelas autoridades portuguezas de marinha a policiar as costas africanas, com melhores resultados dos que obtivera na sua primeira.

O Dey para conclusão da paz queria 4 milhões de duros e presentes valiosissimos como era costume, por fim fixou ao Enviado, que, acompanhado pelo Padre, propuzera dois milhões de duros pelo resgate dos captivos portuguezes e cinquenta mil cruzados annuaes como pagavam os outros reinos e um presente consular de dois em dois annos na forma tambem costumada. Os membros do Divan, assignado do tratado, entregariam os captivos portuguezes com o Filho do Almirante Ramires por quem elles queriam cem mil duros extra.

Este tratado que foi assignado no 1.º de setembro de 1803 segundo a informação do judeu Neftali que dirigira as primeiras negociações entre os portuguezes e o Dey, podia contra uma proposta de 3 milhões de duros por uma só vez ser uma paz definitiva; os embaixadores porém que não tinham autoridade para incluir nas condições de qualquer tratado o levantamento do bloqueio aos portos argelinos e que sabiam que o Dey sem essa condição nunca o faria, partiram sem outras negociações para Gibraltar aonde fretaram um calique do Algarve deixando a Vasco da Gama e o seu commandante James Scornichia a 7 de setembro, entregues outra vez á sua missão do bloqueio.

Este tratado ainda não levou os portuguezes á paz que elles desejavam obter do Dey de Argel para tranquillidade da sua navegação e para interesse d'administração do Ministerio da Marinha e da economia nacional pois que o policiamento dos mares custava-



Porto e Cidade de Trípoli nos princípios do século XX

av-nos 3 mil.ões de cruzados annualmente.

A situação de Portugal com a occupação franceza tinha vindo aggravar ainda mais a policia naval do Atlantico que se tornava agora além d'um pesado encargo uma exigencia onerosa e uma derivante de unidades de combate necessarias; e os Governadores do Reino em 29 de Maio de 1810 enviam como embaixadores ao Dey Hage-Aly o antigo commandante James Scornichia com o P.º Antonio Moura a negociar um tratado de paz que foi concluido por dois annos, resgatando-se 541 escravos por 850,000 duros argelinos (573 duros hespanhoes) tendo o Governo de Portugal de dar á Regencia d'Argel mais 50 mil duros hespanhoes, 15º para serem repartidos pelos principaes chefes 24 mil annualmente para substituir o que pagavam as outras nações para petrechos de guerra e 10 mil em vez do presente consular de dois em dois annos.

Foi este tratado que serviu de base em outubro seguinte ao Ministro do Ultramar de D. João VI, o

conde das Galveias, para criação em Ponta Delgada d'um porto franco, destinado á descarga e armazenagem de mercadorias e transitio sem pagamento dos direitos fiscaes estabelecidos pelas pautas alfandegarias de todo o paiz. D. João d'Almeida Mello e Castro 5.º conde das Galveias, o diplomata e ministro dos negocios estrangeiros assigna o alvará no Rio de Janeiro a 26 d'outubro de 1810 dizendo n'elle claramente que estabelecida a paz com o paclta d'Argel a criação do porto livre nos Açõres era d'uma grande vantagem ao commercio das nações, e á industria e marinha nacionaes pela forma como ia ser regulado o funcionamento dos armazens d'arrecadação de mercadorias, e applicados a ellas os direitos de exportação e de reexportação.

O modelo era o porto franco de Lisboa que tinha funcionado em Lisboa no caes da Junqueira desde 23 de Maio de 1796 até 6 d'agosto de 1896 fundado pelo Governo de D. Maria.

Os regulamentos dos caes livres de Ponta Delgada garantiam aos commerciantes das propriedades arrecadadas contra deterioração e falsos documentos. O estabelecimento de principios para carga e descarga e outorga dessas mercadorias com limitação de praso bastante longo, 2 annos, eram outras regras observadas nos serviços do porto que facilitavam as reexportações e importações aos mercadores.

Os Regulamentos eram vastos:

O deposito de todas as mercadorias portugaezas e estrangeiras ficava sujeito á administração e decisão da auctoridade existente na Cidade de Ponta Delgada, o juiz d'Alfandega, estabelecido com seu escrivão, e mais officiaes que as necessidades de serviço exigissem; e era a elle que se remetiam todos os manifestos de cargas.



Ponta Delgada em principios do seculo XIX reproduzido d'um desenho a cores na Bibliotheca de Ponta Delgada

Os generos de carreiras coloniaes dos dois paizes alliados Inglaterra e Portugal não tinham entrada nos dois paizes, iam d'aquella data em diante gozar do privilegio de poderm ser recebidos mutuamente nos portos francos e warehousing ports pagando taxas minimas e apenas algumas pequenas despezas de cargas e descargas. Todas as mercadorias em geral pagavam 4 por cento do seu valor e sendo transportadas em navios portuguezes essa taxa era reduzida a 2 por cento pagos no momento da exportação. Gozando a Inglaterra d'um tratamento de nação favorecida e as fabricas nacionaes d'um beneficio de pauta tambem excepcional sujeitas as suas produções ao direito minimo de 1 por cento.

O Commercio d'importação esse ficava no mesmo pé em que estava regulada a sua entrada em todo o paiz. A Alfandega de Ponta Delgada cobrava os impostos das mercadorias pelas taxas das tarifas geraes e essas mercadorias eram tiradas pelos importadores, dos antigos depositos perfeitamente separados dos caes livres novamente estabelecidos.

Sob esse regimen extraordinario vigorou o systema fiscal da Ilha até que os armazens e depositos de mercadorias para mercadorias de reexportação foram extendidos a todas as Alfandegas do paiz em 1812.

Este estabelecimento dos caes livres em Ponta Delgada podiam ter um grande futuro commercial de facto se os portos do levante mantivessem com os do Brazil e os dos Açõres umas relações aturdadas e activas.

O Governo Russo com o tratado de 22 de Maio de 1810 no qual prohibira a exportação para Portugal de mercadorias russas assim como a importação que constava de sal e azeite, isto devido á guerra com a França, por ter sido Portugal occupado por tropas francezas e estas administradas por uma Junta Governativa que não restabelecera relações com aquelle paiz; no entanto guardára para os vinhos dos Açores e para os productos da Colonia do Brazil excepção permitindo-lhes aquelles os antigos favores das pautas aduaneiras e para estes uma redução da metade do imposto quando transportados em navios russos ou portuguezes por conta de mercadores russos ou portuguezes.

Porém o Governo Russo não manteve a sua attitude de amizade para com os Açores e o commercio d'exportação das nossas Ilhas ia ser tolhido. O Governo russo por occasião de findar o tratado concluido com Portugal de 27 de Dezembro de 1798, propoz a Portugal que fosse renovado nas mesmas condições esse tratado de amizade e commercial que tinha por fim garantir o mutuo auxilio á navegação e commercio de exportação e os interesses dos subditos das duas nações, porém fazia uma declaração que d'aquella data para o futuro 10 de junho de 1812 ficava suspenso o artigo VI do dito tratado ficando os vinhos das Ilhas que pagavam d'imposto d'entrada na Russia quatro rublos e cinquenta copecks a barria a pagar vinte rublos (o rublo correspondia ao mil reis) salvo porém se o Governo Imperial fizesse outros accordos com outras nações e lhes desse tratamento nas pautas alfandegarias de nação favorecida, o que então seria tambem observado para Portugal. Dimetry de Gourieff e o Conde Alexandre Solty Koff signatarios do tratado não deram com certeza uma grande alegria ao plenipotenciario portuguez João Paulo Bezerra de Seixas que talvez por essa razão logo no mez de setembro deixava o seu cargo, dirigindo-se para o Rio. Tambem não foi o seu insuccesso diplomatico levado a mal pela Côte, pois que D. João VI no ministerio que succedeu ao ministerio do Conde da Barca em 1817 chamou-o a gerir a pasta da Fazenda com Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, Conde dos Arcos, e o Conde de Palmella.

A Ilha da Madeira, que era grande productora de vinho soffria mais do que os Açores que exportavam laranja e que tinham muito poucos vinhos de cultura.

O commercio estava, apezar das difficuldades de navegação por causa da guerra, em constante progresso. As noticias repeliem-se de navios que tinham sido mettidos a pique (mais de 100 navios foram afundados durante a guerra napoleonica) mas o commercio fazia-se com regularidade como mostra o quadro que damos a seguir relativo aos factores que concorriam para esse progresso ou que se reflectiam d'elle.

NAVIOS ENTRADOS NO PORTO DE PONTA DELGADA:.....	EM 1803—137
.....	EM 1810—205
DIREITOS E IMPOSTOS COBRADOS NA ALFANDEGA:.....	EM 1805—11,053,218 RS.
.....	EM 1810—23,013,955 RS.
.....	EM 1812—38,210,780 RS.
EXPORTAÇÃO DE LARANJA:—TRIENNIO.....	DE 1807 a 1809:
.....	FRUCTA —20 MIL CAIXAS
.....	—20 CONTOS
IMPORTANCIA:—(MEDIA ANNUAL).....	DE 1810 —1812
TRIENNIO.....	FRUCTA —30 MIL CAIXAS
.....	—54 CONTOS
IMPORTANCIA.....	QUANTIDADE VALOR
EXPORTAÇÃO DE MILHO:.....	1802 1240 MOIOS 22,428,000
(MEDIA ANNUAL 1807 A 1810).....	6,058 MOIOS).

O Governo Portuguez trabalha para estabelecer a segurança da navegação do Atlantico por uma paz duravel com o Dey d'Argel e para isso quando envia outra vez os mesmos embaixadores, da missão anterior para negociarem com o Divan a restituição de captivos dá-lhes instrucções para proporem o tratado de paz definitivo que foi assignado em setembro de 1811 nas seguintes condições: A conclusão de paz envolvia a obrigação por parte de Portugal de pagar annualmente 40 mil cruzados e o presente consular de 20 mil cruzados; os navios portuguezes circulariam para o futuro livremente pelo Mediterraneo e os navios de commercio argelinos poderiam vir aos portos portuguezes porém as armadas ficariam no Estreito e não poderiam sahir d'elle; as mercadorias portuguezas vendidas na Arge- lia pagariam apenas 3 por cento de direitos nas Alfandegas; o Consul portuguez gozaria de toda a segurança; e um local para o culto religioso seria designado e ficaria destinado para uma edificação.

A embaixada só trouxe os captivos que tinham sido resgatados das mãos dos traficantes sem proposta nenhuma acceptavel por parte do Dey Pachá Hage-Aly.

No entanto o Governo do Rio promulgava pelo alvará de 26 de Maio de 1812 um regulamento assignado pelo Conde d'Aguiar para as mercadorias de transitio extensivo a todas as alfandegas estabele-

cendo o direito de 5 por cento e 4 por cento em retribuição do tratamento muito de nação favorecida mantendo os direitos fixados para os depósitos de Ponta Delgada e para os depósitos do caes de G.ão cuja criação datava do alvará de 4 de fevereiro de 1811.

A paz foi enfim concluída com os argelinos em 14 de junho de 1813 de caracter definitivo garantindo a livre navegação e commercio entre os dois paizes ou garantia absoluta para os subditos portuguezes e argelinos; mas dizer que essa paz teve alguma influencia benéfica nos destinos commerciaes da Ilha de S. Miguel seria uma absoluta falta de verdade. O que é preciso sobre o movimento d'exportação e importação que se deu depois de 1810 é que os rendimentos e direitos cobrados pela Alfandega de Ponta Delgada no triennio de 1820—22 eram n'uma



Argelia—Oran em 1820

era a nacional o Governo de D. João VI tornou essa sujeita aos direitos correntes pelo alvará de 21 de janeiro de 1813, isentando a industria fabricada nas manufacturas em grande, esabolecidas por ordens regias ou provisões da Real Junta do Commercio Agricultura Fabrica e Navegação.

O alvará de 25 de Abril de 1818 que visou a protecção ao azeite e vinagre conservando os mesmos direitos para os nacionaes dobrando os estrangeiros tambem deixa os nossos vinhos sujeitos a pezadas taxas como se vê:

Tabella dos direitos a que estavam sujeitos os liquidos á entrada no Brazil:

Azeite e vinagre de Portugal.....	Os mesmos direitos que pagavam
Vinho e licores portuguezes pagavam por pipa de 180 medidas.....	12,000 mil reis por todos os direitos que pagavam até então das diversas denominações
Vinho do porto de rama.....	10,000 mil reis na mesma forma
Madeira.....	12,000 mil reis
Vinho do Porto, Algarve e Ilhas.....	9,600 reis
Aguardente.....	20,000 mil reis
Licôres port. 12 garrafas.....	800 reis
EXTRANGEIRO:	
Vinho estrangeiro pipa.....	36,000 mil reis
Vinho estrangeiro 12 garrafas.....	1,600 reis
Aguardente, pipa.....	50,000 mil reis
Licôres—12 garrafas.....	2,400 reis
Azeite e vinagre.....	O dobro do que pagavam

N. B.—todos estes generos vindos em navios portuguezes pagavam menos 1/4 parte dos direitos. Vem depois o alvará de 30 de Maio de 1820 que não é de molde a deixar o commercio das Ilhas mais alliviado.

Por elle foi imposto um adicional de 8 mil reis por pipa vindo do estrangeiro o qual seria applicado por despeza militar e estabelecimento publico: uma redução de direitos d'1/4 nas mercadorias transportadas em navios nacionaes foi abolida por haver abuso e transporte de mercadoria estrangeira, foi revogado o privilegio á Companhia do Alto Douro para a exportação para o Brazil conservando só o do vinho legal e de embarque que a Companhia poderia exportar directamente ou por escafa para a America e vender enarrado ou envasillado á convenção das partes sem sujeição á taxa: o vinho de rama era permitido a qualquer lavrador ou negociante portuguez exportá-lo e remetê-lo a qual-quer negociante pagando os direitos estabelecidos.

DO EXTRANGEIRO

Os trigos, milhos, centeios e farinhas pagariam a dízima d'entrada nos portos de Portugal e Algarve. A arrecadação era feita pelo terreiro de Lisboa e nos outros portos na alfandega; e n'esta não era comprehendida a vendagem do terreiro, de 20 reis o alqueire de trigo e 40 reis o alqueire de farinha destinada á manutenção do estabelecimento d'aquella casa.

Esta medida era para contrabalançar a decima do pagamento das produções dos generos.

Havia a faculdade de se poder estabelecer nos casos anormaes accordos especies mas essa faculdade foi supprimida a 6 d'outubro seguinte por portaria. O sal pagaria para o futuro a 1/2 dos direitos (Portugal e Algarve) o outro do paiz pagaria os mesmos 80 reis o alqueire.

Os peixes, atum, sardinhas etc., de Portugal e Algarve entrariam livres nos Portos do Brazil e assim os pannos de linho, linhas, burel, saragoça trazendo attestações do magistrado do lugar d'onde tinham sido exportadas ou da Alfandega.

A aguardente pagaria mais 8 mil reis por pipa, não exceptuando as prohibições estabelecidas para evitar as desordens entre os escravos e punha fóra da medida as Provincias do Rio Grande do Norte, Parahiba e Pernambuco.

Era estabelecida a obrigatoriedade de apresentar nos portos os manifestos de carga sellados pela auctoridade consular do porto d'onde tinham sahido ou na falta d'este de auctoridade Civil ou Commercial sem o que a sahida não era permitida.

Os linhos que gozando d'uma livre entrada no Brazil poderiam voltar a ter a manufactura que tinha havido no seculo XVIII, continuavam a estar nas mesmas condições pelo augmento das tarifas para as mercadorias portuguezas.

EXPORTAÇÃO EM 1800

panno de linho curado.....	90,811 varas
crú	10,195 varas
genipapo(?)	6,105 varas
meias de linho.....	224 pares
guardanapos.....	77 dúzias
linha	471 libras
toalhas e colechas.....	393

EXPORTAÇÃO DE LINHOS EM VALOR

Valor	Direitos d'exportação
1778—106,635,650 reis	2,132,713 reis
1780—132,951,850 reis	2,657,037 reis

E' verdade tambem se a legislação do Governo de D. João VI não era de molde a auxiliar o progresso do commercio michaelense na sua exportação a navegação não passava no Atlantico com a segurança necessaria a desenvolver o commercio entre os grandes continentes da Europa, Africa e America. Os piratas argelinos não deixavam os navios do Commercio de qualquer nacionalidade que fosse tranquilllos. Uma esquadra ingleza e hollandeza sob o commando de Lord Exmouth bombardeou a Algeria destruindo a esquadra dos corsarios em 1816 e em 1819 os francezes com os inglezes repetiram o feito sem que comtudo fosse posto termo ao flagello que havia tantos annos preocupava a Europa, e que tinha sido um dos assumptos discutidos pelos Plenipotenciarios dos paizes reunidos no Congresso de Vienna em 1815 e depois no Congresso de Aix-la-Chapelle em 1818.



D. João VI—Miniatura da epocha
n'uma caixa de Tartaruga da Senhora
D. Maria Ernestina do Canto
Faria e Maia

I

A reforma Aduaneira de António Correia de Herédia de 1866 para os Açores e as discussões na imprensa por ocasião do Projecto Fontes Pereira de Mello

Meio século é passado sobre esse plano político do reinado de D. João VI que nenhuma consequencia feliz teve como não tiveram actos nenhuns d'essa infeliz epoca.

Um homem consciencioso, conhecedor dos assumptos de que temos vindo tratando emprehendendo mesmo uma viagem aos Açores em 1866 vai novamente levantar o estabelecimento do regimen dos portos livres nos Açores e para isso elle não recorre á experiencia do Conde das Galveias nem analisa o problema economico d'um modo geral visando as theorias protectionistas, ou livres cambistas. Como Inspector d'Alfandegas elle investiga o problema sob o ponto de vista fiscal e aduaneiro locais e baseia o regimen açoriano n'um novo balanço de receita e despesa alfandegaria evitando os males d'uma organização existente do systema e condições especiaes em que viviam as Flores e o Corvo separadas das outras Ilhas do archipelago dando livre pratica em todos os seus portos a qualquer navio que lá abordasse. Sendo as communicações entre estas Ilhas e as outras perfeitamente isentas de qualquer imposto alfandegario, não estando creados postos aduaneiros para o fim de fiscalisar a natureza das mercadorias, nem existir pessoal para fiscalisar a natureza das mercadorias de transitio, uma reforma se impunha nos serviços das alfandegas e essa reforma o Inspector Geral preconizava ser a do livre commercio nos termos das portarias de 1.º de Maio de 1833 e 25 de setembro de 1850.

O commercio dos Açores do oeste para Portugal avaliado approximadamente em 50 mil pipas de vinho e estando muito reduzido devido ao ataque do oidium tuckeri ás cepas, essas Ilhas, que não teriam a soffrer as consequencias d'um augmento do preço do genero no continente com o estabelecimento

do imposto nas alfandegas de lá supportariam perfeitamente este regimen e certamente que lucrariam com a entrada das mercadorias estrangeiras que beneficiariam o comprador e o commerciante.

De mais, a receita com os portos aduaneiros das Ilhas a que elle queria estender o regimen pouco excedia a despesa com o pessoal excepto a Ilha do Fayal. Mas essa com o porto da Horta excepcionalmente bem abrigado e com uma doca artificial em construcção o que seria a definitiva garantia da navegacão, com um movimento de navios approximadamente de 500 anualmente merecia bem o sacrificio financeiro em proveito do progresso economico e commercial. Assim, na Ilha de S. Jorge, a receita da delegacão do Topo não era nenhuma e a das Vellas tinha sido em media nos 6 annos anteriores 50 a 65 de 1.520,608 reis contra uma despesa



Porto e Cidade da Horta, em 1900

compreendendo a fiscalisação externa de 2.057,200 reis para as duas delegaçõs. A sub-directoria da Graciosa nos mesmos 6 annos tinha rendido 435,699 reis sendo a despesa de 1.716,300 reis em media annual egualmente. A sub-directoria das Flores era em rendimento 950 mil reis, e a despesa de 640,800 reis. A sub-directoria de St.ª Maria rendia 160 mil e custava 1.649,800 reis. As delegaçõs da Ilha do Pico, nas villas das Lagens e S. Roque, não rendiam nada e custavam 667,800 reis. E todas estas Ilhas juntas apresentavam um custeo para o thezouro de 4.587,652 reis sobre a receita. Incluindo a Ilha do Fayal que em media a receita alfandegaria era calculada 48.583,174 reis (ella variava entre 60 contos e 38) e a despesa de 5,336,000. Vê-se que o encargo para o thezouro seria annualmente, accrescentando os 4.578,652 reis das despesas com os portos das outras Ilhas, ao todo de 38.690,000 somma perfeitamente ao alcance dos cofres do Estado para servir em beneficio do progresso economico dos Açores.

António Correia de Herédia natural da Ilha da Madeira encarara a questão debaixo do ponto de vista insular muito em beneficio do progresso local. O thezouro cujos interesses elle punha temporaria-

mente de parte seria muito mais tarde indemnizado pelos impostos e contribuições. O Insular tinha de facto visto o problema debaixo das mais solidas bases de progresso que as Ilhas podiam offerecer para uma reforma aduaneira do seu systema; e Heredia não extendia a reforma aos dois archipelagos dos Açores e Madeira porque recia sacrificar o thezouro em uma receita de 340 contos, o que lhe parece impraticavel nas circumstancias em que se achavam os rendimentos do Estado em 1875, dez annos depois do primeiro relatório, quando, para dar execução ás determinações do Ministerio da Fazenda, elle apresenta um segundo relatório em setembro sobre os regulamentos a applicar ao decreto de 23 de dezembro de 1869 para uniformisar e simplificar o despacho e expediente das alfândegas, suas delegações, postos fiscaes e registos em harmonia com as attribuições das mesmas alfândegas e mais postos fiscaes.

E' d'este projecto de reforma das alfândegas que sae toda a theoria em volta da qual foi discutida entre os republicanos que formavam o Centro Federal e os commerciantes da Associação Commercial e alguns proprietarios agricolas, a questão da liberdade de commercio ligada ao estabelecimento dos Portos Francos nos Açores.

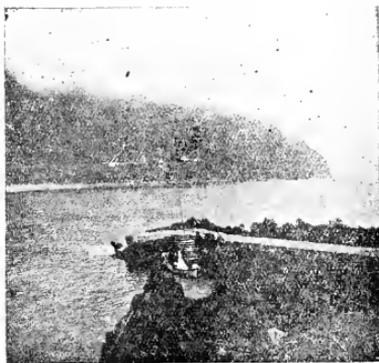
Em principios do anno de 1883 os jornaes de Ponta Delgada pegaram-se em discussão sobre a franquia dos portos dos Açores levantada na Ilha e na Capital a proposito d'um projecto que estava no programma do Ministro da Fazenda Fontes Pereira de Mello.

O commerciante então presidente da Associação Commercial de Ponta Delgada João Machado de Faria e Maia levou a sua experiencia economica ás columnas d'um jornal que acabava de ser lançado ao publico pelo Capitão do regimento de caçadores 11, que então se aquartelava em S. João, Henrique das Neves; a Gazeta Açoreana. João Machado dizia, e era a voz geral das classes agricolas, que a abertura dos portos á importação dos productos agricolas estrangeiros era uma calamidade para uma terra exportadora só em milho $1/8$ da sua produção que era de 40 mil moios. De facto, esses productos d'origem americana aonde as culturas eram feitas intensivamente em vastissimas planicies por meio de machinas a tracção rapida animal, podiam chegar ao porto de Ponta Delgada por preços inferiores aos que tinham os mesmos generos produzidos pelos agricoltos michaelenses nos mercados da ilha; havia a prova d'isso nos annos de crise em que a importação tinha sido feita, podendo o commerciante, sem lucro era verdade, vender os generos por um preço mais baixo do que o da produção insular.

O preço corrente variava entre 400 e 500 reis o alqueire sendo o seu preço medio 478 reis, o preço do milho importado na ultima crise de—77—78 tinha sido o de 400 reis; havia por tanto aqui uma depreciação de 16 por cento no valor da produção; attendendo porém a que o milho americano pezava em media 24 libras o alqueire, em quanto que o michaelense pezava 22, a depreciação do milho era de mais 9 por cento e ao todo de 25 por cento. Esses 25 por cento de desvalorisação que se ia dar no milho, o genero por excellencia da nossa agricultura, não recebiam os agricoltos e de os extendem á propriedade agricola. D'essa opinião era tambem o Senhor José Jacome Corrêa que n'essa occasião estava em negociação com o Conde da Ribeira Grande para as compras das suas propriedades da Salga e que diz que enquanto estivesse pendente da approvação das Camaras um projecto attribuido ao Ministro da Fazenda Fontes Pereira de Mello para o estabelecimento dos portos francos nos Açores qualquer negocio de propriedade devia ser reduzido de 25 por cento do seu valor anterior.

Os argumentos do Senhor João Machado eram alem d'estes que interessavam os agricoltos e as industrias açoreanas os de caracter administrativo e fiscal quanto á suppressão dos impostos aduaneiros que traziam uma receita regular de quinhentos contos ao thezouro os quaes difficilmente seriam substituidos por impostos indirectos ou contribuições.

Só em Ponta Delgada os rendimentos dos direitos cobrados na alfândega eram de 156.214.000 reis, sendo a despeza de fiscalisação 17.637.800 reis, ou fosse uma importancia de 138.576.200 reis a ir buscar aos impostos e contribuições para não aggravar as receitas do Estado. Como distribuir semelhante quantia, que representava mais de metade da importancia do restante das receitas geraes da Fazenda Publica na Ilha, ás quaes constavam das seguintes importancias:



Cars das Flôres

De contribuição predial.....	89,000,000 reis
Industrial.....	8,536,000 reis
De renda de casa e sumptuaria.....	5,183,000 reis
De registo.....	33,712,000 reis
Imposto de tabaco.....	30,000,000 reis
De pescado.....	3,028,000 reis
De sellos.....	19,447,000 reis
Aguardente.....	?
Real d'agua.....	5,323,000 reis
Receita do Porto Artificial de P. Delgada.....	11,520,000 reis
Receitas eventuaes.....	1,542,000 reis
	207,291,000 reis

Contra os argumentos de João Machado de Faria e Maia debatiam a questão os jornaes "Diário dos Açores", a "Persuasão" que era o órgão officioso do partido Regenerador, e a Republica Federal.

Na Republica Federal Caetano Moniz de Vasconcellos esclarecia a origem da inclusão do estabelecimento dos portos francos nos Açores, no programma ministerial. Apoz o successo republicano nas eleições da Madeira o Rei chamára o Presidente do Ministerio e mostrára-lhe que os deputados que o partido republicano conseguira eleger pelos círculos do Funchal mostravam bem o descontentamento e desanimo que existia nas populações quanto á administração que lhes dizia respeito dos partidos nos ultimos tempos, descontentamento e desanimo bem patente na imprensa do Archipelago. O Rei aconselhára Fontes Pereira de Mello a olhar com attenção para as questões açoreanas afim de evitar que n'um curto periodo se desse nas Ilhas um facto identico ao que se dera nas eleições que acabavam de ter lugar.

Fontes Pereira de Mello sabendo que era uma velha aspiração d'uma grande maioria de gente o estabelecimento dos portos francos e que Antonio Correia de Heredia com os seus dois relatorios tornára a questão d'actualidade debaixo do ponto de vista fiscal e administrativo; não hesitára em lançar mão da questão e fazer d'ella um projecto que na primeira oportunidade seria levado ás Camaras.

A questão nunca passou da discussão nos jornaes e nunca Fontes Pereira de Mello apresentou ás Camaras um projecto. Nos jornaes da Ilha porém ella foi bem debatida e Caetano Moniz combatendo João Machado de Faria e Maia mostrava a impossibilidade que havia estabelecendo-se os Portos Francos, em a concorrência estrangeira vir prejudicar as industrias michaelenses quer agricolas quer objectos d'uso, mostrando apenas que a industria da louca seria affectada na competencia com a estrangeira; quanto aos generos agricolas, alchool, melação, tabaco, vinho não podia haver recio que a concorrência estrangeira viesse prejudicar o consumo pelo porte dos preços. O unico problema que carecia de resolução era o problema dos rendimentos da alfandega que difficilmente se poderiam distribuir pelos impostos indirectos.

João Machado de Faria e Maia, o presidente da Associação Commercial, e o autor dos artigos da Gazeta Açoreana

Em presença da vantagem que a entrada de innumeros objectos que n'aquelle momento se achavam fóra do alcance da bolsa do contribuinte, com o augmento da navegação, e com o acescimento do movimento de tourists na Ilha, toda a discussão pendia facilmente para as vantagens que proviriam da abertura dos portos e estabelecimento de caes.

E no "Diário dos Açores" era outro que vinha discutir a medida fallando na generalidade e apontando os beneficios que nas outras nações tinha gozado o commercio e estímulos que tiveram as industrias á sombra do systema livre cambista; e portanto as mesmas vantagens que nos seriam offerecidas com o estabelecimento de caes francos nos Açores. E depois as Ilhas prosperariam com um systema que desenvolveria as actividades e demonstrava que até os armazens a estabelecer para arrecadação de mercadorias seriam uma fonte de rendimento para companhias e particulares que as quizessem explorar para o futuro.

No fim da primavera os jornaes já não fallavam mais em portos francos e a questão parecia ter voltado para a sombra zonde tinha jazido quasi um seculo quando desponta uma ameaça de crise cerealifera com a deficiência de produção do milho. Sendo chamado a occupar as funções de Governador Civil o membro do Conselho de Districto Dr. Francisco Pereira Lopes de Bettencourt Athayde, que atravessára duas crises, uma fazendo parte do mesmo conselho em 76-77 e outra em 69 como Presidente da Camara nas quaes debatera o regimen de liberdade de commercio para os cereaes; o Dr. Pereira Athayde, quando abria as sessões ordinarias da Junta Geral em novembro, fallando sobre a situa-

ção do mercado em face da produção do milho apresenta trez quesitos á Junta para esta discutir e resolver o assumpto :

1.º Poderá permittir-se a exportação de milho no corrente anno agrícola sem perigo para as subsistencias publicas, ou receio de se elevar o preço do dito cereal de modo que não fique em proporção do salario ?

2.º No caso affirmativo deve abrir-se o porto limitando logo o quantitativo da exportação, ou não deve limitar-se ?

3.º No caso de se dever limitar, qual deve ser a quantidade de litros que se deve deixar exportar ?

E estes quesitos, para cujo parecer d'uma comissão que se formou dentro da Junta para estudar a questão foram mandados entregar pelo Governador os elementos necessarios e que estavam nas repartições do Governo, deram lugar a vir para as sessões da Junta o problema de liberdade do commercio de cereaes que estava ligado ao problema do estabelecimento dos portos francos nos Açores. A Comissão foi de parecer que fosse estabelecida a liberdade de Commercio, mas como não fossem determinados os termos d'essa liberdade, houve por parte de alguns procuradores em sessões ultteriores que entenderam por liberdade de commercio a importação e exportação o que de facto não tinha acontecido pois que a Comissão só encarára a questão debaixo do ponto de vista exportação. Os rumores de crise que tinham circulado apaziguaram-se logo e a liberdade de Commercio para os cereaes não foi mais debatida.

Com o evento da Republica em 1910 o Jornal «A Republica» de Ponta Delgada trouxe uns artigos a publico em que se fallava em Portos Francos. Havia então um programma politico que tinha por base uma organização especial aduaneira para o fim do turismo e o Ministro do Fomento Sr. Antonio Maria da Silva do Governo da Presidencia do Sr. Afonso Costa em 18 de julho de 1913 assignou uma lei que auctorizava a ser formada uma Comissão technica no prazo de dois mezes para estudar o local aonde deveriam funcionar os caes francos no Porto de Lisboa cujo regulamento vinha publicado a seguir determinando as condições de concessão d'exploração a uma empresa concessionaria sob caução de 50 contos, o modo de funcionar do porto submettendo as mercadorias e os navios ao regimen fiscal existente dos armazens gerais francos; a necessidade de se regular por occasião do concurso da exploração do porto, as tarifas de carga, armazenagem e descarga e de beneficiação das mercadorias; e a reserva dos direitos de regular a policia e a fiscalização do porto etc.

No jornal do Commercio e das Colonias appareceu um artigo de critica do Senhor Roque da Costa funcionario publico competentissimo em que criticava a lei por não ser clara na criação do porto franco de Lisboa quando porto franco não era precisamente o que se pretendia crear mas sim zonas francas dentro do porto. O Senhor Roque da Costa condemnava os portos francos como prejudiciaes ás industrias estabelecidas nos interiores dos paizes que sofriam o aggravamento das pautas enquanto que na Cidade livre que quasi sempre é a grande consumidora, as mesmas industrias competiam isentas d'impostos.

De facto Hamburgo que se desenvolveu sob o regimen de porto franco e as vantagens commerciaes que se apontam ao regimen livre cambista em certas circumstancias da vida dos povos atraem um grande corrente de partidarios para o regimen de liberdade absoluta na importação e exportação das mercadorias. Lisboa mesmo do tempo de D. Fernando I no seculo XIV se engrandeceu á custa d'um regimen neutro n'um commercio vasto em que eram, por gentes de innumerables nacionalidades importadas mercadorias d'essas nacionalidades, e por navios portuguezes exportados vinho, azeite e sal e muitos outros generos comestiveis os quaes generos e mercadorias deixavam nas Alfandegas de Lisboa para cima de 35 a 40 mil dobras (2.800 contos da nossa moeda actual) segundo nos conta Fernão Lopes.

Os regimens podem não ser estranhos á vida das terras que os põem em execução, mas o que elles não são certamente é por si só a causa desse progresso.

Podem ser mesmo a origem de progresso mas reunir em si os elementos necessarios a elle não é possivel pela natureza mesmo da sua parçitidade e incompleticismo. Hamburgo prosperou de facto



Vista do Corvo

são o regimen de porto franco; mas teria Hamburgo de facto prosperado se não fosse o commercio que manteve durante um seculo com a America do Norte depois de instituída a Nacionalidade com o tratado de Paris, que lhe impoz a creação de uma marinha mercante? Não tinha sido já Hamburgo um dos portos da Liga Hanzeatica e não tinha elle sido o entreposto entre o commercio do nordeste e noroeste da Europa, isto e portos gozando das tradições d'uma civilisação que varias causas tinham deixado estacionaria e decadente e varios outros tinham levantado n'outras epochas?

Os Açores pela sua situação estão destinados a receber uma grande parcella da navegação entre a Europa e as Americas agora com a abertura do Canal de Panamá entre a Europa, e o extremo Oriente. Os japonezes e os chinezes são importadores dos mercasos europeus e por sua vez exportam para a America mercadorias cuja natureza e extravagancia sobretudo em objectos de decoração, mobiliario e vestuario agradam immenso aos europeus. Os vapores inglezes e allemães que antes da guerra aliziam o commercio com o extremo Oriente já foram suppridos por vapores japonezes que fazem as carreiras do seu paiz para a Hollanda e Inglaterra.

Quer tenhamos Portos Francos quer os não tenhamos a doca ali está para offerecer as vantagens necessarias a segurança da navegação. Se houver mercadorias a transbordar, hão de apparecer as zonas francas com depositos e armazens francos porque ellas impor-se-hão ás necessidades das reexportações e porque os actuaes annexos da Aliandega não comportam um desenvolvimento de reexportações; se as populações açoreanas pretenderem viver sob um regimen autonómico e que isso lhes seja concedido com isenções absolutas de ligações fiscaes n'uma constituição especial aduaneira, podendo e querendo lutar na struggle industrial e commercial e contentando-se com a perda dos rendimentos alfandegarios então os portos livres darão entrada ás mercadorias estrangeiras e os povos com a concorrência ferão um alivio de que hoje não gozam com o regimen existente que agrava os preços dos objectos d'importação, muitas vezes já onerados devido a forma do fornecimento.

Submeter porém o futuro do progresso e tomal-o dependente d'um regimen aduaneiro, parece-me exaggerar a questão. Sob as tradições d'um systema pautal proteccionista nós temos vivido e progredido; tivemos, como o porto d'Hamburgo quando as colonias do Brazil e Africa começaram a receber os primeiros benefícios da civilisação da Metropole, e quando o commercio da India progredia com a navegação, um movimento nos portos que attingia proporções que depois não decorecer dos annos, com a dominação hespanhola, se não mantiveram.

A fundação e grandeza rapidamente adquirida da Cidade de Ponta Delgada simples e modesta villa por occasião da erupção vulcanica em 1522 na Villa Franca do Campo, attestam bem, um seculo depois, a importancia da navegação dos mares dos Açores.



Castano Moniz de Vasconcellos
Ministro da Republica Portuguesa

1522 na Villa Franca do Campo, attestam bem, um seculo depois, a importancia da navegação dos mares dos Açores.



O Porto de Ponta Delgada antes de construída a doca, por occasião em que foi publicado o Relatório de Antonio Correia de Heredia:

INDICE GERAL DO 1.º ANNO

	PAG.
A REVISTA MICHAELENSE—por Ayres Jacome Corrêa	1
ILLUSTRAÇÕES DE AUGUSTO CABRAL—por O Editor	2
EL-REI D. CARLOS I—por P.º Ernesto Ferreira	3
A CONFERENCIA CONFSSIONAL—por Ayres Jacome Corrêa	9
O DOUTOR FRANCISCO PEREIRA LOPES DE BETTENCOURT ATHAYDE—EM DUAS PHASES DA SUA VIDA ADMINISTRATIVA	14
A CAÇA DE BALEIAS—por J. A. A. B.	32
AS ODES NO PRINCIPIO DO SÉCULO XIX	36
MONOGRAPHIA DOS GINETES—por Anténio José Lopes da Luz (Prior das Feteiras)	45
VIZITAS D'ANNOS—por * * *	77
MONOGRAPHIA DOS GINETES — (continuação) por Antonio José Lopes da Luz (Prior das Feteiras)	83
FRANCISCO MARIA SUPICÓ REPUBLICANO NA POLITICA REGENERADORA — SUAS RELAÇÕES COM ESCRITORES E POLITICOS—POR CORRESPONDEN- CIA INEDITA	115
D. FERNANDO—por Ayres Jacome Corrêa	125
BASE NAVAL DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE EM PONTA DELGADA—por * * *	138
CHRONICA LITTERARIA—por * * *	156
CHRONICA AGRARIA	173
EL-REI D. AFFONSO VI NO CASTELLO D'ANGRA	187
AMAR—por Ayres Jacome Corrêa	211
EPISTOLA—por José Pedro Soares	217
SONETOS	218
A LIBERTAÇÃO NA ILHA DE S. MIGUEL PELO CONDE DE VILLA FLÓR	219
LUCIAS ELEITORAES ENTRE O DEMOCRATISMO E O CONSERVANTISMO EM 1870—74. SUAS ORIGENS E SEUS EFEITOS	221
O ESTABELECIMENTO DOS PORTOS FRANCS NOS AçÓRES	235

